

**ZUNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

GERUZA TAVARES D'AVILA

**O ENSINO SUPERIOR COMO PROJETO PROFISSIONAL PARA “*SER
ALGUÉM*”:**

repercussões de um cursinho pré-vestibular popular na vida dos estudantes

FLORIANÓPOLIS

2006

GERUZA TAVARES D'AVILA

**O ENSINO SUPERIOR COMO PROJETO PROFISSIONAL PARA “*SER
ALGUÉM*”:**

repercussões de um cursinho pré-vestibular popular na vida dos estudantes

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

ORIENTADORA: PROF.^a DR.^a DULCE HELENA PENNA SOARES

CO-ORIENTADORA: PROF.^a DR.^a EDITE KRAWULSKI

FLORIANÓPOLIS

2006

Aos meus irmãos, Fran e Lú, e, especialmente,
aos meus pais, Mara e Sebastião.

Se alguém ama uma flor da qual só existe um
exemplar em milhões e milhões de estrelas,
isso basta para que seja feliz quando a
contempla (SAINT-EXUPÉRY, 1991, p. 30).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por tudo.

À UFSC, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e à Capes, pela oportunidade e pelo auxílio para a concretização deste estudo.

Ao Cursinho Pré-Vestibular Popular da UFSC – Inclusão para a vida, que me acolheu e atendeu aos meus pedidos, especialmente a Zezé, Kellyn, Lidiane, Amanda, Marcos, Thiago, Lucas, Joseana e Cláudia.

A todos os alunos do Cursinho, os quais me receberam tão carinhosamente e me acompanharam durante este trajeto, e aos participantes do estudo, por terem atendido prontamente minhas solicitações e dividido comigo algumas de suas histórias.

À minha orientadora, Dr.^a Dulce Helena Penna Soares, pelos conhecimentos comigo compartilhados, por respeitar meu tempo e meu ritmo de trabalho, me aceitando em todas as circunstâncias e por, mais uma vez, confiar em mim.

À Dr.^a Edite Krawulski, co-orientadora deste trabalho, pelo incentivo, seriedade, atenção e carinho a mim dispensados.

Às professoras Kátia Maheirie, Carla Cristina Dutra Búrigo, Maria Chalfin Coutinho e Andréa Vieira Zanella, pelo exemplo profissional de ensino e pesquisa na Universidade.

Aos membros da banca, que se dispuseram a participar da avaliação desta dissertação.

Aos amigos, tão presentes, que sempre me apoiaram e deram força em momentos difíceis, em especial a Déia, Fer, Quel, Marcos Paulo, Lú, Mariana, David, Katty, Andréia, Elisa, Fernanda, Sol e Glória.

Por último, aos meus irmãos e aos meus pais, pois sem vocês nada seria possível, nada teria sentido e um dos meus sonhos não estaria sendo concretizado.

RESUMO

D'AVILA, Geruza Tavares. **O ensino superior como projeto profissional para “ser alguém”**: repercussões de um cursinho pré-vestibular popular na vida dos estudantes. 2006. 105 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

Esta pesquisa tem como objetivo identificar quais as repercussões no projeto profissional de estudantes a partir de seu ingresso, em 2005, no Cursinho Pré-Vestibular Popular da Universidade Federal de Santa Catarina. Considerando a abordagem qualitativa, a entrevista semi-estruturada foi o instrumento para a coleta de dados. Os sujeitos foram sete alunos do Cursinho, sendo quatro mulheres e três homens, com idades entre 18 e 22 anos. Os achados da pesquisa, tratados com base na técnica de análise de conteúdo, permitiram identificar três grandes temas: o ensino superior; o projeto; e as repercussões do Cursinho para a vida dos sujeitos. Desses temas, emergiram sete categorias de análise, a saber: (a) as razões para o ingresso no ensino superior e (b) o acesso a esse ensino; (c) o futuro; (d) o projeto profissional; (e) a visão dos alunos; (f) a importância de terem sido “escolhidos”; e (g) as contribuições para a sua vida e seu futuro. Optar pelo ingresso no ensino superior é uma forma de incluir-se no mercado de trabalho, mediante a profissionalização, numa tentativa de ascensão no tecido social. Essa tentativa é decorrente do medo de permanecer à margem de algumas áreas da sociedade. O caminho de acesso à universidade brasileira, sobretudo nas instituições federais, está atrelado ao exame vestibular e é considerado longo e árduo. Projetar o futuro profissional significa entrar em contato, inicialmente, com um “grande vazio”, com a dúvida e a incerteza, mas significa também se relacionar com o passado e com o momento presente, situação em que predomina o pensamento otimista com relação ao futuro. O projeto de vida e o profissional, indissociáveis, direcionam-se para as escolhas de vida dos sujeitos, no entanto as condições sociais interferem fortemente em sua elaboração. A visão dos estudantes sobre o Cursinho é a melhor possível, sendo citados como aspectos diferenciais de outros pré-vestibulares a gratuidade e a localização. O Cursinho configurou-se como mais que uma oportunidade de acesso e preparação para o ingresso na universidade, sendo considerado o alunado como “vestibulando” desde o momento da entrada no referido curso. A inserção nesse pré-vestibular repercutiu positivamente e de forma imediata na vida dos participantes, transformando alguns de seus valores e visões de mundo, bem como resgatando e atualizando projetos que, anteriormente, estavam “esquecidos”. Em síntese, o projeto profissional de ingressar no ensino universitário torna-se fundamental para atingir o projeto de vida de “ser alguém”, sendo o Cursinho uma ferramenta para o aumento da inclusão social.

Palavras-chave: Ensino superior. Vestibular. Projeto profissional.

ABSTRACT

D`AVILA, Geruza Tavares. **Going to college as a professional project in order “to become a someone”**: repercussions of a popular pre-entrance examination course in students’ life. 2006. 105 pages. Thesis (Master’s degree in Psychology) - Pos-Graduation Program in Psychology in the Federal University of Santa Catarina, 2006.

The research hereby presented had as a main objective to identify the repercussions in the students’ professional life from the moment they begin participating in the Popular Pre-Entrance Examination Course of the Federal University of Santa Catarina. Taking into account the qualitative approach, the tool used in order to collect data was the semi-structured interview. There were seven students participating in this research, being four of them women and the other three, men, aged between 18 and 22 years old. The findings, which were treated based in the technique of Content Analysis, made it possible to identify three main themes: college, life project as well as professional and the repercussions of the pre-entrance examination course in the life of the studied subjects. From these themes appeared seven categories of analysis, which are: (a) the reasons why people want to attend a course at college and (b) the access to it; (c) the future and (d) the professional project, and in relation to the last theme, (e) the students’ view, (f) the importance of having “being chosen” and (g) the contributions of this to their lives and so, to their future. The option of entering in a college is considered by the participants as a way of getting included in the job market through professionalization in an attempt to rise in the social tissue. This mentioned attempt is a consequence of the fear of being kept aside in some areas of society. The access to a Brazilian university, mainly the public ones, passes through an Entrance – Examination (Vestibular) and it is seen as a long and hard way. Planning the professional future means above all to enter in contact with a great feeling of emptiness, with doubt and uncertainty. However, it also means relating to the past and to the present moment, keeping in mind the optimistic thought towards the future. Both projects life and professional, which are not separable, are directed to the subjects’ choices in life, though, the social conditions strongly interfere in their elaborations. The students’ view about the pre-entrance examination course is the best possible, mainly because if compared to the others, this one is free and well-located. The Course was seen as more than just an opportunity of accessing and getting ready to the university. The students were even considered “candidates” of the entrance-examination since the beginning of the classes. It is important to mention that by participating in this Course, the participants’ lives were affected positively and in a very immediate way, changing some of their values and world visions, as well as searching for and up-dating projects that were previously forgotten and left aside. Summarizing, it is feasible to state that the professional project of attending a college course, which can become real by the participation in the pre-entrance examination course, leads to the fact of achieving the life project of “becoming a someone”. Thus, the pre-entrance examination course in this case can be seen as a tool used to increase social inclusion.

Key-words: College. Entrance-examination (vestibular). Professional project.

LISTA DE SIGLAS

CEPSH – Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos
CREA – Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
FAPEU – Fundação de Amparo à Pesquisa e Extensão Universitária
HU – Hospital Universitário
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
LIOP – Laboratório de Informação e Orientação Profissional
MEC – Ministério da Educação
OP – Orientação Profissional
OV – Orientação ao Vestibulando
PAS – Programa de Avaliação Seriado
PEIES – Programa de Ingresso ao Ensino Superior da Universidade Federal de Santa Maria
PET – Programa de Educação Tutorial
PREG – Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Pró-Uni – Programa Universidade para Todos
SAPSI – Serviço de Atendimento Psicológico
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 MARCO TEÓRICO.....	15
2.1 Trabalho e Profissionalização	15
2.2 As Noções de Projeto e Identidade	19
2.3 A Orientação Profissional (OP)	25
3 CONTEXTUALIZAÇÃO	27
3.1 O Acesso ao Ensino Superior e o Vestibular.....	27
3.2 Os Cursos Pré-Vestibulares	31
3.3 O Curso Pré-Vestibular Popular da UFSC – Inclusão para a Vida.....	33
4 CAMINHO PERCORRIDO.....	37
4.1 Caracterização do Estudo	37
4.2 A Fase Exploratória da Pesquisa.....	38
4.3 Participantes do Estudo	41
4.4 Coleta e Análise de Dados.....	42
4.4.1 Instrumento da pesquisa.....	42
4.4.2 Processo de coleta de dados.....	43
4.4.3 Análise do material coletado.....	44
5 ACHADOS DA PESQUISA.....	45
5.1 Perfil e Descrição dos Participantes	45
5.1.1 Sofia.....	47
5.1.2 Lua	48
5.1.3 Pedro	50
5.1.4 Regina	51
5.1.5 Kissyla	54
5.1.6 Vítor.....	55
5.1.7 Diego.....	57
5.2 Apresentação, Análise e Discussão dos Temas e Categorias	59
5.2.1 O ensino superior.....	59
5.2.2 O projeto	68
5.2.3 O Curso Pré-Vestibular Popular – Inclusão para a Vida	75
6 SÍNTESE FINAL.....	85
REFERÊNCIAS	88
APÊNDICES	95
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	96
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA.....	98
ANEXOS.....	101
ANEXO A – PARECER NÚMERO 369/05.....	102

1 INTRODUÇÃO

A atitude crítica no estudo é a mesma que deve ser tomada diante do mundo, da realidade, da existência. Uma atitude de adentramento com a qual se vá alcançando a razão de ser dos fatos cada vez mais lucidamente. (FREIRE, 1982).

A presente dissertação de mestrado versa sobre o futuro profissional de estudantes egressos do ensino médio público, especificamente aqueles que aspiram a ingressar no ensino de nível universitário.

Compreendida a partir de um ponto de vista histórico, a educação no Brasil é geralmente considerada secundária perante outros sistemas sociais tais como o político e o econômico, por exemplo. A implementação do ensino de nível superior no país ocorreu com o objetivo de atender à elite brasileira (BONFIM, 2003; ROMANELLI, 1994), sendo observado, ainda hoje, que a maioria capaz de percorrer o difícil caminho até a porta de uma universidade continua sendo oriunda das camadas mais privilegiadas socioeconomicamente.

Dessa forma, os sujeitos das camadas menos favorecidas, quando pretendem ingressar na universidade, ficam à margem de uma boa preparação para os exames de admissão nesse nível de ensino, haja vista que estes são feitos através do vestibular, um exame classificatório que se configura não apenas como medidor de conhecimentos mas também como gerador de ansiedade naqueles que o realizam.

Bonfim (2003) explica que o ingresso universitário da população de baixa renda econômica, quando possível, tem ocorrido nos cursos noturnos, os quais ainda não são ofertados de maneira expressiva nas universidades públicas. O acesso à universidade também pode ocorrer, segundo a autora, mediante a escolha por cursos de graduação menos procurados pelos candidatos, o que favorece essa parcela da população, que nem sempre pode preparar-se em nível de conhecimentos para uma prova como é o vestibular.

O trabalho que ora se apresenta dá continuação aos estudos da autora com o tema “exame vestibular”. Duas pesquisas foram realizadas: “Vestibular - Fatores geradores de ansiedade na ‘Cena da Prova’”, a qual identificou alguns fatores capazes de gerar ansiedade nos candidatos ao exame vestibular diante da prova, tais como o medo da reprovação e o medo de decepcionar seus pais (D’AVILA; SOARES, 2003), e “A Orientação ao Vestibulando (OV): aliviando a ansiedade no mês anterior ao Exame” (PIMENTEL; D’AVILA; SOARES, 2005), que avaliou algumas técnicas utilizadas em processo de preparação psicológica diante do exame vestibular, a OV. Nesta última, a partir de entrevistas

realizadas após a realização do exame vestibular, foi possível constatar uma redução na ansiedade dos vestibulandos em face da prova de seleção.

A atividade da autora como orientadora profissional no Cursinho Pré-Vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no ano de 2005, também contribuiu para que suscitasse inquietações que conduziram ao presente estudo. O interesse voltava-se à questão do futuro, sobretudo em relação aos aspectos profissionais, pois, ante o crescente desemprego e as precárias condições de trabalho da sociedade capitalista, o que se poderia esperar acerca do futuro? Qual seria o papel do ensino superior perante esse contexto? É possível planejar-se profissionalmente quando o acesso à universidade está condicionado ao vestibular? Somavam-se a essas perguntas outras, relacionadas à preparação dos sujeitos para o concurso.

O Cursinho Pré-Vestibular Popular da UFSC assim como as demais escolas de ensino propedêutico para a universidade surgiram em virtude da existência do exame vestibular como critério de seleção e ingresso ao ensino superior, sobretudo nas instituições federais brasileiras, que possuem os processos seletivos mais concorridos. Para as camadas populares, estão depositadas nessas instituições as maiores chances de se tornar um profissional graduado e, assim, de possuir mais oportunidades para disputar um espaço no mercado de trabalho, alcançando um projeto profissional e a realização na vida profissional.

Nesse Cursinho, o objetivo principal é o de viabilizar e aumentar a inclusão social de pessoas menos favorecidas socioeconomicamente. No entanto, busca-se, concomitantemente, auxiliar os egressos não aprovados nas provas vestibulares a retornar ao mercado de trabalho e também acompanhar os alunos aprovados em cursos de graduação da Universidade. Uma peculiaridade desse curso pré-vestibular é o fato de ser realizado na própria instituição em que os estudantes possivelmente estudarão. Quanto ao seu alunado, todos são concluintes do ensino médio da rede pública de ensino, residindo próximo ao local das aulas. Os alunos podem ser divididos em dois grupos: aqueles que receberam isenção da taxa de inscrição do exame vestibular; e servidores da instituição, bem como seus dependentes e/ou funcionários de empresas e fundações que prestam serviços à Universidade.

O objetivo deste estudo foi compreender as possíveis repercussões no projeto profissional dos estudantes a partir de seu ingresso no Cursinho Pré-Vestibular Popular da UFSC. Com base em Minayo (2004, p. 97), a qual afirma que o objeto de pesquisa “pode ser colocado em forma de pergunta”, formulou-se a seguinte questão: **quais as possíveis repercussões no projeto profissional dos estudantes a partir da sua entrada no Cursinho Pré-Vestibular Popular da UFSC?**

Como objetivos específicos, pretendeu-se:

- a) identificar a noção¹ de futuro profissional² para estudantes que freqüentaram o Cursinho Pré-Vestibular Popular da UFSC;
- b) verificar quais eram os projetos profissionais dos sujeitos anteriormente ao seu ingresso no referido cursinho e como eles se atualizam, com a sua inserção nesse espaço; e
- c) identificar qual a relação que os sujeitos estabelecem entre o Cursinho Pré-Vestibular Popular da UFSC e o seu projeto profissional.

Partiu-se do pressuposto de que a inserção dos sujeitos em um cursinho popular gratuito e no interior de uma universidade federal, tal como é o Cursinho da UFSC, no mínimo, interfere sobre sua vida, pessoal e profissional, pois, anteriormente à entrada do alunado no cursinho, o projeto profissional configurava-se de uma maneira. Pergunta-se: como esse projeto poderá configurar-se em face da finalização do pré-vestibular? Poderá ter o Cursinho uma contribuição quanto à reorganização desse projeto?

A fim de vislumbrar possíveis respostas a essas questões, foram entrevistados durante o mês antecedente ao Exame três alunos que freqüentaram o Cursinho desde abril de 2005 e quatro alunos matriculados em agosto do mesmo ano. Os dados foram analisados por meio da Análise de Conteúdo, e as categorias foram emergindo após a transcrição e a leitura das entrevistas.

A justificativa para a realização de pesquisas de natureza científica dá-se pela sua relevância teórica e social (LUNA, 2003). No que concerne à relevância teórica, a presente pesquisa justifica-se, principalmente, considerando o número ainda inexpressivo de trabalhos referentes às categorias “projeto profissional” e “cursinhos pré-vestibulares”.

Na busca realizada nas bases de dados Index Psi e Scielo, em agosto de 2005, pelas categorias projeto profissional e pré-vestibulares, populares ou alternativos, identificaram-se poucas pesquisas, sobretudo nas áreas de Psicologia, Educação e, mais recentemente, Geografia.

¹ Minayo (2004, p. 93) faz distinção entre teoria, conceito, noção e categoria. Por noção, a autora entende “aqueles elementos de uma teoria que ainda não apresentam clareza suficiente e são usados como ‘imagens’ na explicação do real”.

² Entendem-se algumas diferenças entre o conceito de projeto e futuro profissional. No primeiro termo, o pensamento sobre objetivos e metas profissionais é mais elaborado e em longo prazo. Com relação ao segundo termo, este se refere a um planejamento mais imediato sobre a trajetória profissional futura.

Com relação ao projeto profissional, Souza (1997) tece algumas reflexões sobre trabalho, identidade e projeto de vida no processo de orientação profissional, ancorando-se no referencial teórico de Moffat sobre o projeto de vida dos sujeitos.

Strey et al. (1995) também desenvolveram pesquisa sobre o projeto profissional. Entretanto, analisaram as diferenças entre homens e mulheres quanto à construção de um projeto profissional, a partir de dados encontrados em uma pesquisa realizada em Madri (Espanha).

Já Ehrlich (2002), em dissertação de mestrado na área de Orientação Profissional (OP), realizou pesquisa de cunho conceitual acerca das contribuições da proposta ontológica sartriana para o projeto profissional dos sujeitos, especificamente do conceito do filósofo sobre o projeto de ser.

No que se refere aos cursinhos pré-vestibulares, as referências são ainda mais escassas. Os trabalhos de Bacchetto (2003) e Bonfim (2003) constituem-se como principais sobre o assunto. Anteriormente, Freitas (1984) havia estudado a posição dos cursinhos dentro do sistema de ensino brasileiro e afirmou que eles, apesar de constituírem um nível do sistema, não integram as teorias educacionais que circulam na sociedade.

Na área da Geografia, Castro (2005, p. 100) defende a idéia de que os cursinhos alternativos e populares são “oriundos das contradições produzidas e reproduzidas pela sociedade brasileira ao longo de sua trajetória”. Tais espaços educacionais necessitam ganhar um reconhecimento acerca de sua representação em âmbito nacional, deixando de ser vistos como descartáveis e apenas vinculados ao vestibular, uma vez que são considerados pelo mesmo autor como uma expressão de parte de uma luta mais geral contra a “sociedade do capital”.

Assim, o presente trabalho, além de lançar luz sobre a construção do projeto profissional dos estudantes de cursinhos pré-vestibulares, oferece a possibilidade de auxiliar os próprios orientadores profissionais, contribuindo para a sua formação e também para a ampliação da orientação profissional (OP) como vertente teórico-prática. Ainda, pode fornecer subsídios para a criação de políticas públicas em várias instituições em torno da questão da vida pessoal e profissional, da cidadania, da orientação e planejamento de carreira e da qualificação profissional em diversas áreas.

Os resultados ainda poderão ser utilizados como justificativa para a elaboração de programas de OP nas escolas de ensino médio, públicas ou privadas, como também nos cursinhos pré-vestibulares, populares ou não. Além disso, poderá aprimorar e consolidar o trabalho que vem sendo feito pelo Laboratório de Informação e Orientação Profissional

(LIOP) do Departamento de Psicologia da UFSC, tanto no que se refere ao ensino e à pesquisa, quanto ajudando diretamente jovens e adultos, na medida em que possibilitará uma melhor compreensão das principais inquietações de ambos sobre o seu futuro profissional, levando-os a considerar as implicações dessas inquietações em sua vida e no mundo do trabalho, tal como este se apresenta hoje.

Os demais capítulos do trabalho são apresentados na seguinte ordem:

- a) Marco Teórico: busca fundamentar teoricamente a temática estudada, a partir de algumas áreas do conhecimento, além da Psicologia;
- b) Contextualização: procura-se levantar informações que evidenciem a realidade nacional acerca do acesso ao ensino superior e sobre o local de realização da presente dissertação;
- c) Caminho Percorrido: neste capítulo são explicadas a caracterização do estudo e a fase exploratória da pesquisa, bem como os demais procedimentos para a escolha dos participantes e a coleta e análise de dados;
- d) Achados da Pesquisa: neste capítulo, além de descrever quem foram os informantes, de forma sucinta e também detalhada, são apresentadas as sete categorias elaboradas a partir da Análise de Conteúdo, buscando responder aos objetivos da pesquisa; e
- e) Síntese Final: são enfatizadas as principais “conclusões” obtidas a partir do estudo, bem como algumas recomendações para futuras pesquisas.

2 MARCO TEÓRICO

Hoje não alimento mais certezas. Aliás, tenho a certeza de que não há um caminho único. O mundo não é fruto apenas de coisas ou certas ou erradas. Há mil caminhos. Há vida polimorfa sempre se metamorfoseando.
(CIAMPA, 2001, p. 247).

Em pesquisas de natureza qualitativa, a idéia de marco teórico remete à reunião de elaborações capazes de referenciar a temática a ser desenvolvida pelo pesquisador, permitindo-lhe estabelecer questões fundamentais para a compreensão da realidade empírica: é “o caminho do pensamento que orientará todo o trabalho” (MINAYO, 2004, p. 99). Nesse sentido, a fundamentação apresentada a seguir está pautada na busca de uma noção acerca da relação do ser humano com o seu futuro e com o seu trabalho, bem como da OP, sem pretender, no entanto, abordar à exaustão esses temas.

2.1 Trabalho e Profissionalização

A temática “Projeto Profissional” exige que se abordem as questões do trabalho e da profissionalização, especialmente quando se refere a projeto profissional de vestibulandos que de alguma forma já estão inseridos no sistema de produção, seja via estágio, seja via emprego formal.

Uma primeira pergunta a ser formulada, então, é: de qual trabalho se está falando? Sinteticamente, o processo de trabalho pode ser considerado como atividade humana que objetiva a produção de algo capaz de suprir necessidades ou capaz de ser útil para algum fim. Esse processo se concretiza pela relação entre o homem e a natureza, em que ambos se modificam e são modificados um pelo outro. Portanto, a relação que se estabelece é, antes de tudo, dialética. O trabalho humano se diferencia do trabalho dos demais animais, principalmente, por ser consciente: o homem é capaz de projetar, criar, decidir e utilizar instrumentos em seu processo de trabalho (MARX, 1983). De acordo com a célebre frase de Marx, é a capacidade de planejamento que distingue o pior dos arquitetos da melhor das abelhas.

Hoje, a realidade do chamado “mundo do trabalho” é contraditória: enquanto alguns sofrem com a falta de trabalho, outros sofrem com a intensa sobrecarga de trabalho. Como afirma a pesquisadora francesa Morin (2001, p. 9),

assistimos hoje a transformações importantes no mundo do trabalho. Novas formas de organização aparecem, e a natureza se modifica. Observamos o desaparecimento de empregos permanentes e, simultaneamente, aparecem novas tecnologias e formas inovadoras de organização de trabalho. Ao mesmo tempo em que milhares de pessoas sofrem pela falta de uma vaga, outras sofrem pelo fato de terem que trabalhar excessivamente.

É importante definir aqui a diferença entre trabalho e emprego: na maioria das vezes, o trabalho aparece ligado a atividades remuneradas e, quando estas possuem vínculo legal, recebem a denominação de emprego. O emprego, no entanto, circunscreve uma relação de trabalho, estando relacionado à idéia de salário e ao consentimento do sujeito em permitir que outro(s) dite(m) o que deve fazer (MORIN, 2001). Singer (2003, p. 12) explica que “o emprego resulta de um contrato pelo qual o empregador compra a força de trabalho ou a capacidade de produzir do empregado [...]. A firma empregadora é o comprador, o demandante e, como tal, paga o preço da mercadoria – o salário”.

Mesmo com as metamorfoses do mundo do trabalho (ANTUNES, 1995), este ainda é considerado, na vida daqueles que exercem atividade produtiva formal ou informal, como a principal fonte de significados em suas vidas. Para Coutinho (1993, p. 120), o trabalho se configura como elemento constitutivo do sujeito, possuindo “um papel mediador entre o mundo subjetivo (do sujeito) e o mundo objetivo (real, concreto). Pelo trabalho o homem se apropria do mundo objetivo, transformando a si mesmo, ou seja, construindo-se ao mesmo tempo em que transforma o real”.

Antunes (2005), contrapondo-se a autores como Claus Offe, Jürgen Habermas e André Gorz, diz que a categoria “trabalho” ainda não perdeu sua centralidade no mundo contemporâneo. Além de observar a ampliação do contingente de pessoas que vivem da venda de sua força de trabalho, o mesmo autor continua defendendo a idéia de uma emancipação humana através do labor.

O trabalho pode variar em seus sentidos e, em nosso meio, pode trazer uma idéia de incompatibilidade com outras áreas de nossas vidas, ou mesmo, aversão. O próprio vocábulo indica tal significação: “trabalhar: do latim *tripaliare*, martirizar com o *tripalium* (instrumento de tortura); 1. Ocupar-se de algum mister, exercer o seu ofício, aplicar sua atividade” (FERREIRA, 1993, p. 541).

Ao tecer considerações sobre identidade e trabalho, Coutinho (1999, p. 34-35) sugere que, “da mesma forma como quem trabalha se identifica como trabalhador, a ausência de trabalho, ocasionada pelo desemprego, também seria indicadora de uma identidade, no caso, de não-trabalhador, ou desempregado”. Assim, estudar identidade e trabalho nas sociedades capitalistas ocidentais, atualmente, significa estudar também como repercutem as transformações que vêm ocorrendo no mundo do trabalho sobre os sujeitos, estejam estes empregados ou não (COUTINHO, 2006).

Para Singer (2003, p. 13),

A concorrência intensificada entre as empresas obriga-as a reduzir custos e, portanto, a aumentar ao máximo a produtividade do trabalho, o que implica reduzir também ao máximo a compra de força de trabalho. Os desempregados, que outrora eram denominados de exército industrial de reserva, desempenham o mesmo papel que as mercadorias que sobram nas prateleiras: eles evitam que os salários subam.

Antunes (2000, p. 100) procura entender quem são os trabalhadores de hoje, isto é, os “novos” proletários: “o que denominei a classe-que-vive-do-trabalho compreende a totalidade dos assalariados, homens e mulheres que vivem da venda da sua força de trabalho e que são despossuídos dos meios de produção”. Como se pode perceber, o autor parte de uma perspectiva marxista para definir sua concepção de trabalho e, logo, considera como classe trabalhadora todos os sujeitos que vendem ou desejam vender sua força de trabalho.

Não se pretende discorrer sobre as diversas transformações pelas quais o trabalho e as relações sociais, políticas e econômicas vêm passando. Entretanto, considera-se relevante marcar aqui a crescente competitividade entre as empresas capitalistas, que almejam sempre a “conquista” de seu mercado, e suas “novas” formas de gestão da força de trabalho. Para Coutinho (1999, p. 35),

se até bem pouco modernizar era sinônimo de investir em novos equipamentos, hoje cada vez mais a modernização está associada com “novas” estratégias de gestão da força de trabalho, tanto em termos de reorganização do processo produtivo, como em termos de políticas de recursos humanos.

Logo, tal fato apresenta reflexos bastante significativos quanto ao comprometimento e à participação dos sujeitos com o seu trabalho, sobretudo àqueles que possuem vínculo empregatício com determinada organização. Se, tradicionalmente, as organizações delegavam

aos seus empregados apenas a execução de suas atividades, sem questioná-las ou refletir sobre elas, já que essa tarefa competia aos gerentes da empresa, hoje, ao contrário, as organizações demandam um outro tipo de profissional, que participa ativamente dos processos organizacionais (COUTINHO, 1999, 2006).

De acordo com Martins (2001), por trás do discurso da modernização e da reestruturação produtiva, há uma ênfase, por parte das organizações, em exigir do trabalhador maior qualificação, escolaridade, bem como intensa responsabilidade, comprometimento e participação no local onde trabalha. Esse novo profissional demanda que o trabalhador, além de qualificado, seja “autônomo, criativo, polivalente” (COUTINHO, 2006, p. 21).

Pelo lado das empresas e seus gestores, verifica-se uma preocupação com a falta de profissionais considerados “qualificados”. Em uma revista de alta circulação nacional, Silveira (2006) colheu referências a uma “crise de talentos” ao entrevistar diretores de recursos humanos de grandes empresas. Em suas palavras,

em se tratando de Brasil, onde o número de desempregados nas cinco regiões chega a 2 milhões, segundo o IBGE, isso se torna um paradoxo. Com tanta gente disponível, por que essas vagas não são rapidamente ocupadas? “Faltam talentos no mercado”, afirma Lauro Chacon, diretor de recursos humanos [...]. “É por isso que o problema do Brasil não é o desemprego, mas o desempregado. As pessoas não estão qualificadas para atender ao desafio das empresas”. (SILVEIRA, 2006, p. 31).

Difícilmente o sujeito poderá empregar esforços para ampliar sua qualificação profissional quando enfrenta uma situação de desemprego, isto é, de exclusão no mercado de trabalho formal. A realidade desse mercado é extremamente dura para com o trabalhador, exigindo competências e qualificações por vezes bem distantes do que ele pode atingir.

Ancorada em Antunes, Lisboa (2002) considera que o discurso da qualificação configura-se como um mero requisito ideológico contra o trabalhador. Observa-se, no geral, que esse discurso acerca da qualificação acaba sendo incorporado também pelos jovens, os quais consideram que é preciso ter escolaridade maior para conseguir uma oportunidade no mercado de trabalho: “o importante, contudo, é que a pressão sobre a mão-de-obra é feita no sentido do aumento da escolaridade” (MARTINS, 2001, p. 69). Logo, muitos procuram os cursos de graduação como mais uma possibilidade de “adentrar” o concorrido emprego formal, já que, dessa forma, aumentarão sua escolaridade, embora o ensino superior não deveria ser realizado apenas para suprir essa finalidade.

Soares (2002, p. 68) aponta uma contradição social da qual todos estão à mercê: “se o jovem, de um lado, é estimulado pela sociedade e pela família a fazer um curso superior, por outro, essa mesma sociedade, por meio do Estado e do sistema educacional oferecido, não dá condições a todos de cursá-lo”. A mesma autora afirma que, devido à competição do vestibular, essa contradição não é percebida pelos candidatos desse exame. Dessa maneira, a situação nunca muda, e a culpa de “não passar”, sobretudo em universidades públicas, acaba sendo delegada exclusivamente aos estudantes.

Para Schiessl e Sarriera (2004, p. 63-64),

O desejo de frequentar um curso superior é acompanhado de grandes expectativas de independência, estabilidade, status, realização e preparação para a inserção no mercado de trabalho. Os alunos esperam, com a formação universitária, melhorar seu padrão de vida, o que lhe possibilitará a satisfação de necessidades e a inserção no mercado de trabalho.

Seria impossível aqui esgotar a discussão sobre trabalho e profissionalização. Entretanto, a partir de tais constatações, o que jovens e adultos podem esperar de seu futuro profissional? Como se pode compreender seu projeto de vida e seu projeto profissional? Para tentar vislumbrar uma possível resposta, são apresentadas a seguir algumas noções sobre a categoria “projeto profissional”.

2.2 As Noções de Projeto e Identidade

A sociedade contemporânea é caracterizada por uma extrema complexidade e dinamismo, uma vez que um “mundo de possibilidades”, de diversidades e de escolhas está disponível para os indivíduos a todo o momento (GIDDENS, 1993). Tornam-se fundamentais, então, o pensamento e o planejamento acerca do futuro individual, ou seja, do projeto.

A noção de projeto de vida e/ou profissional está intimamente ligada às condições de possibilidade de uma pessoa, ao futuro, àquilo que é desconhecido e sem certezas. Por outro lado, o futuro possui também certa previsibilidade quando o sujeito pensa sobre as suas condições de vida presentes e assim lança ao longe suas possibilidades. O projeto seria, então, a própria identidade do sujeito (MAHEIRIE, 1994).

Sarriera, Câmara e Berlim (2006) comparam o projeto de vida (ou projeto vital) a um motor que direcionaria as buscas e mudanças na vida dos jovens. Nesta dissertação, a noção

de projeto de vida e profissional está alicerçada à questão da identidade humana, uma vez que esta última engloba também as condições de possibilidade de uma pessoa, isto é, o seu projeto.

Identidade, antes de tudo, é um conceito “carregado de polissemia” (LAGO, 1998) e uma preocupação da sociedade ocidental individualista (DUMONT, 1985). Várias áreas se ocupam da questão da identidade: a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia, a Filosofia, além de outras ciências ditas humanas e sociais. Logo, falar em identidade humana é um tanto complexo e exige um posicionamento teórico. Como explica Hall,

estamos observando, nos últimos anos, uma verdadeira explosão discursiva em torno do conceito de “identidade”. O conceito tem sido submetido, ao mesmo tempo, a uma severa crítica. [...] Está-se efetuando uma completa desconstrução das perspectivas identitárias em uma variedade de áreas disciplinares, todas as quais, de uma forma ou de outra, criticam a idéia de uma identidade integral, originária e unificada. (HALL, 2005, p. 103).

A preocupação com a questão da identidade se intensificou, de acordo com Velho (1994), a partir da complexidade e da heterogeneidade de visões de mundo e de estilos de vida que convivem nas sociedades ocidentais contemporâneas¹. Assim como Hall (2005), Velho (1994) considera não só a fragmentação dos diversos valores e referências pelos quais o indivíduo transita no mundo moderno, como também a fragmentação do próprio indivíduo; por isso mesmo é que dificilmente poderia existir uma identidade integral e/ou unificada.

As sociedades ocidentais modernas possuem uma ideologia acentuadamente individualista, em que o homem é sempre seu centro e sua base. Nas palavras de Velho (1994, p. 99), “a trajetória do indivíduo passa a ter um significado crucial como elemento não mais contido mas constituidor da sociedade”.

Além disso, a identidade sempre remeteu à idéia de pertença ou adesão a uma ou mais classes, podendo servir para acentuar ainda mais algumas fronteiras sociais, políticas, econômicas, etc. É por isso que tal categoria “deve ser vista não como apenas científica, nem meramente acadêmica: é sobretudo uma questão social, uma questão política” (CIAMPA, 2001, p. 127). No presente trabalho, concordando com Ciampa (2001), defendem-se a transformação e a superação de determinadas condições e fatores de nível social, econômico, político, cultural e histórico, em favor do desenvolvimento dos sujeitos como seres humanos:

¹ Não é discutida nesta dissertação a modernidade, ou contemporaneidade, e as suas repercussões nas sociedades capitalistas. Para aprofundar tal temática, pode-se consultar autores como Giddens (1993), Harvey (1994) ou Sennet (1993).

“ter uma identidade humana é ser identificado e identificar-se como humano” (CIAMPA, 2001, p. 38).

Buscando uma possível definição para tal fenômeno, são úteis aqui contribuições de autores com enfoques oriundos da Psicologia Social, conforme apresentado por Krawulski (2004, p. 24): “um conjunto de características próprias de um indivíduo, que o tornam diferente de outros e que vão sendo construídos nas e pelas relações sociais, bem como através dos diferentes papéis que esse indivíduo desempenha ao longo de sua trajetória existencial”.

Uma visão comum de identidade, porém não menos importante, é apresentada por Ferreira (1993, p. 291): “1. qualidade de idêntico (perfeitamente igual); 2. os caracteres próprios e exclusivos duma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, etc.”. Tais atributos são necessários para o processo de construção de uma identidade, quantificando-a e qualificando-a; entretanto, eles não são suficientes para singularizar os seres humanos.

Para explicar o fenômeno “identidade”, essencialmente social, Ciampa (2001) utiliza como base a Lógica de Hegel e o materialismo histórico dialético de Marx e de Habermas. Para Ciampa, a categoria “identidade” está relacionada reciprocamente a outras duas categorias teóricas: consciência e atividade. Por isso, não somente os substantivos, os adjetivos e os verbos serão capazes de dizer quem a pessoa é; estes são os dados quantitativos e qualitativos de uma identidade, mas ela é mais do que isso: deve ser vista como metamorfose, como materialidade, como a expressão do movimento constante do social, sem significar, no entanto, um sujeito fragmentado, como defendem alguns autores, tais como Hall (2005), Silva (2004) e Velho (1994).

A noção de identidade abordada nesta dissertação é um processo: “o processo permanente de formação e transformação do sujeito humano, que se dá dentro de condições materiais e históricas dadas” (CIAMPA, 1998, p. 87). Além disso, é um processo dialético: “identidade é história. Isto nos permite afirmar que não há personagens fora de uma história, assim como não há história (ao menos história humana) sem personagens” (CIAMPA, 2001, p. 157).

Como visto, a identidade humana, sob a ótica de Ciampa (2001), contempla o projeto de vida das pessoas. O projeto, nesse sentido, também deve ser entendido como categoria social e processual, altamente dinâmica. Cabe ressaltar que alguns autores entendem o projeto como categoria complementar ao entendimento da identidade e da memória (VELHO, 1994) ou da consciência (MAHEIRIE, 2002; SARTRE, 1987, 2000).

A noção mais geral acerca do projeto refere-se à antecipação de possibilidades, isto é, “qualquer previsão, predição, predisposição, plano, ordenação, predeterminação, etc., bem como modo de ser ou de agir próprio de quem recorre a possibilidades” (ABBAGNANO, 1998, p. 800).

Para Velho (1994), o projeto, a identidade e a memória estão de alguma forma “amarrados”. A memória garante consistência ao projeto, já que permite uma visão retrospectiva e, de certa forma, organizada de uma trajetória de vida; o projeto é uma antecipação, no futuro, dessa biografia, e a identidade assume significado graças à associação e à articulação da memória e do projeto de vida. Segundo o autor, somente é possível falar em projetos de vida quando ligados a uma individualidade singular: nas sociedades ocidentais de ideologias individualistas é só o indivíduo que faz planos.

De acordo com Abbagnano (1998), foi Heidegger quem introduziu a noção de projeto como categoria de análise a partir de uma concepção existencialista. Nesta, o projeto é a “constituição ontológica do homem” (ABBAGNANO, 1998, p. 800). Sartre, mais adiante, também utilizou os conceitos já desenvolvidos por Heidegger.

Sartre (1987, 2000) teceu considerações sobre a idéia de projeto. Sua noção mais geral acerca do projeto poderia ser descrita como o movimento do sujeito no mundo em direção àquilo que ele pretende e que, ao mesmo tempo, é desconhecido e também é novo; o impulso em direção ao que ainda não existe, ao desejo de ser do sujeito. A definição de um projeto de vida ou de um projeto profissional implica uma escolha do que se deseja ser e do que se deseja realizar no mundo. Implica o sujeito escolher estratégias e meios para a realização do ser no mundo.

Maheirie (1994), baseada na concepção sartreana acerca da identidade e do projeto, afirma que, mesmo quando as escolhas e as possibilidades dos homens são limitadas ou mesmo impossibilitadas pelas condições objetivas do meio, o momento atual deles pode ser definido pelo seu projeto de ser. Assim, a identidade é o projeto. Nas palavras da autora,

o projeto está tão arraigado nos homens, que seu próprio conhecimento revela a situação atual. Ele mostra o futuro, o ainda não, a falta, aquilo que está ausente e esta ausência revela o hoje, a realidade atual. É uma possibilidade de futuro e uma compreensão do presente. (MAHEIRIE, 1994, p. 119).

Para Maheirie (1994) e Sawaia (1999), estudar a identidade é também um ato político, uma vez que a compreensão sobre determinado fenômeno acarreta uma transformação: da realidade e também dos próprios pesquisadores.

De qualquer forma, falar em projeto é falar em alternativas possíveis na vida de uma pessoa: uma identidade futura que expressa a inesgotável plasticidade do humano diante das condições objetivamente dadas (CIAMPA, 2001, p. 35).

Etimologicamente, encontra-se como projetar: “1. fazer projeto de. 2. atirar longe, arremessar. 3. reproduzir em tela (filmes, etc.). 4. precipitar” (FERREIRA, 1993, p. 445). A relação com o futuro fica implícita.

No projeto deve existir uma unidade entre subjetividade e objetividade; sem essa unidade, a primeira é desejo que não se concretiza, e a segunda é finalidade sem realização. Entretanto, não é porque um projeto não se concretiza que ele não é ou foi real (CIAMPA, 2001). É dessa forma que “todas as manifestações de um homem, ou seja, seus atos, gestos e trabalho, são precisamente em função de seu projeto” (MAHEIRIE, 1994, p. 123).

Velho (1994, p. 103) nos chama a atenção para o fato de o sujeito poder possuir mais de um projeto; poderá existir um principal e outros a ele subordinados. Mesmo assim, o “projeto relaciona-se com o campo de possibilidades de uma pessoa e existe, sobretudo, como meio de comunicação, como maneira de expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos, aspirações para o mundo”. O fato de elaborar projetos e de imaginar o futuro é uma capacidade essencialmente humana (GOGUELIN; KRAU, 1992). Soares (1997) argumenta sobre os projetos em curto prazo, mais imediatos, e os projetos em longo prazo.

É a elaboração de um ou mais projetos que poderá direcionar os esforços do sujeito para os objetivos e planos que pretende alcançar e, desta forma, evita-se dispersão (SARRIERA; CÂMARA; BERLIM, 2006).

Soares (2002), fundamentada em Bohoslavsky, afirma que a identidade também pode ser compreendida a partir de suas especificidades: identidade pessoal, identidade partidária, identidade religiosa, identidade profissional e vocacional², entre outras. Da mesma maneira, o projeto profissional também pode ser entendido como uma das várias perspectivas que o projeto de vida contempla.

Assim como constatou Sestren (2004), para abordar a questão do projeto profissional, é necessário que o pesquisador encontre uma postura teórico-epistemológica a partir dos

² Para Bohoslavsky (1983, p. 63), “a resposta ao porquê, para quê e como da escolha de uma profissão corresponde ao exame da identidade vocacional; a resposta ao quando, onde, com quê, com quem e como desempenhar um papel produtivo na estrutura social remete ao exame da identidade profissional”.

diversos caminhos existentes no âmbito da OP que tentam entender como as pessoas constroem seus planos para um futuro profissional. De acordo com Sestren,

a proposta é compreender o processo de construção do projeto profissional, a projeção do sujeito no mundo do trabalho, através das relações sociais concretas que o indivíduo vem estabelecendo em sua história de vida [...]. Desta forma, o projeto profissional está em constante transformação, simbolizando assim sua constante construção e reconstrução. (SESTREN, 2004, p. 49).

Soares (2002), no entanto, considera uma crescente dificuldade pensar e planejar o futuro profissional de um sujeito: quais os projetos profissionais possíveis diante de um mundo do trabalho permeado de contradições, insegurança e acirrada competitividade? Na concepção dessa autora, diante do panorama social, político e econômico atual, os pontos negativos, os constantes paradoxos e as poucas perspectivas de futuro atrapalham as pessoas que pretendem o desenvolvimento de uma carreira³.

A esse respeito, Lisboa (2002) afirma que as transformações no contexto produtivo e econômico repercutem intensamente na vida das pessoas,

não somente enquanto profissionais, mas também, na sua identidade, nos seus valores, nos seus projetos e nas suas ações. Cada indivíduo possui a sua capacidade de análise da situação e, dentro dos seus projetos e objetivos, luta para alcançar o que julga importante. (LISBOA, 2002, p. 9).

Sestren (2004), pesquisando um contexto laboral específico, qual seja, um banco estatal, verificou que, de alguma forma, os sujeitos romperam com parte de sua trajetória profissional devido a mudanças sociais, econômicas e políticas preconizadas por essa instituição, mas também pela necessidade de realizarem uma nova escolha e de elaborarem um projeto profissional diferente.

Wagner, Falcke e Meza (1997) mencionaram algumas crenças e valores dos adolescentes sobre os seus projetos de vida, verificando que os projetos mais frequentes se referiam a “ser feliz” e à realização pessoal e profissional.

Do mesmo modo que Zanelli e Bastos (2004) compreendem o ser humano, de uma forma integral, entende-se aqui a impossibilidade de se dissociarem, cientificamente e profissionalmente, as esferas do trabalho das demais esferas da vida pessoal. É por esse

³ Para esta autora, “a idéia de carreira tal como temos hoje – uma profissão apresentada em etapas e, assim, possibilidades de progressão – surgiu com a sociedade industrial capitalista liberal e, por esse motivo, veicula valores de igualdade, liberdade de êxito individual e de progresso econômico e social” (SOARES, 2002, p. 109).

motivo que projeto de vida e projeto profissional são abordados neste trabalho de forma “amarrada”, pois não há como dissociá-los (GOGUELIN; KRAU, 1992), estudando um separadamente do outro.

2.3 A Orientação Profissional

As construções teórico-empíricas da orientação profissional (OP) configuram-se, nesta dissertação, como ponto de partida para o início da discussão, uma vez que a pesquisadora encontra neste aporte teórico, por vezes falho (FANTINO; LEIDERMAM; PARACHE; ROLDÁN, 1983), referência para sua prática como pesquisadora e profissional da Psicologia.

A escolha ou reescolha de uma ocupação constitui-se como um dos momentos mais importantes na vida de uma pessoa, ainda mais quando se vive em um mundo com tantas exigências profissionais, contradições e muitos desafios, os quais demandam de homens e mulheres constantes reflexões sobre sua trajetória e seu projeto de vida.

A OP é uma área interdisciplinar, voltada para a compreensão das relações das pessoas com o seu trabalho, isto é, da relação do homem com o seu fazer no mundo e também sua busca por estratégias para alcançar esse fazer. Salienta-se que são vários os aportes teórico-práticos utilizados na OP, não havendo um único caminho para o entendimento e a compreensão dos fenômenos.

A OP ganhou visibilidade, principalmente, no final do século XIX e no início do século XX, em meio às transformações ocorridas nos modos de produção do sistema capitalista (como, por exemplo, o taylorismo e o fordismo); originou-se, portanto, diretamente vinculada à Seleção e Orientação Profissional, tendo como objetivos a adaptação do homem ao trabalho e, conseqüentemente, o aumento da produtividade (MELO-SILVA; JACQUEMIN, 2001).

No Brasil, a OP teve início através da Psicologia Educacional, ligada diretamente à seleção escolar e profissional e ao uso de testes psicológicos, instrumentos que atribuíam à nova ciência, a Psicologia, a objetividade e a neutralidade, ambas características provenientes do pensamento científico positivista (ANTUNES, 1999).

Nota-se uma considerável mudança nos processos de intervenção em OP desde seu início até os dias atuais. Como referido, a OP esteve diretamente ligada ao processo de Seleção Profissional; logo, ligada também a modelos de intervenção baseados na Psicotécnica

e na Psicometria, reflexos da ideologia liberal que sustenta o capitalismo, o qual tenta encontrar o “homem certo para o lugar certo”. Esse tipo de intervenção faz uso apenas de testes objetivos acerca da escolha profissional, sem uma posterior reflexão acerca de seus resultados, e parece não atender às expectativas das pessoas que a procuram, deixando de lado aspectos como as angústias, os sentimentos e, principalmente, a autonomia e a responsabilidade do indivíduo sobre a sua escolha (SOARES, 2002). Atualmente, os orientadores profissionais procuram atuar como facilitadores da escolha laborativa, mostrando aos seus clientes as possibilidades disponíveis no momento.

Embora tenha mudado significativamente em sua proposta de intervenção, a OP ainda é conhecida como uma prática bastante vinculada à Psicometria, ao uso de testes vocacionais e aos inventários de interesses, além de possuir como principal público-alvo os jovens de classe média e alta que pretendem ingressar em um curso superior (RIBEIRO, 2003). Intervenções e pesquisas na área mostram que são as pessoas socioeconomicamente privilegiadas, as quais já foram beneficiadas durante toda a formação educacional, que procuram um trabalho de orientação profissional.

Conforme Schlichting, Soares e Bianchetti (2004, p. 121), “a possibilidade de escolha profissional está muito vinculada às condições objetivas com as quais o jovem se depara para efetivar sua opção por determinado curso ou carreira universitária”. Apoiados em Celso Ferreti, esses autores afirmam ainda que a liberdade de escolha restringe-se pelas condições socioeconomicamente desfavoráveis dos sujeitos.

Quanto a essa questão, Ribeiro (2003) salienta que a maioria das pessoas que procuram um trabalho de orientação profissional busca auxílio para a escolha de uma formação universitária. Considera-se extremamente relevante, no atendimento em OP, refletir sobre a escolha de um curso superior. Entretanto, não se pode reduzir o foco de intervenção dessa área a tal problemática nem a tal público. Essa questão ganha maiores contornos se se considerar que o mundo do trabalho mudou bastante, gerando um cenário onde a formação universitária já não é mais garantia de que se consiga um emprego: o trabalho seguro e duradouro está em extinção, as relações trabalhistas mudaram, cursos e ocupações desaparecem, dando lugar a outros mais promissores economicamente (BIANCHETTI, 1996; OLIVEIRA, 2000).

Na sociedade contemporânea, parece que o ensino superior tornou-se instrumento imprescindível dos sujeitos que disputam entre si a inserção no mercado de trabalho, embora a graduação não seja mais “garantia” dessa inserção.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO

*Fatos dificilmente existem sem relações.
(MINTZ, 1984, p. 49).*

3.1 O Acesso ao Ensino Superior e o Vestibular

A complexidade é uma das principais marcas da educação superior no Brasil: esse nível educacional é composto de instituições públicas e privadas, as quais ofertam cursos e programas diferentes entre si, e situam-se no tecido social juntamente com outros sistemas, também complexos e muitas vezes contraditórios (econômico, político, da saúde, entre outros).

Também ocorre que ingressar em uma universidade pública continua sendo um dos sonhos dos freqüentadores ou egressos do ensino médio, bem como de seus pais, e pode significar tanto a sua primeira grande derrota como a sua primeira grande vitória (SCHLICHTING; SOARES; BIANCHETTI, 2004).

O acesso ao nível de ensino superior é problemático, uma vez que no país, com uma população em torno de 169 milhões de pessoas, apenas 10% delas ingressam em cursos de graduação, conforme pesquisas realizadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP, 2003).

Para agravar a situação, cabe lembrar que, “do conjunto de 1.859 instituições de educação superior, 1.652, ou seja, 88,9%, são privadas. Esse percentual, segundo dados do World Education Indicators, coloca o sistema de educação superior brasileiro entre os mais privatizados do mundo, atrás apenas de alguns poucos países” (INEP, 2003). Embora não se possa precisar em números, observa-se com facilidade a ampliação majoritária do número de universidades privadas em relação às públicas, sobretudo na última década.

Uma outra questão que vem suscitando debates quanto aos paradoxos em educação refere-se ao Programa Universidade para Todos (ProUni), criado pela MP nº 213/2004 e institucionalizado pela Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005. Esse programa tem como finalidade a

concessão de bolsas de estudos integrais e parciais a estudantes de baixa renda, em cursos de graduação e seqüenciais de formação específica, em

instituições privadas de educação superior, oferecendo, em contrapartida, isenção de alguns tributos àquelas que aderirem ao Programa. (MEC, 2006).

Embora fuja do escopo deste estudo avaliar em profundidade o referido programa, não se pode deixar de referi-lo, uma vez que muitos sujeitos vêm no ProUni uma das poucas chances de ingresso no ensino superior. A partir desses dados, considera-se, mais uma vez, uma enorme contradição da sociedade brasileira: aqueles que possuem melhores condições econômicas estudam em universidades federais, enquanto os demais, a população carente, começam a estudar em instituições privadas e, ainda, com incentivo do Estado.

De acordo com dados do INEP (2003, p. 44),

1. Pela primeira vez na história, o número de vagas na educação superior foi maior que o número de concluintes do ensino médio. Mesmo assim, o número de candidatos à educação superior (4,9 milhões) é mais do que o dobro do número de vagas, e várias vezes maior que o número de ingressantes (1,2 milhões); 2. O número de vagas ociosas na educação superior cresceu significativamente no último ano, especialmente no setor privado, passando este setor a ter aproximadamente 42% de suas vagas ociosas; 3. A educação superior brasileira segue sendo majoritariamente noturna e se expande principalmente no setor privado, tornando este setor a principal oportunidade de acesso ao aluno trabalhador. Do total de **2.270.466** matrículas, no ensino noturno, apenas **407.257** estão no setor público, enquanto 1.863.209 estão no setor privado, o que parece identificar uma grave contradição no processo de democratização do acesso à educação superior brasileira instalado nos últimos anos.

O acesso ao ensino superior em universidades brasileiras caracteriza-se como um grande problema a ser enfrentado pelos sujeitos que pretendem uma formação universitária, haja vista a forte concorrência em muitas áreas. Hoje, além dos exames vestibulares, existem outras maneiras para ingressar nessas instituições.

De acordo com Schiessl e Sarriera (2004, p. 39), existem vários aspectos que podem ser analisados na questão do vestibular que ultrapassam o nível individual e psicológico. Para esses autores, “pode-se constatar o quanto o vestibular é revelador de uma contradição que persegue a educação brasileira desde o princípio de sua formação. [...] o acesso ao ensino superior não é um fenômeno passível de ser entendido por si mesmo”. Pode-se considerar a exclusão como principal característica desse processo de seleção.

Antes da implantação de cursos superiores no Brasil – a partir do século XIX –, a elite da sociedade buscava o diploma universitário em universidades européias, sobretudo na França e em Portugal. Para tanto, era necessário realizar os chamados “exames de saída”, os

quais mediam a maturidade dos futuros estudantes do ensino superior (LIMA; FRANÇA, 2002). Não demorou muito tempo, precisamente em 1911, para que o vestibular¹ fosse legalmente implantado como mecanismo de seleção para o ensino superior, pelo Decreto nº 8.659, de 5 de abril de 1911.

Na década de 1960, ante as pressões sociais contrárias a esse mecanismo de seleção, o qual naquela época já era desleal, duas leis foram criadas e mudaram não só o rumo dos vestibulares como também a história da educação brasileira. São elas a Lei da Reforma Universitária (Lei nº 5.540/68), pela qual o vestibular passou a ser classificatório, resolvendo, então, “o problema dos excedentes”, e a Lei 5.692/71, uma complementação da primeira, mas que se referia aos ensinos fundamental e médio. Como o próprio Bianchetti (1996) afirma, uma das medidas mais nocivas desta última foi a redução em um ano de estudos do ensino fundamental, gerando como efeito a entrada precoce na universidade.

Dessa forma,

devido à demanda pelo ensino superior, a estrutura social ainda não se declara preparada para ingressar a todos de maneira satisfatória. Sendo assim, o vestibular afirma-se cada vez mais como um sistema excludente, tendo em vista que a maioria apresenta dificuldade em enfrentá-lo, principalmente os alunos oriundos das camadas menos favorecidas economicamente e socialmente da população brasileira. (FREITAS, 2006, p. 18).

Bianchetti (1996) admite como conseqüências do que chama de “minimalização” do Estado em setores sociais não só o surgimento e a ampliação dos cursinhos pré-vestibulares como também o crescimento do número de vagas em universidades privadas, o abandono do ensino médio, o regime de miséria ao qual o ensino fundamental está submetido e a transformação das universidades federais em espaço privilegiado de poucos já socialmente privilegiados. Na busca por uma vaga no ensino superior, o vestibular é apenas um dos primeiros obstáculos a ser superado. Para o mesmo autor, ao se falar em vestibulandos, deve-se ter clara a referência “a um reduzido grupo de pessoas que já passou por diversos processos de seleção. Bater às portas da universidade é um privilégio de poucos” na realidade brasileira (BIANCHETTI, 1996, p. 24). Conforme esse autor, a educação brasileira sempre beneficiou a parte mais privilegiada da sociedade.

¹ O termo “vestibular” somente foi adotado em 1931 com a Reforma Francisco Lopes (LIMA; FRANÇA, 2002).

Devido ao caráter não obrigatório dos vestibulares, decorrente da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/96), outras formas de acesso que não o vestibular vêm sendo introduzidas pelas universidades, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), o Programa de Avaliação Seriado (PAS), da Universidade de Brasília, o Programa de Ingresso ao Ensino Superior da Universidade Federal de Santa Maria (PEIES) e o Sistema de Avaliação Progressiva para Ingresso no Ensino Superior (FREITAS, 2006).

Observa-se, no entanto, que o vestibular ainda é predominante como mecanismo de selecionar estudantes para um curso de graduação, sobretudo nas universidades públicas, onde se verifica que a relação entre candidato e vaga é imensamente maior do que nas universidades particulares.

Etimologicamente, o termo “vestibular” refere-se a vestíbulo que quer dizer átrio, entrada de um edifício (FERREIRA, 1993). Na realidade brasileira, no entanto, muito mais do que porta de entrada, o vestibular representa a porta de saída, já que a maioria dos candidatos desse exame não será classificada e não ingressará na universidade pretendida (SOARES-LUCCHIARI, 1993). Ademais, as provas dos vestibulares têm determinado o ensino nas escolas fundamentais e, principalmente, nas escolas de ensino médio, no sentido de a aprendizagem ser dissociada: o ensino fundamental não se integra aos conhecimentos referentes ao ensino médio, e este também não está integrado ao ensino superior; no ensino médio “tudo gira em torno do vestibular” (SOARES, 2002, p. 67).

O ensino médio, antigo segundo grau, está totalmente desvinculado do ensino fundamental e do ensino superior. No modo como é realizado hoje, serve não para a preparação à vida universitária e acadêmica, mas, sim, para preparar o jovem ao exame vestibular. Na maioria dos casos, porém, nenhum desses objetivos é cumprido, e o jovem se vê obrigado a freqüentar os “cursinhos pré-vestibulares”, os quais podem ser considerados fruto da sociedade neoliberal, capitalista.

Para o estudante trabalhador, concluir o ensino médio já é uma vitória. Quanto ao seu acesso ao ensino superior, conforme comenta Bonfim (2003, p. 38),

pesquisas apontam que a maioria daqueles que chegam à universidade não trabalham. Haja vista que o número de cursos noturnos oferecidos pelas universidades públicas é pouco expressivo, dificultando ainda mais o acesso à universidade àqueles que trabalham.

Os processos sociais excludentes estão presentes na história nacional desde os tempos coloniais (VÉRAS, 2002). Para Wanderley (2002, p. 17), “muitas situações são descritas

como de exclusão, que representam as mais variadas formas e sentidos advindos da relação inclusão/exclusão. [...] o fenômeno da exclusão é tão vasto que é quase impossível delimitá-lo”.

De uma maneira geral, o vestibular configura-se como um sistema elitista, cruel e injusto, “que dá prioridade a técnicas de memorização e que não estimula o senso crítico dos candidatos, características propedêuticas que têm suas raízes na organização escolar do Brasil colônia e que ainda persistem até os dias atuais” (BONFIM, 2003, p. 48).

3.2 Os Cursos Pré-Vestibulares

No contexto educacional brasileiro, abordar a questão do projeto profissional contemplando o ingresso no ensino superior requer que se considerem a existência e a expansão na oferta dos cursos pré-vestibulares, tanto de iniciativas privadas como públicas. Esses cursos são oferecidos, como sugere o nome, para os sujeitos que se candidatam ao exame vestibular, principal via de acesso a um curso universitário, sobretudo nas instituições federais.

Em sua gênese, portanto, os cursos pré-vestibulares emergiram devido à existência dos exames vestibulares, isto é, do fato de o ingresso ao ensino superior estar, na maioria das vezes, condicionado ao vestibular. Eles podem ser classificados em comerciais, com fins lucrativos e alternativos, ou também chamados populares, os quais se propõem a atender estudantes com baixo nível socioeconômico, podendo ser gratuitos ou cobrar de seu alunado uma quantia simbólica (BACCHETTO, 2003).

De acordo com Bacchetto (2003), a proliferação dos cursos pré-vestibulares ocorreu por volta das décadas de 60 e 70, e muitos se tornaram grandes empresas educacionais, como universidades, franquias de escolas de ensino médio e mesmo fornecedores de material educacional para este nível.

Whitaker e Fiamengue (2001), analisando dados sobre o desempenho no vestibular de candidatos provenientes tanto da rede pública quanto do sistema particular de ensino, constataram que, nos dois casos, o curso pré-vestibular se faz, quase sempre, necessário para a aprovação no exame e denominaram tal fato de “efeito curso”.

Para os candidatos ao exame vestibular, nem sempre é possível preparar-se em um desses cursos preparatórios, pois a maioria deles é privada e tem custo bastante elevado;

alguns cobram de seus alunos mensalidades superiores ao salário mínimo no Brasil. De acordo com Bianchetti (1996) e Soares (2002), os cursos preparatórios privados possuem interesses puramente lucrativos e, dessa maneira, acabam por desvirtuar ainda mais os objetivos da educação brasileira.

Devido ao já mencionado “efeito cursinho” e à grande quantidade de pessoas que pretendem fazer um curso superior, sobretudo nas instituições públicas, os cursinhos pré-vestibulares alternativos ou populares emergiram como iniciativas a fim de que a parcela da população sem condições de custear sua preparação ao ingresso na vida universitária fosse beneficiada.

Bacchetto (2003, p. 10) afirma que tais cursinhos, “além de oferecer o curso a preços populares, passaram a lutar por políticas públicas de ação afirmativa que garantissem a igualdade no acesso, em especial para alunos da rede pública e estudantes afrodescendentes”.

O mesmo autor observou que surgiram alguns resultados positivos ante a pressão exercida por esses cursinhos, como, por exemplo, a isenção de taxa de inscrição em alguns exames vestibulares no Estado de São Paulo, bem como um maior debate sobre as desigualdades quanto ao acesso às universidades públicas. Assinala também o autor que “tais cursinhos apresentaram uma meta bastante ambiciosa, pois a desigualdade socioeconômica é patente em alguns cursos e carreiras e, historicamente, a maioria da população financeiramente desfavorecida nunca chegou próxima a esse nível de ensino” (BACCHETTO, 2003, p. 16).

Aos poucos, esse tipo de proposta foi se expandindo, na tentativa de atender as camadas menos favorecidas da sociedade. No I Encontro de Experiências de Pré-Vestibulares, ocorrido em Florianópolis, em 2000, os organizadores do evento registraram a ocorrência de mais de 300 cursinhos pré-vestibulares alternativos no Brasil (MENEZES, 2005). Entretanto, inexistiu um sistema de cursinhos públicos e gratuitos capazes de solucionar a questão da seleção socioeconômica no exame vestibular. Bacchetto (2003) afirma ser a única exceção a iniciativa do Governo do Estado do Pará, o qual manteve o “convênio vestibular” que oferecia cursinhos preparatórios ao exame em 21 escolas do ensino médio, durante o ano de 1995. No geral, observa-se que iniciativas quanto à criação e manutenção dessas entidades partem de universidades, públicas e privadas, de organizações não-governamentais e de associações de bairros e igrejas.

Para Castro (2005, p. 10), falar em cursinhos alternativos e populares no país “significa levar para o centro do debate a problemática histórica das classes menos favorecidas em nossa sociedade”, uma vez que os cursos pré-universitários são um dos mais

importantes movimentos de tensionamento do sistema educacional no país, desde a década de 1990 (SANTOS, 2005), emergindo juntamente a um debate racial, religioso e partidário no âmbito da educação. Assim, são

os Cursinhos Populares, fruto das ações políticas de atores engajados em projetos e mobilizações cujo eixo é a transformação social da realidade por meio do incentivo e da preparação das classes populares para o ingresso no ensino superior gratuito. (CASTRO, 2005, p. 48).

Numa primeira observação, entende-se que a principal diferença entre os cursinhos populares e os alternativos reside em suas finalidades: embora ambos os tipos de proposta tenham como tônica o treinamento para o vestibular, parece que os pré-vestibulares populares avançam no sentido de uma conscientização política do seu alunado, enquanto os demais estariam alicerçados apenas na questão da preparação em nível de conhecimentos, aumentando a inclusão social de pessoas carentes no ensino superior, mas mantendo em seu funcionamento “um voluntarismo acrítico em relação à ordem social e aos processos de reprodução de injustiças e desigualdades” (SANTOS, 2005, p. 3).

3.3 O Cursinho Pré-Vestibular Popular da UFSC – Inclusão para a Vida

Na Universidade Federal de Santa Catarina, o ensino propedêutico para a universidade passou a ser oferecido a partir da década de 1990. No entanto, o primeiro curso com caráter institucional, com a participação ativa da Reitoria e Pró-Reitorias, consolidou-se em 2003. O “novo” curso, o Cursinho Pré-Vestibular Popular da Universidade Federal de Santa Catarina – Inclusão para a Vida, caracterizou-se, em seu início, como um projeto piloto implantado pela Pró-Reitoria de Ensino de Graduação em parceria com a Pró-Reitoria de Assuntos da Comunidade Universitária e a Associação de Aposentados e Pensionistas da UFSC.

A primeira edição do programa teve início com duas turmas de 60 alunos. O curso, com duração de três meses, começou com esses 120 alunos e terminou com 117, dos quais 14% conseguiram ingressar na graduação, sendo 12% na UFSC e 2% na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) (MIGUEZ, 2004).

No ano seguinte foi elaborada uma segunda versão do programa, ainda piloto, com o objetivo de atender 200 estudantes. Destes, 80 freqüentaram o curso extensivo², e os demais dividiram-se em duas turmas semi-extensivas. Observou-se que 20% desse alunado foi aprovado em cursos de graduação naquele ano. Na terceira edição, no ano de 2005, foram matriculados cerca de 400 alunos, distribuídos em duas turmas extensivas e três semi-extensivas. Destes, foram aprovados 16% egressos em diversos cursos de graduação.

Em entrevista à Revista FAPEU, a então coordenadora do projeto, Dr.^a Maria José Brandão Miguez, ressaltou que os objetivos do cursinho encontram-se além das progressivas aprovações de seus estudantes, uma vez que é um programa de inclusão para a vida:

a coordenadora trabalha com três metas. A primeira é preparar o estudante para o vestibular, para concorrer em pé de igualdade com os demais candidatos, com a consciência de que são apenas três mil vagas. A segunda é fazer com que aqueles que não conseguem passar no vestibular tenham condições de voltar para o mercado de trabalho com uma auto-estima mais elevada. E a terceira meta é acompanhar os que conseguem entrar na universidade. (FAPEU, 2005, p. 47).

Apesar de o programa objetivar essas três metas, a principal delas encontra-se evidente no nome do programa “Inclusão para a Vida”, qual seja, a inclusão social de pessoas carentes. Mesmo não possuindo disciplinas específicas para o desenvolvimento da cidadania e da consciência política, como se observa em outros cursos populares (BONFIM, 2003; CASTRO, 2005; SANTOS, 2005), a postura de toda a equipe se dá no sentido de repassar e desenvolver tais princípios entre si e entre o alunado.

Como inclusão social entende-se que a

sociedade exclui para incluir e esta transmutação é condição da ordem social desigual, o que implica o caráter ilusório da inclusão. Todos estamos inseridos de algum modo, nem sempre decente e digno, no circuito reprodutivo das atividades econômicas, sendo a grande maioria da humanidade inserida através da insuficiência e das privações, que se desdobram para fora do econômico. (SAWAIA, 2002, p. 8).

Para atingir o objetivo principal, além de ministrar aulas sobre os conteúdos específicos do vestibular, com mais de 20 professores especializados na preparação para o

² Na modalidade extensiva as aulas iniciam-se em março e continuam até dezembro, enquanto o semi-extensivo ocorre de agosto até dezembro.

concurso, o programa também oferece material didático gratuitamente, empréstimo de livros com esquema diferenciado, palestras de motivação, serviços de assistência social, acompanhamento psicopedagógico e orientação profissional aos estudantes.

Os recursos financeiros utilizados para o pagamento de todas as despesas do pré-vestibular advêm de programas e projetos de extensão da própria Universidade como também de contribuições de outras organizações, governamentais ou não.

Em todas as palestras realizadas durante o ano, sobre temas diversos, sempre se busca incentivar o alunado na consecução de seus objetivos, embora alguns passem por restrições sociais bastante severas. Na primeira palestra, em que há apresentação do histórico do cursinho e de sua equipe, inclusive com a presença do reitor e de diversos pró-reitores, sempre é repassada uma mensagem de otimismo em face das condições presentes e também com relação ao vestibular, oferecendo aos novos estudantes apoio e auxílio durante esse trajeto.

Para pleitear o ingresso no Cursinho, é preciso atender a três critérios. O primeiro refere-se às condições socioeconômicas: o candidato precisa ser isento da taxa de inscrição para o vestibular³. O segundo critério é ter concluído o ensino médio em escolas da rede pública de ensino, e o último é morar nas proximidades do *campus*.

Em 2005, a partir de uma parceria com a Pró-Reitoria de Desenvolvimento Humano e Social da Universidade, o Cursinho passa a atender também servidores técnico-administrativos, funcionários de empresas prestadoras de serviços, das fundações e de sindicatos da Universidade, bem como seus dependentes, que não precisam, obrigatoriamente, ser isentos da taxa de inscrição no exame vestibular, embora também sejam verificadas suas condições socioeconômicas.

Dessa forma, para os que pretendem uma vaga no cursinho e não possuem vínculos com a Universidade, a primeira medida a ser tomada é inscrever-se para a isenção do pagamento da taxa de inscrição do exame vestibular. Todos os sujeitos contemplados no processo de isenção, então, recebem uma carta informando que foram pré-selecionados para o cursinho preparatório.

Como não há uma ampla divulgação na comunidade sobre o Cursinho e seu público-alvo, muitos estudantes desconhecem sua existência ou nem mesmo sabem sobre sua dinâmica de funcionamento. Alguns deles nem esperavam ser selecionados para ingressar nesse cursinho, uma vez que, isentos do pagamento da taxa de inscrição no processo seletivo,

³ A Universidade concede às pessoas que comprovadamente não tenham condições financeiras de custear sua inscrição cerca de três mil isenções de pagamento dessa taxa, seja total ou parcial.

recebem a carta convidando-os a concorrer às atuais 400 vagas do pré-vestibular. Para muitos isentos do pagamento da inscrição do exame vestibular da UFSC, a possibilidade de ganhar uma vaga nesse espaço pode ser também uma surpresa.

Faz-se necessário explicar que, a partir de uma solicitação do Programa de Educação Tutorial (PET)⁴ de alguns cursos de licenciatura da UFSC, o Cursinho encaminhou, em 2005, alguns de seus excedentes para o referido programa, a fim de que fossem atendidos os candidatos suplentes. Dessa maneira, os graduandos vinculados ao PET ministram aulas de preparação para o vestibular, em algumas disciplinas, para os alunos que não conseguiram matricular-se no Cursinho da UFSC. Assim, pode-se considerar que existem dois cursinhos de preparação ao Vestibular na Universidade: o Cursinho da UFSC – Inclusão para a Vida; e o cursinho do PET. No entanto, devido à localização de ambos ser na Universidade e também por possuírem o mesmo objetivo, foi gerada uma confusão com relação aos cursos, de forma que algumas vezes os freqüentadores do cursinho do PET se dizem alunos do Cursinho da UFSC, pois não há divulgação desse tipo de atendimento pelo PET.

As aulas ministradas no Cursinho da UFSC devem possuir uma dinâmica motivadora. Portanto, são selecionados professores com experiência nesse tipo de aula, preferencialmente alunos dos cursos de licenciatura da UFSC. Considerando que o estudante do cursinho possui um trabalho durante o dia e à noite freqüenta o pré-vestibular, há necessidade de se ter um educador diferenciado, sensível à situação e eclético em sua prática pedagógica, a fim de favorecer a assimilação dos conteúdos e contribuir para que o alunado tenha melhores condições de competir no vestibular. Também são oferecidas pelos professores aulas de reforço e sistema de monitoria.

Ademais, esse cursinho é oferecido na própria universidade em que os candidatos pretendem ingressar. Assim, o contato com as dependências da UFSC, com os centros, com o hospital universitário, com a biblioteca e com próprios universitários, às vezes do mesmo curso escolhido pelos sujeitos, aumenta a sua vontade de serem aprovados.

Logo, esse cursinho destina-se às pessoas que, sem tal auxílio, não teriam condições de freqüentar um pré-vestibular, devido tanto à falta de tempo – pois a maioria trabalha durante a manhã e a tarde – quanto à impossibilidade de financiar um cursinho pré-vestibular comercial. Não obstante a maior parte desse público constituir-se de jovens, participam também adultos que possuem vontade de ingressar na UFSC e, como mencionado, servidores técnico-administrativos da Universidade. Tais características do seu público-alvo parecem refletir também na seriedade com que a maioria freqüenta o Cursinho.

⁴ Mais informações sobre o Programa de Educação Tutorial na UFSC, verificar em <http://www.reitoria.ufsc.br/~preg/Pet/PET%20-%20UFSC.htm>.

4 CAMINHO PERCORRIDO

Na verdade, a realidade sempre é movimento, é transformação. Quando um momento biográfico é focalizado não o é para afirmar que só aí a metamorfose está se dando; é apenas um recurso para lançar mais luz num episódio onde é mais visível o que se está afirmando. (CIAMPA, 2001, p. 141).

4.1 Caracterização do Estudo

Ao falar de método ou de caminho percorrido, como se prefere denominar, considera-se fundamental enfatizar que a “escolha” dele está intrinsecamente relacionada às opções teóricas delineadas na pesquisa, desde o estabelecimento do objeto a ser estudado (KRAWULSKI, 2004 ; KUHNEN, 2002; LUNA, 2003; TRIVIÑOS, 2001; ZAGO, 2003).

Dessa forma, tendo como foco os propósitos deste trabalho, ou seja, compreender um fenômeno produzido nas e pelas relações cotidianas num ambiente pré-vestibular na UFSC, bem como do objetivo que guiou este estudo, o de identificar as possíveis repercussões da condição de frequentador do pré-vestibular sobre o projeto profissional de alguns estudantes, uma investigação do tipo qualitativa pareceu apropriada como caminho possível de “alcançar” esse ambiente, em suas diversas relações, complexas e não-lineares.

Triviños (1987, 2001) ressalta como ponto fundamental da natureza do método qualitativo o saber científico como não possuidor da tão almejada neutralidade, oriunda de métodos das ciências ditas exatas ou da natureza.

Assim como no estudo de Kuhnen (2002, p. 218), a presente pesquisa pretendeu “trazer à tona particularidades da população estudada, assim como também de um momento específico na evolução dela [...] fenômenos psicossociais históricos e culturalmente condicionados”.

Também não se pretendeu realizar generalizações estatísticas, já que se partiu do pressuposto de que cada sujeito seria um representante de todo o grupo, por sua constituição inevitavelmente social (SESTREN, 2004).

A pesquisa realizada pode ser caracterizada como um estudo de caso (TRIVIÑOS, 1987, 2001), uma vez que se almejou compreender o objeto de pesquisa de forma aprofundada, buscando uma apreensão mais completa de tal problema.

No que concerne aos preceitos éticos, considerou-se a Resolução nº 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2005), a qual estipula normas para pesquisas envolvendo seres humanos. Não obstante, ressalta-se a observância de outros princípios éticos, como a proteção dos sujeitos contra qualquer espécie de danos, a proteção à sua identidade, o respeito e a honestidade para com eles, a explicitação de todas as condições do estudo e a autenticidade no registro dos dados e dos resultados (BOGDAN; BIKLEN, 1994; KRAWULSKI, 2004).

Com vistas a formalizar a observação desses princípios e a desenvolver esta dissertação em tempo hábil, o projeto do estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEPSH) desta Universidade, sendo aprovado conforme o Parecer nº 369/05, de novembro de 2005 (vide Anexo A).

No momento anterior à realização da entrevista, a pesquisadora apresentou aos participantes do estudo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (vide Apêndice A), como forma de atender aos preceitos éticos comentados anteriormente. O TCLE foi assinado por todos os partícipes para registrar sua contribuição voluntária, ficando a autora disponível para sanar qualquer dúvida que surgisse após a entrevista. Ao final desta, os participantes foram informados de que poderiam ter acesso à transcrição dos dados, desde que solicitassem, e de que seriam convidados para assistir à defesa da dissertação.

4.2 A Fase Exploratória da Pesquisa

De acordo com Minayo (2004, p. 101), a fase de exploração do campo contempla as seguintes atividades: “a) escolha do espaço da pesquisa, b) escolha do grupo de pesquisa, c) estabelecimento dos critérios de amostragem, e d) estabelecimento da estratégia de entrada em campo”. Na presente pesquisa, a partir da fase exploratória, foi possível desenvolver essas tarefas, uma vez que a pesquisadora havia escolhido o espaço do estudo e estava atuando no campo, mesmo antes da determinação da questão de pesquisa. Portanto, bastava estipular quais seriam os critérios a serem atendidos pelos entrevistados.

Como a proposta do estudo sempre esteve relacionada aos candidatos do processo seletivo das universidades e, em maio de 2005, a pesquisadora iniciou a atividade de orientadora profissional no Cursinho Pré-Vestibular Popular da UFSC, julgou-se ideal a sua realização no mesmo local em que a pesquisadora trabalhava, pois, dessa maneira, poderia integrar pesquisa e intervenção.

Luna (2003, p. 23) discorre sobre esse ponto afirmando que, “formalmente falando, nada há que impeça que um profissional pesquise uma realidade e, ao mesmo tempo, preste serviços aos envolvidos nela. Do meu ponto de vista, este seria o profissional ideal”. Considerou-se a necessidade da manutenção do nível de qualidade tanto do ponto de vista do conhecimento produzido quanto do ponto de vista do serviço prestado, pois ambas as atividades possuem características diferentes entre si.

Desde o ingresso da autora nesse espaço, foram realizadas diversas intervenções no papel de orientadora profissional, coordenando grupos e atendendo individualmente os estudantes que solicitassem auxílio quanto à escolha universitária e/ou à preparação psicológica diante do exame vestibular. Porém, sempre se deixou bastante claro à coordenação, aos professores e, ainda, a alguns dos alunos que essa atuação, em determinados momentos, iria voltar-se à coleta de informações com vistas à sua dissertação.

Como pesquisa exploratória, solicitou-se aos estudantes uma redação em que expressariam seus sentimentos e percepções acerca do ingresso no Cursinho. Essa atividade foi desenvolvida em parceria com as professoras de redação e português, junto aos alunos do curso semi-extensivo, em sua primeira aula nessas disciplinas, com o título “O Cursinho e Eu”. A leitura das 177 redações permitiu melhor desenvolver e delinear o objeto de pesquisa naquele momento, em agosto de 2005, ainda não especificado. Embora essa atividade tenha sido muito mais ligada ao caráter interventivo da atuação profissional, configurou-se como a entrada no campo de pesquisa ou, como denominam outras pesquisadoras tais como Krawulski e Patrício (2005), Kuhnen (2002) e Minayo (2004), a fase exploratória da pesquisa qualitativa.

A Análise de Conteúdo das redações permitiu identificar sete eixos temáticos, os quais auxiliaram a tornar o objeto de estudo mais preciso. Esses eixos bem como seus quantitativos absoluto e relativo de ocorrências estão sintetizados na Tabela 1, abaixo.

Tabela 1 – Eixos temáticos identificados na fase exploratória da pesquisa

	Eixo temático	Número de ocorrências	Número de ocorrências em percentual
A	Projetos de vida e profissionais	135	76%
B	Visão positiva do Cursinho, sua importância e agradecimentos à equipe	126	70%
C	O Cursinho como viabilizador de um sonho ou projeto	122	69%
D	Menção a características e à trajetória pessoal	109	62%
E	Dificuldades a enfrentar	96	54%
F	Oportunidade de novos conhecimentos e crescimento pessoal	83	47%
G	Escolha profissional	44	25%

Detalhadamente, apresenta-se abaixo cada um dos eixos temáticos:

- A. *projetos de vida e profissionais*: menção de planos e metas que desejam para a sua vida. Alguns especificaram seus projetos profissionais, abordando desde o desejo de passar no vestibular, mais imediato, até planos mais amplos, como vislumbrar um possível trabalho como profissional de nível superior;
- B. *visão positiva do cursinho, sua importância e agradecimentos à equipe*: características do cursinho citadas pelos vestibulandos, focalizadas em dois aspectos: a) por situar-se no interior de uma universidade, a própria UFSC, e b) por ser um curso gratuito, que possibilita à comunidade desfavorecida socioeconomicamente condições de estudo para ingresso em uma instituição federal de ensino superior semelhantes às da classe média brasileira. Quanto à relevância atribuída ao Cursinho, alguns vestibulandos argumentaram, de formas singulares, a justificativa da realização de tal iniciativa. Muitos agradeceram à equipe e parabenizaram as coordenações administrativa e psicopedagógica, e os bolsistas envolvidos;
- C. *o Cursinho como viabilizador de um sonho ou projeto*: possibilidades que o Cursinho representa de concretizar um sonho ou projeto desses sujeitos, na medida em que auxilia na preparação dos conteúdos e psicologicamente diante do exame. Muitos complementaram essa idéia afirmando que sem esse espaço, gratuito, dificilmente teriam condições de preparar-se para o concorrido concurso;
- D. *menção a características e à trajetória pessoal*: aspectos da trajetória pessoal e familiar, relacionando fatos da sua história que poderiam ter contribuído para a inserção em um curso pré-vestibular, ou, ainda, referências à individualidade ou à condição de vida passada e/ou presente, tais como a chegada até o curso pré-vestibular em questão, histórias de desemprego ou mesmo características pessoais;
- E. *dificuldades a enfrentar*: algumas dificuldades já enfrentadas e a enfrentar após o ingresso no cursinho foram levantadas pelos candidatos: i) quanto ao sistema político e educacional brasileiro, que é estratificado e excludente, beneficiando aqueles que possuem mais recursos financeiros; ii) quanto às dificuldades de conseguir uma vaga no curso pré-vestibular popular devido ao restrito número de vagas, entrega de documentos, etc.; iii) quanto à preparação até o vestibular, como, por exemplo, largar o emprego ou o cansaço para cumprir a rotina

casa/trabalho/estudo/casa; e iv) quanto às dificuldades do exame em si, seja em termos de conteúdos, seja em termos biológicos, físicos e psicológicos dos candidatos;

- F. *oportunidade de novos conhecimentos e crescimento pessoal*: foram ressaltados aspectos correspondentes aos processos de aprendizagem, durante as aulas no pré-vestibular, dos conteúdos específicos das disciplinas exigidas nas provas do exame: Português, Literatura Brasileira, Redação, Matemática, Química, Física, Biologia, Língua Estrangeira, História e Geografia. Além disso, os sujeitos mencionaram o fato de esses “novos” aprendizados possibilitarem uma transformação pessoal, principalmente no que diz respeito ao crescimento pessoal, proporcionado pela condição de estudar; e
- G. *escolha profissional*: alguns mencionaram certeza quanto ao curso universitário escolhido, enquanto outros expressaram suas dúvidas e incertezas quanto a esse tema.

O material dessas redações e, sobretudo, sua categorização nesses eixos temáticos possibilitaram especificar e delinear como objeto de estudo o projeto profissional de vestibulandos do Cursinho Pré-Vestibular Popular da UFSC. Essa delimitação decorreu da grande incidência do tema nos escritos dos estudantes: o eixo temático mais mencionado foi exatamente aquele referente aos projetos. Além dele, outros dois – *O Cursinho como viabilizador de um sonho ou projeto* e *Oportunidade de novos conhecimentos e crescimento pessoal* –, embora menos explicitamente, também se referiam ao tema, consolidando-o, então, como objeto de estudo.

4.3 Participantes do Estudo

Foram sujeitos da pesquisa sete estudantes, sendo três pertencentes à turma extensiva e os demais, à turma semi-extensiva no ano de 2005.

O número de sete participantes não se pautou em critérios matemáticos ou estatísticos, e sim em critérios estabelecidos pela própria pesquisadora, a qual procurou não incluir muitos

sujeitos para entrevistar, uma vez que pretendia compreender o fenômeno em estudo, coerente com seu arcabouço teórico-epistemológico, e aprofundar o conhecimento sobre ele.

Como a pretensão do estudo residia em compreender as repercussões da condição de frequentar o referido curso, foram selecionados estudantes com menor número de ausências e atrasos não justificados durante o período letivo, bem como estudantes considerados comprometidos com o pré-vestibular e com o projeto profissional de acesso ao ensino superior.

Os sete sujeitos, pré-escolhidos a partir dos critérios estabelecidos acima, foram selecionados também pela disponibilidade em participar da pesquisa através de contato prévio com a pesquisadora, realizado nas dependências do pré-vestibular. Já nesse primeiro contato os sujeitos da pesquisa foram orientados sobre o desenvolvimento do projeto, sobre a observância aos procedimentos éticos e sobre o sigilo das informações coletadas com gravador.

4.4 Coleta e Análise de Dados

4.4.1 Instrumento da pesquisa

Como comentado, a seleção dos procedimentos é muito mais uma decorrência do arcabouço epistemológico caracterizador da pesquisa do que propriamente uma “escolha” (LUNA, 2003, p. 60). Neste estudo, a entrevista individual semi-estruturada pareceu ser o instrumento ideal.

A entrevista semi-estruturada combina perguntas fechadas e abertas, tendo o entrevistado a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto sem respostas ou mesmo condições preestabelecidas pelo investigador. A entrevista, nesse sentido, é uma “conversa com finalidade” (MINAYO, 2004, p. 99).

Nessas entrevistas, procurou-se “respeitar princípios éticos e de objetividade na pesquisa, bem como garantir as condições que favoreçam uma melhor aproximação da realidade social estudada, pois sabemos que nenhum método dá conta de captar o problema em todas as suas dimensões” (ZAGO, 2003, p. 294).

A fim de coordenar tais entrevistas, um roteiro foi desenvolvido (vide Apêndice B). Para Minayo (2004), o roteiro serve para orientar a entrevista, sendo o elemento facilitador da

abertura, da ampliação e também do aprofundamento da comunicação. Além de facilitador, ele deve possuir poucas questões e contribuir para a aparição da visão, dos juízos e das relevâncias a respeito dos fatos e das relações que compõem o objeto do ponto de vista dos interlocutores. Zago (2003), apesar de defender a utilização de um roteiro, enfatiza que este não deve ser um empecilho para o pesquisador, o que de fato não ocorreu.

Com vistas a uma primeira avaliação da situação de entrevista e do seu roteiro, bem como a oportunizar um treino à pesquisadora quanto aos procedimentos de interação com os sujeitos, foi realizado um teste piloto, cuja importância é ressaltada por muitos autores (KRAWULSKI, 2004; LUNA, 2002; MINAYO, 2004; XIKOTA, 2004). Em outra pesquisa desenvolvida pela mestrandia, já se pôde perceber a relevância do teste piloto (D'AVILA; SOARES, 2003).

O teste piloto serviu para testar o instrumento de pesquisa, verificando se as questões estavam bem formuladas, se eram facilmente compreendidas e se o tempo de duração estava adequado, além de servir, repete-se, como uma oportunidade de treino para a pesquisadora quanto ao manejo das suas relações com os entrevistados. Apenas um pré-teste foi desenvolvido e, como não foram realizadas modificações substanciais no roteiro, os dados dessa entrevista piloto foram considerados nos achados desta pesquisa.

4.4.2 Processo de coleta de dados

Os dados foram levantados nos meses de novembro e dezembro de 2005, quando os estudantes estavam finalizando o Cursinho. Mesmo observando a proximidade do vestibular, foi escolhido esse momento para a coleta de dados devido ao término do Cursinho.

No contato prévio com os sujeitos no ambiente pré-vestibular, procurou-se identificar um local adequado para a atividade. Inicialmente, a pesquisadora sugeriu as dependências do Serviço de Atendimento Psicológico (SAPSI) da UFSC, conforme apresentado no Projeto de Dissertação. Entretanto, por solicitação dos próprios sujeitos, as entrevistas foram realizadas em salas de aulas do Cursinho, o que facilitou o acesso e os horários dos participantes. Observando as questões éticas, entrou-se em contato com a unidade acadêmica à qual pertenciam tais salas, agendando-se previamente os horários para que fossem utilizadas sem interrupções.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado por todos os sujeitos no momento inicial da entrevista, ficando uma cópia com a pesquisadora e outra com o entrevistado.

4.4.3 Análise do material coletado

Às informações coletadas neste estudo foi aplicada a técnica de análise de conteúdo. Segundo Navarro e Díaz (1994), a análise de conteúdo tem por finalidade primordial a investigação dos diversos tipos de expressão, sejam verbais ou não. O objeto de análise poderá ser algo já existente, como um artigo, um jornal, uma pintura, uma imagem ou algum tipo de expressão que o próprio investigador provoque, como, por exemplo, uma situação de entrevista. Assim, o que se espera de uma análise é a busca do sentido de determinada modalidade de comunicação, com vistas à produção de inferências a partir da corrente teórica utilizada pelo pesquisador.

A produção de inferências confere a essa técnica “relevância teórica, uma vez que implica pelo menos uma comparação em que a ‘informação puramente descritiva sobre o conteúdo [...] é de pequeno valor’” (FRANCO, 1994, p. 170). Franco (1994) também salienta a importância de esse tipo de análise ser realizado a partir dos “indícios manifestos e capturáveis” no conteúdo das comunicações, diferenciando-se, assim, de outras técnicas de análise de dados, tal como a análise do discurso.

Após a realização de uma imersão no material textual produzido mediante a transcrição das entrevistas, caracterizando o que Bardin (1979) denomina de “leitura flutuante”, foram identificadas sete categorias de análise em torno de algumas temáticas, agrupando idéias ou expressões. Esse processo foi desenvolvido com muito cuidado pela pesquisadora, sendo modificado por diversas vezes até que se chegasse à configuração apresentada no capítulo a seguir.

5 ACHADOS DA PESQUISA

Pesquisa é sempre um elo de ligação entre o pesquisador e a comunidade científica, razão pela qual sua publicidade é elemento indispensável do processo de produção de conhecimento. (LUNA, 2003, p. 24)

5.1 Perfil e Descrição dos Participantes

Foram sujeitos da pesquisa quatro mulheres e três homens, com idades variando de 18 a 22 anos. Seus nomes são fictícios e escolhidos por eles no momento inicial da entrevista. Todos os participantes foram contemplados com a isenção total do pagamento da taxa de inscrição no concurso vestibular de 2005 da UFSC, moravam em Florianópolis e concluíram o ensino médio em escolas públicas, obedecendo aos critérios de seleção para o Cursinho Popular – Inclusão para a Vida. Todos os entrevistados possuíam um número mínimo de atrasos e faltas durante o tempo em que freqüentaram as aulas do curso. Ademais, esses estudantes ainda retiravam livros constantemente da biblioteca instalada na secretaria do programa.

Os dados dos participantes são apresentados de duas formas: a) dispostos de forma reduzida no Quadro 1; e b) individualmente, com mais esclarecimentos.

Dos sete participantes, três foram aprovados para curso de graduação na UFSC que se iniciava em 2006. Todos já haviam prestado vestibulares anteriores e, entre os cursos de graduação pretendidos, quase todos mudaram sua opção desde o primeiro vestibular realizado.

Entre os participantes, apenas Sofia e Vítor já haviam freqüentado um curso propedêutico à universidade anteriormente. Ambos haviam estudado em cursos pré-vestibulares comerciais.

Quanto à realização de cursos técnicos, apenas Vítor iniciou um na área de Edificações em uma escola federal de Florianópolis. Exceto por Sofia, os demais entrevistados trabalhavam ou já tiveram alguma experiência de trabalho remunerado, seja via estágio ou via emprego formal. Com relação ao momento da primeira atividade de trabalho, todos os participantes a iniciaram antes de completar 18 anos de idade, sendo Regina a mais precoce, como babá aos 9 anos. O Quadro 1 resume essas informações.

Dados de Identificação	Entrevistados						
Nome Fictício	Sofia, 19 anos	Lua, 18 anos	Pedro, 18 anos	Regina, 22 anos	Kissyla, 18 anos	Vítor, 21 anos	Diego, 18 anos
Turma	Extensivo	Extensivo	Semi	Semi	Semi	Semi	Extensivo
Realizaram outros cursinhos	Sim, promoção de curso particular	Não	Não	Não	Não	Sim, particular	Não
Aprovados na UFSC - 2006	Sim	Sim	Não	Não	Não	Sim	Não
Curso pretendido	Pedagogia	Bibliotec.	Nutrição	Bibliotec.	Ciências Contábeis	Letras/Inglês	Enfermagem
Número de vestibulares já prestados	Um	Um	Um	Um	Dois, um por experiência	Três	Um
Cursos pretendidos anteriormente	Psicologia	Agronomia	Ed. Física	O mesmo	O mesmo	Arquitetura/Direito/Direito	Ed. Física
Curso técnico	Não	Não	Não	Não	Não	Edificações	Não
Trabalha atualmente	Não	Não, aguarda final do treinamento para vaga de operadora de TeleMKT	Não	Sim, há 3 anos na mesma empresa (telefonía)	Sim, operadora de caixa em sorveteria por 2 anos	Não	Não
Primeiro trabalho	Auxiliava em empresa familiar, aos 12 anos	Estágio em loja de bijuterias, no primeiro ano do ensino médio	Vendedor em loja de material de construção, aos 14 anos	Babá, dos 9 aos 12 anos	Primeiro trabalho é o atual	Estágio na Secretaria de Obras (Prefeitura) durante o curso técnico	Estágio na secretaria da escola durante o ensino médio
Trabalhos posteriores	Não	Babá por 1 ano e 2 meses; operadora TeleMKT por 2 meses	Passador de camisas por 2 anos	Secretária e <i>office-girl</i> por 6 meses; babá por 1 ano e 6 meses; <i>office-girl</i> por 2 anos e 8 meses	Não	Operador de TeleMKT por 1 ano; estágio em escritório de engenharia por 1 ano	Não

Quadro 1 – Perfil dos entrevistados

É apresentada, na seqüência, a descrição detalhada de cada participante, com dados pessoais, bem como suas trajetórias escolares e profissionais. Além disso, entendendo o projeto como algo que define as pretensões do sujeito no presente e o lança a um futuro, foram escolhidas frases emitidas durante a entrevista que mais correspondessem aos seus projetos de vida, com a finalidade de melhor caracterizá-los em sua apresentação.

5.1.1 Sofia

“Pro futuro, eu só [...] penso em conseguir [...] conseguir pelo menos assim, ter uma faculdade, trabalhar no que eu gosto.”

Sofia tinha 19 anos, aceitou o convite para participar da pesquisa imediatamente e preferiu marcar a entrevista em horário anterior a suas aulas. Pesquisadora e participante já se conheciam de intervenções em Orientação Profissional individuais e coletivas ao longo do ano. Sofia mostrou-se muito disposta a contribuir para o estudo.

Apesar de nunca ter trabalhado formalmente, aos 12 anos auxiliava seu pai, quando este era proprietário de uma papelaria. Estudou em escola pública desde a quarta série do ensino fundamental. No início de 2005, matriculou-se no curso de magistério em uma escola estadual. Quando soube da vaga no cursinho popular, resolveu dedicar-se inteiramente à preparação para a prova, sendo essa a sua segunda tentativa de ingresso na Universidade. Anteriormente, havia tentado para Psicologia e dessa vez seria para Pedagogia.

Também é a segunda vez que participava de um curso pré-vestibular, uma vez que realizou um “superintensivo” oferecido como promoção de um curso particular. Ao contar sobre essa experiência, descreve-a como uma loucura: *“Foi bem corrido assim no começo, tipo, virei máquina, estudava sábado, domingo, feriado, no último mês eu estudava de manhã, à tarde e à noite. [...] não tinha tempo de descanso, era só estudar”*. Queixou-se da dificuldade em acompanhar os conteúdos revisados nesse cursinho, pois eram todos novos para ela. Considera “fraco” o ensino que teve na escola pública.

Sentiu-se muito ansiosa no vestibular anterior, culminando todas as pressões e expectativas, de si mesma e dos outros, na hora do exame. Como não foi aprovada, pensou em seguir outros rumos, com o magistério ou a bolsa para o curso de graduação em Turismo concedida pelo programa do governo ProUni.

Relata muitas mudanças na sua vida concomitantemente ao seu ingresso no cursinho popular. Assim, existem duas “Sofias” diferentes: uma é aquela da época anterior à entrada no cursinho, “*muito certinha, perfeitinha*”, que não fazia nada além de cuidar do irmão menor e sair de casa de vez em quando. Já a Sofia de hoje não vê mais a sua rotina, embora semelhante, como “*monótona*”, pois a pessoa é que está diferente. Para a participante, houve uma transformação pessoal, e o cursinho auxiliou no que se refere a esse aspecto.

O cursinho também colaborou para ter mais certeza da sua escolha universitária. Essa maior certeza lhe ajudou a assimilar os conteúdos com maior facilidade. No momento, estava se esforçando para aprender tudo o que pudesse antes da prova, o que nem sempre conseguia devido ao cansaço. Apesar disso, Sofia ainda frequentou, em paralelo, todas as aulas extras de outro pré-vestibular: “*um dos sócios [...] era superamigo meu, ele me presenteou dessa forma*”. No cursinho da UFSC, ela não faltou um dia sequer.

Para o seu futuro, Sofia almeja ter um diploma universitário e trabalhar naquilo que gosta. Sentia-se muito tranqüila com a sua escolha e também com relação ao processo seletivo da Universidade. Pretendia descansar após o término do concurso.

5.1.2 Lua

“Porque hoje em dia o estudo é tudo. Se ficar parado [...] vai ficar igual [...], tem que ir pra frente.”

Lua tinha 18 anos e é do sexo feminino. Frequentou algumas vezes um grupo de Orientação Profissional realizado no curso e, por isso, já conhecia a pesquisadora. Mostrou-se bastante disponível para a entrevista, no entanto muitos ruídos (ventiladores ligados, buzinas de carro, entre outros) atrapalharam a gravação.

Sempre frequentou escolas públicas e ainda não pensou em iniciar um curso técnico. No fim de 2004 concluiu o ensino médio e desde o primeiro ano trabalhou durante o dia e estudou à noite. Na tentativa de conciliar uma rotina de trabalho e estudo, trocou de emprego por três vezes. No momento da entrevista, aguardava o término do tratamento com uma fonoaudióloga, para concorrer a uma vaga como operadora de *telemarketing*.

Já havia prestado vestibular no ano anterior, mas ainda não tinha certeza quanto ao curso pretendido, pensando em vários ao mesmo tempo: na UFSC, para o curso de Agronomia, e numa universidade estadual, para Biblioteconomia. Apesar de ter sido aprovada

na primeira etapa de seleção deste curso, foi difícil ter realizado um concurso como o vestibular sem estar preparada. Finalmente, ficou desanimada ao saber que não obteve êxito em ambas as universidades.

Pensava em estudar para o exame sozinha, em casa, e também frequentar um curso particular a partir do meio do ano. Ela e o pai iriam juntar dinheiro a fim de que as despesas relativas à sua educação preparatória fossem pagas. Sabia das dificuldades quando se estuda e trabalha ao mesmo tempo, mas estava disposta a tentar. Quando recebeu a carta para inscrição no cursinho “*foi bom porque [...] não tinha condições de pagar um cursinho [...] daí ia ficar o ano inteiro estudando em casa [...] só que sozinha é bem difícil*”. Assim, sentiu-se aliviada e muito motivada ao estudo.

Quando estava na metade da terceira série do ensino fundamental, ela e seus pais se mudaram para Florianópolis, pois onde moravam antes “*é horrível em tudo [...] porque lá não tem nada, nada, nada*”. O motivo da mudança se deu para o tratamento da mãe, que sofre de uma “*depressão muito forte*” desde que perdeu o primeiro filho, ainda na gestação. Concomitantemente à época da mudança, a crise se acentuou pelas mortes de três de seus avós, pela doença de sua tia e por acidentes que ela e seu pai sofreram. Lua afirma que atualmente só ficou a lembrança de todo esse sofrimento, bem como algumas seqüelas, como, por exemplo, a medicação que a mãe necessita diariamente. Por ser filha única, considera-se o futuro da família. Possui certeza quanto à escolha pelo curso de Biblioteconomia e gosta muito da parte de informática. Sua vizinha, bibliotecária, sempre incentivou Lua no que se refere a esse aspecto, emprestando muito material informativo sobre o assunto. Pretende, com o término do concurso vestibular, voltar a trabalhar, pois, além de gostar da atividade laborativa, também precisa de dinheiro para as suas despesas mensais e para corrigir o problema fonoaudiológico que possui. Pensa em nunca parar de estudar, mesmo após o término do curso de graduação.

Avalia o ano em que esteve no cursinho como muito proveitoso, apesar do volume de conteúdos aprendido. Passou a conhecer mais a Universidade e, em sua turma, fez novas amizades e também reencontrou amigos do ensino médio. Considera-se bem mais tranqüila com relação ao exame se comparado à prova realizada no ano anterior.

5.1.3 Pedro

“Acho o estudo a coisa mais importante [...] o que eu quero é estudo, eu quero ser um cara culto, inteligente.”

Pedro é do sexo masculino e tinha 18 anos. Ao ser convidado para participar da pesquisa, atendeu prontamente ao pedido, fornecendo vários horários disponíveis para o encontro, que teve duração aproximada de uma hora.

O informante concluiu o ensino médio em dezembro de 2004, na sua cidade natal, no Alto Vale do Itajaí, onde morava com os pais. Mudou-se para Florianópolis em agosto do ano seguinte, visando à preparação para o vestibular da UFSC. Passou, então, a morar com o irmão, que, no momento, era estudante de graduação da Universidade. Pedro nunca iniciou um curso técnico.

Seu ingresso no mercado de trabalho ocorreu aos 14 anos de idade, ainda durante o ensino médio. Trabalhou para *“ser livre, ter o próprio dinheiro”*, sem ter de recorrer aos pais. O último emprego serviu para *“juntar dinheiro”*, visando auxiliar os pais quanto ao seu sustento após a mudança de cidade. Trabalhava durante o dia e, à noite, estudava em escola pública. Nos finais de semana praticava esportes na companhia de amigos.

Para o informante, o trabalho foi uma experiência que lhe propiciou aprendizado e amadurecimento, principalmente no que se refere ao convívio social, uma vez que aprendeu a lidar com pessoas de diferentes tipos de comportamento e a ser mais humano.

Apesar de não estar *“assustado”* com a mudança de cidade, estabelece diferenças radicais entre elas, uma vez que uma é capital turística, agitada e cara, e na outra sequer existe um ônibus: *“Me formei, não tinha o que fazer mais... eu cheguei no fim da meta, da linha lá”*.

Era a primeira vez que participava de um curso pré-vestibular; entretanto prestaria naquele ano pela segunda vez o processo seletivo para a Universidade. Acha que para o êxito no concurso é preciso não só estar atento às aulas de conhecimentos, mas também haver empenho do aluno.

Considera o cursinho uma oportunidade muito positiva para as pessoas com dificuldades financeiras. O cursinho também é um dos melhores da cidade, devido à sua equipe de professores e ao alunado que, segundo Pedro, tem muito mais vontade de estudar se comparado a estudantes de escolas particulares que nunca precisaram trabalhar. Ademais, acha que é muito mais fácil conviver com pessoas carentes, pois elas são mais humildes e

afetuosas, o que permite um maior coleguismo e solidariedade diante da preparação para o concurso, evitando a competição entre colegas que desejam o mesmo curso.

Diz-se tranquilo com relação ao enfrentamento do exame, até porque a relação entre candidato e vaga do curso pretendido, Nutrição, abaixou em relação ao ano anterior. Em relação aos cursos de graduação escolhidos por seus colegas, não sabe explicar o motivo da procura por cursos mais fáceis de passar. Observa cansaço e desânimo nos estudantes do curso, exacerbados após o resultado de um simulado realizado e também pelo resultado da primeira fase do processo seletivo de uma universidade estadual.

O fato de estudar nas salas de aula da UFSC é um estímulo a mais para o estudo e para imaginar o ingresso na graduação: *“Se eles conseguiram, por que que eu não vou conseguir?”*. Afirma que a prova de conhecimentos exigida no vestibular das instituições federais é, no mínimo, desleal para o aluno egresso da escola pública, onde o ensino é *“fraco”*, e noturna, em que a maioria trabalha durante o dia.

Para ele, o estudo é o mais importante na vida; logo, continuar estudando era a sua única opção. Já pensava em iniciar uma universidade desde que seu irmão começou o curso de graduação na UFSC. Pretendia, ainda, realizar projetos como um intercâmbio e algumas especializações na área de Nutrição, concomitantemente ao curso. Para ele, será necessário arranjar um trabalho remunerado para custear suas despesas durante a faculdade.

Durante toda a entrevista, Pedro preocupava-se em ser objetivo, respondendo a cada pergunta de forma clara e atenciosa. No final, mostrou interesse em assistir à defesa da dissertação.

5.1.4 Regina

“A minha expectativa de vida, de crescer, de ser alguém na vida, vamos dizer assim [...] ter uma profissão.”

Regina, além de muito simpática e disposta, forneceu vários detalhes de sua trajetória, esmiuçando cada uma de suas respostas. Sua entrevista, a mais longa, com duração de uma hora e trinta minutos, foi realizada em primeiro de dezembro de 2005. A informante tinha 22 anos. Embora seu estado civil seja solteiro, mora com o companheiro há alguns meses, próximo da casa dos pais dele.

Seu primeiro emprego foi aos 9 anos de idade, quando ocupava a função de babá. O início precoce na atividade laborativa ocorreu após um acidente da sua mãe, que era doméstica: *“Minha mãe não pôde fazer... muita coisa nesse período [...] e quem tomou o lugar da minha mãe fui eu”*. Com o acidente da mãe, passa a ser remunerada, auxiliando no orçamento familiar. Regina nunca cessou o trabalho, resumindo seus sucessivos empregos da seguinte forma: *“Eu sou assim, eu não paro [...] saio de um, já tô indo pro outro. Aí foram os únicos empregos que eu tive, primeiro como babá, segundo como... office-girl, por seis meses ou oito, se não me engano, aqui na Trindade, na Pró-Menor, também como office-girl, assim que eu saí, consegui esse de babá, e tô até hoje nesse [...] eu já tô há bastante tempo trabalhando”*.

Em função do seu trabalho no Programa Pró-Menor, iniciou um supletivo particular custeado, na época, pelos seus chefes, considerados por ela como “pai e mãe profissionais”, seus orientadores. A idéia era adiantar a conclusão do ensino médio visando à sua efetivação na empresa antes de completar a maioridade, quando terminaria o vínculo com o referido programa. Para ela, infelizmente, tais planos não se concretizaram e, pouco antes de completar 18 anos, teve que abandonar a empresa onde trabalhou durante a maior parte do antigo segundo grau. Assim, retornou à escola pública no último ano e concluiu o ensino médio. Um de seus sonhos atuais é voltar a trabalhar nessa empresa.

A participação no Programa Pró-Menor repercutiu fortemente em sua vida: *“Foi muito importante assim, foi o que me deu aquela alavanca, pra mim poder enxergar, meu Deus, quem eu sou?”*. Foi por meio desse projeto que ela conheceu duas pessoas que a ajudaram a crescer profissionalmente, seu “pai e mãe profissionais”, como ela os chama. Foi também através desse programa que a informante se identificou com a área de administração da informação, decidindo prestar vestibular para o curso de Biblioteconomia, por ser este o que mais se aproximava do serviço realizado na empresa. Na época, pensou em fazer o curso técnico de sistemas de computação, mas desistiu, pois queria mesmo o serviço de bibliotecário.

O Pró-Menor também oferecia palestras sobre os mais variados temas: cidadania, direitos e deveres do trabalhador, prevenção contra o uso de drogas, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. Para manter-se filiada ao programa, era necessário tirar boas notas na escola e seguir uma série de itens estipulados, os quais Regina seguia à risca.

Considera sua família humilde e bastante trabalhadora. O sonho de seu avô era que os netos continuassem sempre estudando, não interrompendo esse percurso, como fez a mãe de

Regina para cuidar dos filhos pequenos. Ela e o irmão são dois dos poucos que concluíram o ensino médio em toda a família.

Regina destaca o quanto o seu avô assumiu o papel de pai. Filhos de pais diferentes, tanto ela quanto o irmão foram criados apenas pela família da mãe. O avô tinha muito medo de que a informante engravidasse, repetindo a história da sua filha e, por isso, proibiu diversas vezes o namoro da neta com o atual companheiro, com o qual está junto há nove anos.

Após a morte do avô ocorreram algumas mudanças em sua família. A avó e a mãe, enfraquecidas pelo envelhecimento, já moraram em diferentes lugares, mas hoje estão juntas e são sustentadas pelo irmão de Regina. O irmão foi morar com a esposa e filha, e a entrevistada, com o companheiro. Apesar das dificuldades, define-se como persistente e acha que seus objetivos de vida serão alcançados.

Acha que o mercado de trabalho está saturado e que, apesar de querer continuar estudando para *“poder ter alguma coisa na vida”*, atualmente o diploma não é suficiente. Sem êxito, tentou vestibular uma vez e se decepcionou, tendo considerado o processo seletivo injusto: *“porque eu me desanimei, realmente foi uma... meio que um tapa levado (risos), assim, porra, ver aquelas pessoas que nem estudaram passar e tu não!”*. Regina lembra esse período como uma decepção.

Ao falar em cursinhos para o vestibular, diz: *“Eu tentei procurar cursinhos pra pagar, mas... muito pesado... não tinha condições [...] ou eu comia, ou [...] pagava cursinho e [...] nem me vestia”*. Regina estava há três anos sem estudar, desde a conclusão do ensino médio. Colegas de trabalho que tinham estudado no Cursinho da UFSC e conseguido uma vaga na Universidade haviam falado sobre ele. Dessa forma, foi até a Universidade informar-se sobre tal curso. Lá, ficou sabendo que não poderia cursá-lo, por ter realizado uma parte do ensino médio em colégio particular. Mesmo assim, inscreveu-se no ano seguinte para pleitear a isenção da taxa de inscrição no exame.

Inicialmente, tinha sido chamada para o cursinho pré-vestibular do PET. Achou que a vaga conquistada era no outro pré-vestibular da UFSC, o que infelizmente não aconteceu. Quando ligou perguntando sobre a sua vaga, a pessoa que a atendeu pediu para que explicasse sua situação na secretaria e que insistisse mais uma vez no pré-vestibular da UFSC, e foi assim que ela conseguiu a vaga.

Após o ingresso no Cursinho, sua rotina mudou totalmente. Ela passou a se dedicar ao estudo constantemente, deixando de fazer várias atividades executadas antes. Apesar da rotina de trabalho e estudo, ausentou-se do Cursinho pouquíssimas vezes. Muitas pessoas estavam

lhe dando incentivo, inclusive fora do pré-vestibular. Evidenciou que estava freqüentando o cursinho não só pelo sonho do avô, mas pelos seus “parentes” profissionais.

Regina afirmou que os poucos encontros de OP realizados no Cursinho com a própria pesquisadora foram cruciais para ela se certificar da escolha da futura profissão. Sugeriu apenas que os encontros fossem realizados em forma de palestras, se possível no horário das aulas.

5.1.5 Kissyla

“Acho que primeiro estabilidade, todo mundo procura estabilidade [...] mudar, ter uma profissão... ter algo, fazer algo que você gosta.”

Esta entrevista também ocorreu no dia primeiro de dezembro de 2005. Kissyla, desde os minutos iniciais, mostrava-se muito desconfortável com a situação da entrevista e também com o uso do gravador, o qual foi desligado por algumas vezes. Apesar de a pesquisadora informar que o encontro poderia ser realizado posteriormente, ou mesmo ser cancelado, Kissyla decidiu continuar até o momento em que conseguisse manter a calma. Tal encontro teve duração aproximada de 30 minutos.

Kissyla mudou de cidade no ano de 2004 e veio morar com duas amigas. Estas também eram de sua cidade natal, em um estado vizinho de Santa Catarina. Tinha 18 anos e é a filha do meio, com dois irmãos, um mais velho e outro caçula. O motivo da mudança foi a sua vontade de “*passar na Federal*”, uma vez que suas companheiras de apartamento a convenceram de que a Universidade era muito boa e com um nível de qualidade de ensino excelente. Seus pais também compartilham do “sonho” da aprovação no vestibular.

Trabalha há aproximadamente dois anos, sendo esse seu primeiro emprego também. Trabalha por necessidade e, atualmente, não depende de recursos financeiros dos pais. Essa seria a terceira vez que prestaria o exame vestibular: a primeira tentativa foi por experiência; na segunda, estudou em casa sozinha e, dessa vez, se prepararia em casa no primeiro semestre e também no cursinho, após o seu ingresso nele. Seria a primeira vez que freqüentaria o ensino propedêutico para a universidade.

Acredita que não há outra opção de curso senão Ciências Contábeis. Ficou muito “*empolgada*” com a oportunidade de estudar no Cursinho, que considera um incentivo, uma vez que achava bastante complicado estudar sozinha, sem o auxílio dos professores e colegas,

pois muitas dúvidas permaneciam. Ficou sabendo da existência do cursinho por intermédio de uma amiga.

Acha que seus planos profissionais referem-se, principalmente, à busca de estabilidade e acredita que mudarão após a sua entrada na universidade. Considera o tema “futuro” um tanto complicado e difícil de ser imaginado.

Resume a sua rotina da seguinte maneira: *“Tudo que eu faço? [...] acho que eu vivo pro vestibular [...] Vestibular e trabalho... a única coisa”*. Kissyla conta que abandonou outras atividades, tais como o lazer ou a diversão, para poder se concentrar na preparação para o concurso vestibular. Às vezes, possui vontade de abandonar seus projetos e sua *“batalha”*, em função das dificuldades da vida sem a presença da família, numa cidade distante e tendo que pagar as próprias contas.

Apesar das várias interrupções e do roteiro de entrevista não ter sido finalizado, devido à ansiedade da informante, esta mostrou vontade em contribuir com a pesquisadora, deixando que seus dados fossem utilizados e colocando-se à disposição para a realização de um novo encontro, o qual, em função da proximidade do exame, não ocorreu.

5.1.6 Vítor

“Tudo se une, tudo se ajeita, eu acho isso... bem legal [...] as coisas, sei lá... uma coisa pescada lá adiante duma outra lá atrás, elas se encaixam no mundo.”

Vítor tinha 21 anos. A entrevista durou cerca de uma hora e ocorreu no dia 2 de dezembro de 2005. Também nesse caso pesquisadora e informante se conheciam por causa das intervenções em OP realizadas.

Vítor foi o único entrevistado a ter realizado um curso técnico, na área de Edificações, por ser o que mais se aproximava da graduação em Engenharia Naval, seu grande sonho na época do ensino profissionalizante. Explicou que, à medida que se aproximava do término do curso, desanimava-se desse sonho. Seu primeiro vestibular foi para Arquitetura. No entanto, ainda no curso técnico, foi percebendo que as matérias consideradas “mais empolgantes” eram as teóricas e, principalmente, a disciplina de Língua Portuguesa.

Realizou estágios em Edificações na Secretaria de Obras da cidade e também em um escritório de engenharia e arquitetura. Nesses estágios *“já fui me desprendendo, porque eu disse: não, não é bem isso que eu quero. A minha área é outra, ainda tenho que descobrir*

direitinho o que eu quero". Seu tio e primo são engenheiros e o incentivavam a seguir o mesmo caminho. No entanto, para cursar Engenharia Naval, deveria mudar-se para o Rio de Janeiro, o que, na época, a mãe não permitiu, pois era muito novo.

Entre esses dois estágios, a irmã de Vítor o indicou para o cargo de operador de *telemarketing* em uma empresa da capital, na qual ele permaneceu por um ano. Para ele, era bom trabalhar, não só pela questão financeira, como também pela experiência das atividades executadas. Em suas palavras, *"por ambos... pela experiência, porque... o mercado de trabalho [...] tá difícil [...] comecei a trabalhar e comecei a sentir necessidade de ter o dinheiro [...] não depender mais porque daí eu comecei a pagar meu próprio passe, não precisava ficar pedindo"*. Apesar de ter concluído o curso técnico, não pôde exercer atividade profissional como técnico, pois não se registrou no CREA, entidade que regula também essa profissão.

Vítor considera a comunicação o forte de sua família, exemplificando tal fato pela trajetória da irmã, que, mesmo sem concluir o ensino médio, possui o cargo de gerente em uma rede hoteleira. Sua família sempre apóia a continuação de seus estudos, auxiliando-o quando parou de trabalhar somente para manter a rotina de estudo, no ano de 2005. Esse foi o primeiro ano no qual Vítor parou de trabalhar, desde o início de seus estágios. No ano anterior, freqüentou dois conhecidos cursos pré-vestibulares comerciais da cidade, porém não obteve a aprovação no vestibular. O pagamento dessas mensalidades foi feito com a renda obtida em seus trabalhos. Julga triste e traumática a experiência de freqüentar esses ambientes, por ter culminado na sua não-aprovação. Ressalta o clima de intensa competição sentido nesses pré-vestibulares.

Esse seria o quarto processo seletivo enfrentado por Vítor, o primeiro para o curso de Letras. O primeiro vestibular foi para o curso de Arquitetura, enquanto os dois seguintes, para a graduação em Direito. Foi aos poucos se decidindo pelo curso de Línguas, mas não abandona a idéia de cursar Direito, concomitantemente. A opção pelo curso de Letras também se deu por medo de ser reprovado em um curso muito concorrido, tal como as Ciências Jurídicas. Os poucos encontros em OP no Cursinho lhe ajudaram a definir melhor suas escolhas.

Na época em que foi selecionado para o Cursinho, estava muito desacreditado de seus projetos, pois acabava de ter sido reprovado em um concurso. O ingresso no pré-vestibular foi importante para retomar a idéia de fazer o exame, uma vez que estudar sozinho é "complicadíssimo" para ele. Um aspecto crucial em sua inserção no Cursinho refere-se às amizades feitas e na sua transformação em um ser humano mais "*social*".

Vítor não pretende desistir da graduação em Ciências Jurídicas e, conversando com colegas que realizam duas graduações ao mesmo tempo, percebeu ser possível conciliá-las. Entretanto, seu objetivo mais imediato é ingressar na UFSC, no curso de Línguas. Está mais tranqüilo quanto ao próximo processo seletivo.

5.1.7 Diego

“Sempre tive vontade assim, ter uma formação profissional, ter uma faculdade, obter um grau e... nunca, nunca parar com o estudo... sempre estudando, sempre... procurando coisas novas.”

Diego foi entrevistado no dia 7 de dezembro de 2005. É do sexo masculino e tinha 18 anos no momento da entrevista. Apesar de surpreso pela utilização do gravador, falou que já havia sido entrevistado em outra ocasião com o uso de uma câmera; logo, não ficou ansioso por tal fato. Antes da entrevista, pediu para ler o roteiro que a pesquisadora carregava em suas mãos.

Sua experiência laborativa se deu mediante um estágio realizado na própria escola em que cursou o ensino médio. Era intenção, tanto dele como da escola, manter o seu estágio, o que não foi possível, pois ser egresso o descaracterizava como estagiário. Gostou de ter trabalhado e possuía bastante iniciativa quando executava seus serviços. O “*pessoal da escola*” também gostou de ele ter trabalhado lá. Seu primeiro salário teve um atraso de quatro meses e, mesmo assim, continuou trabalhando de forma interessada.

Sempre teve vontade de continuar seus estudos e, assim que concluiu o ensino médio, no final de 2004, prestou vestibular, mas sem preparar-se em um curso pré-vestibular. Também participou do ENEM e, pelo programa ProUni, conseguiu uma vaga para o curso de Turismo em uma universidade particular, mas não quis iniciá-la, pois, além de não ser o curso pretendido, queria ingressar no Cursinho Popular da Universidade. Dessa maneira, sua vaga na universidade particular ficou garantida para o próximo ano e ele pôde concorrer a uma matrícula no Cursinho.

Antes de iniciar o Cursinho, tinha sido contemplado com uma bolsa para participar de um projeto popular de um grande cursinho pré-vestibular da cidade. Então, era sua meta estudar lá, mas confessou estar receoso, pois colegas comentaram não ser um bom curso: os professores faltavam muito.

Para ele foi uma vitória ter ingressado no Cursinho da Universidade, pois tinha optado por essa oportunidade. Também mencionou o fato de que o pré-vestibular ser na própria Universidade pretendida o incentiva ainda mais na sua preparação.

Diego chegou à capital com a família quando cursava a sexta série do ensino fundamental. Sua família estava apoiando o projeto de ingresso na Universidade. Menciona também uma amiga da mãe que o incentiva a superar a condição social, como aconteceu com ela própria: *“Ela disse assim [...] nunca pode perder uma oportunidade e [...] não ter vergonha do que você é [...] não é [...] porque eu não posso pagar um cursinho que eu [...] não vou estudar”*.

Estava se dedicando totalmente à preparação para o vestibular: *“Eu estudei [...] me dediquei bastante mesmo [...] estudei pro vestibular e se... se der tudo certo [...] espero passar”*. Anteriormente, não tinha estudado para o exame, tanto que em sua primeira tentativa, para Educação Física, era quase certa a sua não-aprovação. Naquele momento *“não achei injusto não passar [...] porque eu não estudei, então pensei assim: ah, já que não passei esse ano, vou me empenhar agora, vou estudar e quero ter a vitória ano que vem... que é esse ano agora”*. Desde aquele momento iniciou sua preparação lendo os livros do processo seletivo durante as férias. Além de considerar o Cursinho uma vitória, considera-o também uma oportunidade imperdível.

No vestibular seguinte pleitearia uma vaga para Enfermagem, pois os doentes precisam de algo a mais que um medicamento, um incentivo. Conversou com muitos graduandos e percebeu não ser apenas o diploma que o ensino superior “dá” aos seus alunos. Ele se mostrava bastante determinado na consecução dos seus objetivos e com disposição para lutar sempre.

No Cursinho, conheceu muitos colegas, e alguns se tornaram seus amigos. Nas aulas, compartilharam não só o estudo, mas também suas histórias de vida, problemas, rotinas e aconselharam-se mutuamente. Pretende trabalhar e estudar quando for aluno da Universidade. No momento da entrevista, afirmou estar calmo para realizar a prova, mas está preparado para os dois lados, tanto para a vitória como para a não-aprovação. Ao Cursinho, só tem a agradecer, e sempre que precisarem da sua ajuda afirmou estar disponível.

5.2 Apresentação, Análise e Discussão dos Temas e Categorias

Os temas apresentados no quadro abaixo, com suas respectivas categorias, servem para responder aos objetivos da presente dissertação. Exceto pela categoria “O projeto profissional”, estabelecida *a priori*, as categorias foram definidas durante o processo de tratamento dos dados levantados.

Temas	Categorias
O ensino superior	a) As razões para ingresso no ensino superior b) O acesso ao ensino superior
O projeto	a) O futuro profissional b) O projeto profissional
As repercussões do curso pré-vestibular	a) A visão dos alunos b) A importância de terem sido “escolhidos” c) As contribuições para a vida e o futuro

Quadro 2 – Temas e categorias de análise

5.2.1 O ensino superior

“As razões para ingresso no ensino superior” relata os motivos que levaram à busca de tal nível de estudo. A maioria dos sujeitos mencionou o estudo em si e/ou o fato de ser estudante como condição fundamental para atuação e inclusão na vida social, especificamente em relação ao mercado de trabalho, por meio de um emprego. Dessa forma, o curso de graduação constitui-se, para esses sujeitos, uma condição primordial para ação no mundo atual, munindo-os para o enfrentamento de predeterminações sociais, essencialmente no que tange à sua ocupação e formação profissional. Ficou evidente a relação entre educação e trabalho, que se sobrepõe às diversas facetas do capitalismo e do cenário contemporâneo.

Alguns depoimentos expressam claramente a escolarização como condição para uma melhor colocação no mercado de trabalho e, conseqüentemente, para alcançar estabilidade financeira.

Meu pai sempre fala [...] “vai estuda”, porque ele parou na oitava [...] e minha mãe na quarta, por não ter condição [...]. Aí tu vê por eles [...] meu pai é pedreiro, minha mãe é doméstica [...] se não tiver estudo, vai continuar assim [...] então tem que estudar pra... ter um emprego bom... tu sabe, pra ter um estudo [...] também mudar [...] a minha vida, assim,

financeiramente e tal, estudando, trabalhando, tendo um emprego melhor. (Lua).

Acho que pra todo mundo é o principal, pra mim é, sinceramente, o principal... estabilidade financeira... acho que todo mundo busca isso, eu pelo menos, particularmente busco, estabilidade financeira... acho que só conseguindo ter um grau... faculdade, ser um bom profissional a gente consegue... (Kissyla).

A educação superior torna-se, pela via do trabalho, o elemento indispensável para superar condições predeterminadas da vida dos sujeitos, permitindo-lhes ascender socialmente. Através do estudo, terão condições de pertencer a uma outra esfera da sociedade brasileira: aqueles que conseguiram ascender ao ensino superior.

A esse respeito, cabe lembrar a afirmação de Bianchetti (1996) acerca dos capazes de planejar e escolher um curso de nível superior, os quais representam a minoria da população brasileira, selecionados em outros processos de inclusão/exclusão anteriores.

Não é apenas a vontade de incluir-se na vida social em geral e no “mundo do trabalho”, mas, principalmente, o temor da exclusão dessas esferas que motivam os sujeitos a procurar ingressar na universidade. Para Wanderley (2002, p. 17), no fenômeno da inclusão/exclusão está contida “uma série de manifestações que aparecem como fraturas e rupturas do vínculo social (pessoas idosas, deficientes, desadaptados sociais; minorias étnicas ou de cor; desempregados de longa duração, jovens impossibilitados de aceder ao mercado de trabalho; etc.)”.

Já tendo estudo você já não é [...] garantido o emprego, no caso [...] então, imagina sem estudo? Com estudo você já não é nada, imagina sem o estudo? (Diego).

Eu vejo casos de amigas que já são formadas, já têm o diploma e tão fazendo cursos de novo pra poder... passar em outra, em outra área [...] porque não conseguem trabalho [...] muitas pessoas que trabalham como eu, ganham o mesmo salário, tem... é, diploma de... Serviço Social, Psicologia, tem diploma de várias áreas, mas não conseguem emprego na área [...] só estágio. (Regina).

Com a universidade que a gente vê tá difícil das pessoas conseguirem um emprego legal, que ganhe legal [...] sem a universidade é muito pior. (Pedro).

Fica clara a relação estabelecida entre possuir um diploma de nível superior e a conseqüente inserção no mercado de trabalho.

Se até há algumas décadas essa relação era possível, hoje, a realidade permite questionar os objetivos da educação superior¹ e avaliar se eles servem ao que é preconizado pelos sujeitos.

Soares (2002) enfatiza a dimensão econômica da educação, presente nas reformas de ensino desde a década de 1970, em que o crescimento geométrico das vagas universitárias propiciou à classe média brasileira oportunidade de ascender no tecido social. Entretanto, essa expectativa de ascensão não corresponde mais à realidade atual, pois o mercado de trabalho não é mais capaz de absorver esse crescente número de formados.

Eu acho o estudo a coisa mais importante, com estudo tu consegues tudo... Que se tu ficar trabalhando numa empresa normal, emprego monótono lá, passando roupa, igual eu fazia, ia ficar o resto da vida ganhando o mesmo salário... aquilo ali... se eu não reclamasse, ia ficar lá naquele canto jogado, passando tantas camisas por dia, ia pra casa, dormia, se torna uma vida cotidiana assim. Com estudo tu pode conseguir mais do que isso... (Pedro).

Sofia evidencia a relação que se estabelece entre educação e oportunidade de trabalho:

O pessoal já disse [...] se tu quiser trabalhar aqui, aqui tem lugar pra ti [...] o outro cursinho também, o pessoal foi bem... bem receptivo, assim, esse meu amigo que é sócio de lá, ele assim, tu te forma e tu vem trabalhar aqui [...] eu sei que eu me formando, eu vou ter, eu tenho emprego em dois lugares. (Sofia).

No entanto, os depoentes buscam o ensino superior também por outro motivo, qual seja, o prazer que sua prática profissional poderá lhe proporcionar. Diego menciona essa proximidade entre a prática profissional e o prazer dela derivado: “Vai ter o teu gosto além de trabalhar [...] vou fazer o curso que eu quero, não é, ah, vou fazer porque é isso, eu faço isso porque [...] gosto disso, eu quero trabalhar, assim, com criança”.

Os entrevistados corroboram as idéias de Bohoslavsky (1983) e Soares (2002) no que se refere à busca da felicidade presente na escolha profissional, na tentativa de aliar a prática de um trabalho com o prazer aos sujeitos. Logo, no “mundo do trabalho” a escolha por determinada área poderia ser mais sensível ao projeto de vida do sujeito, bem como este último poderia ser um guia para os projetos profissionais.

Albornoz (2002) defende formas de trabalho que valorizem a criatividade e o envolvimento prazeroso nele por parte dos sujeitos. Nesse sentido, segundo a autora, o

¹ Para esclarecer os objetivos da educação superior no Brasil, consultar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/96).

trabalhador deve gostar do que realiza, evitando que sua atividade laborativa ocorra apenas como garantia de sobrevivência. Essa identificação foi expressa por alguns entrevistados:

Eu gostei do ramo onde eu tava, eu trabalhava lá dentro do setor de arquivos, então já tem tudo um pouco a ver com [...] a área que eu vou cursar [...] seria Biblioteconomia [...] que é com arquivos, documentos, tudo, que tu pode tar... trabalhando, e eu já tenho um grande conhecimento pelo meu trabalho [...] na Pró-Menor. (Regina).

Sofia explicou a sua opção pelo ensino superior informando qual graduação pretendia, tornando a escolha da profissão motivo de ingresso na universidade:

Vejo constantemente com os professores ali no dia-a-dia, eu sei todas dificuldades que eles passam, eu sei o que é bom e o que é ruim, entende? Então não é uma coisa nova chegar lá, assim, ah não, eu tenho Pedagogia, tenho toda a base [...] então eu vou tentar [...] aplicar um conceito, não é assim, eu sei que não é assim. [...] eu tenho esperança de trabalhar naquilo que eu gosto, de tar fazendo o que eu gosto. (Sofia).

Para a maioria dos sujeitos, o que emergiu mais fortemente foi uma decisão no sentido da busca da educação universitária, ficando quase secundária a questão da escolha. Hoje a pergunta está muito mais para “por qual graduação optar” em vez da anterior, “optar pela graduação”. Soares-Lucchiari (1998) chama a atenção para a obrigatoriedade da continuação dos estudos por parte de alguns jovens. De acordo com a autora, muitos “não param para pensar se querem optar ou não por uma universidade; seu problema não é escolher um curso, e sim ‘ter de fazer uma faculdade’” (SOARES-LUCCHIARI, 1998, p. 22). São exemplos de uma escolha quase inquestionável pelo ensino superior os seguintes trechos:

Eu acho que hoje a concorrência, assim, no trabalho... a universidade é uma prioridade que tem que ter [...] sem universidade hoje em dia não dá... Não dá pra se viver, vamos botar assim, é algo básico, ficou como um terceiro ano. (Pedro).

Pra poder ter alguma coisa na vida, tu tem que estudar, [...] hoje em dia tu tem que ter um diploma pra tudo. (Regina).

Não tem como sobreviver sem [...] se ter um grau de instrução superior [...]. É difícil sobreviver no mundo... no mundo capitalista [...] sem ter uma profissão. (Kissyla).

Observam-se a crescente disseminação e a conseqüente banalização do ensino universitário, evidenciando a crise vivenciada na e pela educação brasileira. Os sintomas

dessa crise no sistema educacional refletem-se também no mundo do trabalho, também em crise, onde o excedente de mão-de-obra qualificada e sem emprego vem aumentando constantemente (ANTUNES, 2005). A sociedade que vive da venda de sua força de trabalho apresenta sinais de falência.

Outro problema advindo da crise educacional é o da ampliação desordenada das universidades privadas, o que deixa transparecer que a educação é concebida como uma mercadoria. Alguns participantes demonstraram preocupação em longo prazo com esse tipo de proposta universitária e com os profissionais egressos dessas instituições.

Tem muitas universidades particulares hoje [...] de fim de semana, sexta à noite, sábado o dia inteiro [...] da Educação Física têm muitas universidades que fazem esse tipo de curso assim, que forma milhares de alunos [...] não sai um profissional bom dali, mas vai ocupar vagas. (Pedro).

Soma-se a essas questões o discurso da qualificação (ANTUNES, 2000; LISBOA, 2002), que é amplamente difundido nos meios de comunicação, estimulando os sujeitos a continuar estudando com a “promessa” de aumentar a sua empregabilidade. Pedro arrisca dizer que não só a universidade é necessária para a inserção no concorrido mercado de trabalho:

Hoje em dia eles querem é que seja formado, eles querem botar quem tenha diploma, entende? [...] não só a universidade, mas depois da universidade procurar uma especialização [...] você tem que ter algum curso técnico, algo a mais [...]. Hoje em dia a gente vê, né, é algo desleal, uma concorrência com uma pessoa com universidade e com uma pessoa sem universidade, a pessoa cai né... e pode ser uma pessoa inteligente e tudo, mas se não tem uma especialização. (Pedro).

A idéia que mais parece estar de acordo com a finalidade da educação superior, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/96), está expressa no depoimento de Diego:

A universidade não vai te dar só aquela [...] formação, [...] o diploma... [...] vai te dar muito além disso, [...] projetos assim que [...] não vão te trazer uma remuneração é... material, dinheiro... vão trazer um conhecimento, vão te trazer [...] um prazer [...] em trabalhar ou [...] não é, tipo, exclusivamente um diploma, ou um... um salário... É muito além disso... (Diego).

Em síntese, vários são os porquês para os sujeitos buscarem o ensino superior. Embora estes tenham informações sobre a crise dos sistemas educacionais e do trabalho, continuam a

aumentar a sua escolaridade e o nível de especialização com vistas a melhores condições sociais, empregatícias, econômicas e políticas, entre outras. O medo de se tornar parte marginal às condições sociais faz com que seja inquestionável a opção universitária.

“**O acesso ao ensino superior**” refere-se ao caminho trilhado pelos estudantes até conseguirem acessar o ensino superior. Nesse sentido, foram mencionadas algumas das dificuldades quanto a esse acesso, a saber: a dificuldade da prova, gerada a partir da desproporção de candidatos disputando uma vaga nas universidades federais; as condições desiguais ao enfrentar o exame entre egressos das redes pública e particular de ensino; o crescimento do ensino propedêutico para as universidades, que ocasiona o “efeito cursinho”; e a decepção dos reprovados, independentemente da preparação que tiveram.

Apesar das formas alternativas de ingresso no ensino universitário (BONFIM, 2003; FREITAS, 2006; SOARES, 2002), o exame vestibular continua sendo a principal via de acesso às instituições públicas. Atualmente, no país, existe um maior número de universidades privadas se comparado às instituições federais, estaduais e/ou municipais; no entanto, a opção dos candidatos entre realizar um curso de graduação em uma instituição privada ou pública fica evidente no caso brasileiro, em síntese, às restritas condições econômicas da maioria populacional. Dessa forma, o número de inscritos nestes vestibulares é desproporcional ao número de vagas ofertadas. A realidade nacional é bastante clara: o ensino superior ainda é para poucos e para quem possa custeá-lo. A respeito das vagas nas universidades federais, Pedro expressa sua opinião: “*por ser federal devia ser das pessoas [...] não por raça ou por cor, mas pessoas de [...] classe baixa [...] tivesse renda baixa*” (Pedro).

Para os egressos de escola pública torna-se ainda mais difícil disputar uma das vagas, uma vez que o ensino médio público, da forma como é realizado hoje, não auxilia os seus concluintes no que se refere à preparação para o concurso vestibular. Nas palavras de Pedro e Diego, respectivamente: “*É desleal, tu não consegue estudar em colégio público a vida inteira e vim pra cá e fazer uma prova*” e “*colégio público... falar a verdade... ele não prepara uma pessoa pro vestibular*”.

E quando o egresso do ensino médio público busca uma preparação em nível de conhecimentos para um processo seletivo como o vestibular, ele se dá conta dessa realidade:

Nos primeiros dias assim, eu... vou fala a verdade, eu ficava meio perdido assim nas aulas, porque [...] eu não tinha aquela [...] base, assim, um estudo [...] no colégio, quando eu aprendi, era sempre o básico [...] e, quando eu cheguei aqui, pô, pensava assim, eu, ou eu não sei nada... [...] ou é tudo

novo [...] é outra matéria [...] a gente já percebeu na, na... assim, no começo que a gente não estava preparado mesmo pro vestibular. (Diego).

Também no que tange a essa preparação, alguns estudantes conseguem matricular-se em cursinhos pré-vestibulares privados, seja com as suas economias ou pelas promoções concedidas, e também percebem uma diferença entre o seu nível de ensino e o que é exigido no exame vestibular.

Eu participei [...] de um superintensivo, ano passado, nos dois últimos meses assim. E aí pra mim foi a loucura [...] porque vim de uma escola pública e ir [...] pra um cursinho particular... tu vê muita coisa que tu não sabe, que tu nunca visse na tua vida, não sabia que existia, que tinha que aprender! (Sofia).

Nesse sentido, o candidato que se prepara e estuda para um processo seletivo na educação superior avalia-se em relação ao seu nível de conhecimentos e, muitas vezes, avalia também o nível de saberes de seus concorrentes, sobretudo dos provenientes da rede particular de ensino.

Pessoas que estudam em colégios particulares têm... uma grande chance a mais [...] de passar no vestibular. [...] Eu acho que o ensino hoje em dia é fraco por isso, eles não dão a base pra gente [...] concorrer com pessoas que estudam em colégios particulares e [...] tomam a vaga na universidade federal. (Pedro).

Tinha gente de colégio público e tinha gente de colégio particular, então quando o professor perguntava alguma coisa, o pessoal do colégio particular já tinha visto, respondia! Daí eu já entrava em pânico porque não sabia o que o concorrente sabia. (Sofia).

Na atualidade, os cursinhos preparatórios privados constituem a maioria entre os cursos preparatórios para o vestibular. Geralmente, como já mencionado, o valor das suas mensalidades supera o salário mínimo brasileiro, o que torna essa preparação um tanto dispendiosa para os estudantes e sua família, haja vista que nem todos possuem condições financeiras para frequentá-los. A esse respeito, Regina e Kissyla, respectivamente, contam as suas experiências: “*eu tentei procurar cursinhos pra pagar, mas [...] não tinha condições [...] é muito caro e eu não tinha condições*” e “*cursinho hoje em dia é caro, querendo ou não, muito caro! Muito caro tu pagar um cursinho*”.

Em outros casos, o aluno trabalha em tempo integral por alguns meses para custear suas despesas com um cursinho, ou mesmo trabalha durante a sua preparação. O primeiro

caso aconteceu com Vítor. Em suas palavras, “ano passado, eu trabalhei, trabalhei pra poder pagar um [...] tinha que pagar passe, alimentação e a escola, e era tudo que dava... não sobrava dinheiro pra mais nada”.

Uma característica marcante desses cursinhos comerciais constitui-se em estar sempre buscando espaço junto aos meios de comunicação para divulgar a sua equipe pedagógica, a sua estrutura física e, principalmente, o número de aprovações nas universidades da região. Os vestibulandos classificados nos primeiros lugares são convidados a participar de um comercial contando aos telespectadores sua experiência no cursinho que o aprovou. O sucesso de alguns cursinhos em determinadas regiões do país tornou possível a sua ampliação em ensinar nos três níveis; fundamental, médio e superior. No entanto, o suporte psicológico a quem não é aprovado parece não ser uma preocupação, afinal o vestibular já passou. Abaixo, um dos entrevistados conta sua experiência ao participar de um pré-vestibular amplamente divulgado na cidade.

Tu podia fazer isso, tu podia fazer aquilo, tinha laboratório disso, laboratório daquilo... [...] uma biblioteca imensa [...] o tempo todo eles te mandando informação, informação, informação, informação... e eu não consegui acompanhar esse ritmo [...] eu não sei se eles fazem uma lavagem cerebral tão grande que tu acha que tu tá indo bem naquilo dali... [...] eles diziam o tempo todo que tu vai passar... [...] aquilo entra na tua cabeça... e tu vai passar... entendeu? Eles chegam na sala eles não dizem assim “ah, boa sorte”, eles dizem [...] “ sucesso, porque tu tem sucesso, tu estuda com a gente”, entende? [...] É uma lavagem cerebral no aluno... então ele acredita tanto [...] que quando passa, maravilha, ele é o rei da cocada preta, ele passou... mas quem não passa como eu, eu disse, meu Deus, mas depois de tudo que fizeram por mim, eu sou uma anta... [...] quando tu não consegue, daí o tombo é feio... (Vítor).

O fracasso no vestibular também pode ser compreendido como o projeto da não-aprovação, a qual o vestibulando está sempre atento. Assim como a aprovação, a não-aprovação no vestibular também define um caminho na vida dos sujeitos, e neste caminho um novo processo seletivo poderá ser realizado ou não.

Depois que tu recebe o resultado do vestibular, eu meio que desanimei, sabe? Fiquei, pô, eu ia ficar o ano inteiro [...] não podendo pagar um cursinho, eu pensava: “Meu Deus, vou ficar o ano inteiro parada”. (Lua).

Prometi pra mim, pro meu avô... que eu ia... lutar, que eu ia batalhar, que eu ia estudar porque eu já tinha... [...] desistido [...] porque eu tentei um ano e não deu certo [...] porque eu me desanimei, realmente, foi [...] meio que

um tapa [...] levado, assim, porra, ver aquelas pessoas que nem estudaram passar e tu não! É uma [...] decepção. (Regina).

Como destaca Levenfus (1997, p. 19), “quem não for aprovado precisa manter a auto-estima em dia para enfrentar tudo de novo no próximo vestibular”, pois o exame vestibular não mede apenas conhecimentos e, portanto, a reprovação não significa desqualificação. A mesma autora observou que

Vestibulandos excedentes apresentam acentuada diminuição da auto-estima. A grande maioria deles continua perseguida por sentimentos de fracasso: a auto-imagem passa a ser motivo de vergonha, é acometida de sentimentos de infelicidade, desânimo, etc. (LEVENFUS, 1997, p. 63).

O conceito de efeito cursinho (WHITAKER; FIAMENGUE, 2001) passa a ser visualizado cada vez mais pelos vestibulandos, que verificam a grande dificuldade em ingressar no curso universitário sem o auxílio de um curso preparatório. Pedro afirma que “fazer uma prova sem um pré-vestibular é uma concorrência desleal [...] é quase impossível passar numa universidade... federal e concorrida [...] tem que ter um cursinho [...] senão não tem como”.

Por outro lado, os vestibulandos comentam que de nada adianta apenas frequentar um cursinho preparatório. É necessário ir além, estudando também quando não se está no cursinho ou, como dizem outros, dedicar-se exclusivamente ao vestibular, abdicando de outras atividades durante esse período.

Virei máquina, estudava sábado, domingo, feriado, no último mês eu estudava de manhã, à tarde e à noite. Final de semana direto. Pra mim não tinha tempo de descanso, era só estudar. [...] qualquer compromisso pra mim é secundário perto do vestibular, de uma aula [...] uma coisa do tipo. (Sofia).

Estudava o dia inteiro assim, acordava umas 8, 9 horas começava a estudar direto, direto, direto. [...] às vezes dá um negócio [...] eu acordo assim, não sei por onde começar, de tanta coisa que tem pra fazer. (Lua).

Eu acho que eu vivo pro vestibular [...] se eu tenho uma meta, eu quero alcançar aquela meta e nada mais, minha meta agora é o vestibular e não tenho mais visão pra nada, diversão, namorado, essas coisas [...] estão descartadas até eu conseguir passar no vestibular. (Kissyla).

Levenfus (1997, p. 22) explica que “não existe quantidade mensurável, igual para todos, e isso gera grande ansiedade e sensação de perda do controle da situação. Se o

candidato sai numa tarde para passear, já fica achando que muito não estudou”. Pode ocorrer, nesses casos, ansiedade devido à grande quantidade de estudo.

Outra dificuldade identificada é o descaso com que a educação brasileira é tratada, seja nas instalações de suas instituições, ou mesmo com os regimes contratuais precários de seu corpo docente, conforme aponta um participante: “*os professores em escolas públicas, muitos são... despreparados pra dar aula, tu pega lá estagiários pra dar aula de química [...] professores muito ruins assim... despreparados pra dar aula*” (Pedro).

O fato de alguns alunos que estudam em instituições públicas necessitarem trabalhar para auxiliar em suas despesas e/ou no orçamento doméstico da família pode contribuir para seu baixo desempenho acadêmico, bem como o nível de qualidade dos cursos noturnos (MARQUES, 1997). O depoimento abaixo aponta essa situação.

Quem estuda à noite geralmente é outro padrão de aluno [...] dá uma diferença na própria escola pública do aluno que estuda à noite do aluno que estuda [...] no período matutino [...] ele tem outra vida, totalmente diferente... quem estuda à noite geralmente é o cara que trabalha o dia inteiro, vai pro colégio, trabalha meio período, que seria legal; quem estuda de manhã, às vezes, também trabalha à tarde só meio período, ou não trabalha... É uma vida totalmente diferente assim, na própria escola pública já tem essa diferença... [...] se o professor cobrar demais... tu acaba ou desistindo do colégio ou desistindo do serviço, tu precisa dos dois. Então tem que conciliar os dois. (Pedro).

Pode-se perceber o quanto é difícil a continuação dos estudos no Brasil, principalmente por parte dos que possuem restrições financeiras. O caminho para se chegar às portas da universidade pública é extremamente difícil e exige esforço emocional, financeiro, social e político.

5.2.2 O projeto

Na categoria “**O futuro profissional**” investigaram-se as concepções acerca dessa expressão em suas vidas. Pôde-se perceber o quanto é difícil antecipar situações profissionais e, também, como esse imaginar-se no futuro relaciona-se com o momento presente da vida dos sujeitos, com seus sentimentos. Por outro lado, alguns não hesitaram em comentar sobre seus objetivos profissionais em longo prazo.

Esta categoria difere-se do projeto profissional pelo fato de este ser constituído no momento presente e possuir algumas estratégias de execução. No projeto, pensa-se no campo de possibilidades do sujeito. Já o futuro constitui-se como um pensamento menos lapidado, é como se transportar ao momento futuro sem uma análise das condições atuais de vida.

Ao se falar sobre o futuro da vida profissional, podem ocorrer algumas sensações como as expressadas por Regina, “*Frio na barriga! Um gelado!*”, ou mesmo parecer que “*é um vazio*”, como afirmado por Sofia. Esses podem ser indícios de que imaginar a situação do futuro, incerta e desconhecida, possa desencadear muitas dúvidas e certo grau de ansiedade. Outros sujeitos não sabem o que responder: “*é complicado... habilidade... aprendizagem [...] Que eu vou responder?*” (Kissyla).

Além disso, o futuro ainda não aconteceu, é desconhecido e, por isso mesmo, configura-se como um vazio por diversas vezes. A incerteza é tônica fundamental na questão do futuro.

Parece que às vezes eu enxergo mais nada, eu não consigo imaginar nada mais além. [...] é meio difícil dizer, ah não, porque daqui a quantos anos eu vou tá fazendo não sei o quê, assim, imaginar o futuro. (Sofia).

É o que eu tô querendo agora no momento, assim... É o que eu mais quero [...] pode ser que no ano que vem, ninguém sabe [...] o dia de amanhã. (Lua).

Eu não sei, a gente tem... [...] o futuro aí pela frente... (Vitor).

As dúvidas geradas a partir do ato de imaginar o futuro podem estar vinculadas com o fato de que a realização de determinados eventos está condicionada à realização de outros. Então se pode dizer que o futuro é possibilidade que está submetida a algumas condições.

É, às vezes, assim, será que eu vou conseguir? Às vezes eu paro e penso: eu tenho meu objetivo, eu sei que eu vou alcançar, que eu vou lutar pra poder conseguir, se eu não conseguir, cai uma vez, cai duas, eu vou tentar até eu conseguir, como eu consegui com [...] o cursinho. (Regina).

Pensar em todas as possibilidades profissionais é impossível. Dessa forma, o pensamento sobre o futuro acaba se relacionando com as experiências do sujeito até então, com a sua vida pregressa, e, logo, imaginar o futuro também depende do passado.

Mas às vezes, às vezes eu me entusiasmo assim e, como quando eu passei, quando eu tirei um bom resultado na primeira fase da UDESC eu comecei a

pensar, não, porque vou fazer Pedagogia ou vou fazer Psicologia, fazer Psicopedagogia [...]. Então, assim... isso depende muito da fase que eu tô, porque às vezes eu consigo imaginar alguma coisa além... (Sofia).

Acho que são coisas novas que eu vou descobrir... não consigo imaginar, porque a gente não consegue imaginar o que tem aí dentro [...] eu não consigo imaginar como que vai ser a minha vida, não consigo imaginar a minha vida como [...] como universitária. (Kissyla).

Por outro lado, os demais entrevistados comentaram concretamente sobre os seus projetos profissionais, sem expressar dúvidas quanto aos seus planos.

É, que nem a profissão [...] que tu vai seguir, que tu vai ter no futuro [...] futuro profissional? É tudo que eu vou ser no futuro [...] do curso que eu escolhi [...] se eu passar em Biblioteconomia eu vou ser pro resto da minha vida. (Lua).

Mas o que eu tenho em mente é assim... me formar na parte de Inglês, ou então... conseguir, de repente, seguir.. uma faculdade de Direito. Como Inglês [...] é diurno... e, de repente, eu conseguir passar, porque eu quero o Direito noturno [...] se eu conseguir levar as duas, ou trancar uma e levar a outra [...] fazer uma jogada assim. (Vitor).

Não precisa ser milionário, que eu não vou ser isso, mas ter uma estabilidade social. (Diego).

Pô, o futuro, futuro profissional [...] esses seis meses de estudo já vou ter um... ganhei muitos conhecimentos, e... vai ser uns 4 anos da minha vida ali, 4, 5 anos do curso que eu vou cursar, vou me formar... eu vou levar pro resto da vida isso aí. (Pedro).

A maneira como cada sujeito define o seu futuro profissional é muito singular, pois depende das experiências de sua vida progressa. Antecipar a vida profissional é relacionar-se com a incerteza e com o seu campo de possibilidades. Ante o ilimitado número de oportunidades que o mundo oferece na contemporaneidade, torna-se tarefa extremamente difícil projetar o caminho profissional.

Na categoria “**O projeto profissional**” pretendeu-se conhecer os projetos profissionais dos participantes da pesquisa. Abaixo, apresenta-se o principal projeto na área profissional na vida de cada um dos sujeitos, o qual torna os demais coadjuvantes, isto é, subordinados ao primeiro.

Pro futuro, [...] eu penso em conseguir [...] pelo menos assim, ter uma faculdade, trabalhar no que eu gosto. [...] atuar da melhor forma que ela

puder, a forma que ela se sentir feliz no que ela tá fazendo. Quer dizer, ficar bem no trabalho [...] futuro [...] fazer uma coisa que ela gosta. (Sofia)².

Porque hoje em dia o estudo é tudo. Se ficar parado, vai... vai ficar igual [...] tem que ir pra frente. (Lua).

Pô, tem gente que fica sonhando com carro, com casa... claro que eu quero ter a minha também, mas [...] não é minha prioridade isso não. Quanto mais conhecimento eu tiver, ser um especialista em tal área, poder ajudar. [...] o que eu quero é estudo, eu quero ser um cara culto, inteligente. [...] melhorar, passar no vestibular... conseguir uma carreira [...] pra ser alguém no mundo aí. (Pedro)

Minha expectativa de vida, de crescer, de ser alguém na vida [...] de ter uma profissão, porque hoje em dia, é importante [...] mas é bom tu ter um diploma porque eu vou alcançar um objetivo que eu quero, que eu tô confiante nisso, de fazer a faculdade, de quando eu já tiver no término [...] eu conseguir um estágio nessa empresa que eu sempre trabalhei e, de repente já... me conhecendo, me enfiando, me infiltrando, devagarzinho, devagarzinho. (Regina).

Mudar, ter uma profissão... ter algo, fazer algo que você gosta [...] se eu puder me realizar profissionalmente, eu acho que [...] tudo muda, as oportunidades mudam... ingressar no mundo é mais fácil, tudo é mais fácil... estabilidade é mais fácil. (Kissyla).

Ficar estudando [...] pra me aprimorar, porque eu quero tá [...] nessa parte de área de Lingüística, e essas coisas assim, sabe. [...] coisas, sei lá... uma coisa pescada lá adiante duma outra lá atrás, elas se encaixam no mundo... e eu acho isso... formidável. (Vítor).

Ah, o meu objetivo [...] nunca pensei assim, ah, eu vou parar de estudar e... só trabalhar, pegar qualquer emprego [...] eu sempre tive vontade assim, ter uma formação profissional, ter uma faculdade, obter um grau e... nunca, nunca parar com o estudo [...] sempre... procurando coisas novas [...] ir até o limite. (Diego).

O projeto profissional, ao mesmo tempo em que revela uma necessidade do sujeito a ser alcançada, “o que ele quer ser”, também revela a situação do sujeito no momento presente, “o que ele é hoje”, pois ainda não se concretizou aquilo que ele quer ser (MAHEIRIE, 1994).

Embora não tenha sido objetivo do estudo, o projeto de vida emergiu nas falas dos depoentes. Esse projeto de vida não se encontra de forma explícita, no entanto está ligado ao projeto profissional dos sujeitos (GOGUELIN; KRAU, 1992). Nenhum dos participantes mencionou o seu projeto de vida, mas aspectos dele apareceram ligados ao futuro profissional. O projeto de vida vai se concretizando na medida em que os profissionais também se realizam.

O projeto de vida de “*ser alguém*”, de “*ingressar no mundo*” aparece vinculado ao trabalho e ao estudo. De acordo com os entrevistados, é por meio do aumento de sua

² No caso desta entrevistada, algumas vezes seus depoimentos eram expressos na terceira pessoa do singular.

escolarização, chegando à universidade, que poderão “*ter uma profissão*”, fazer algo de que gostem e, dessa forma, incluam-se em outras esferas da vida social, sendo alguém no mundo.

O projeto profissional ganhou dimensões temporais mais concretas quando os participantes comentaram as estratégias para atingi-lo. Essas estratégias podem ser consideradas projetos profissionais coadjuvantes ou subordinados (VELHO, 1994). Por exemplo, o projeto de passar no vestibular seria um desses projetos auxiliares, isto é, uma estratégia para se atingir o projeto profissional.

Observou-se que outros projetos coadjuvantes também são levados em consideração caso ocorra a aprovação no vestibular, conforme explicitado nos seguintes depoimentos:

Então assim, eu já, mais ou menos, me imagino dando aula, já imagino sala, mas eu tô, ao mesmo tempo, já me imagino como orientadora, então, sabe, é muito [...] não tem uma coisa que diz assim “ah, é isso que eu quero” [...] isso vai se formando aos poucos [...] a esperança que um futuro [...] que eu... teja trabalhando, que eu teja feliz naquilo que eu esteja fazendo. (Sofia).

Se seu passar esse ano, ano que vem eu vou ficar tentando outros vestibulares [...] não tenho intenção de parar logo no primeiro se eu passar. (Lua).

Pessoal onde eu já trabalhei, que um dia eu vou voltar pra lá, quando em me formar em Biblioteconomia, eu sempre tive essa vontade, eu sempre tive essa garra de um dia eu vou chegar lá e vou voltar... a trabalhar lá dentro só que não como um menor, e, sim, como eu, Regina, agora formada e com o meu diploma na mão. Sempre tive essa vontade e é uma coisa que eu vou [...] venho... guardando dentro de mim pra poder um dia conseguir. (Regina).

O meio social também influencia as escolhas e projetos das pessoas (MAHEIRIE, 1994; SOARES, 2002; SOUZA, 1997). O projeto de realizar um curso superior é bastante estimulado entre os sujeitos, seja no meio familiar, escolar ou do trabalho, entre outros ambientes, como se identifica no depoimento a seguir:

Sexta, quinta, ninguém, às vezes, comenta [...] que que é universidade, e tal [...] Assim, eu nem sabia onde ficava, até quinta, sexta série [...] Às vezes eu vinha ali no HU e tal, eles falavam mas eu... nem sabia. Tu vai começando mais a saber quando tu vai pro primeiro ano, segundo ano, aí começam a mais focar [...] em universidade, falar em tudo. (Lua).

Às vezes, a preocupação e a vontade de “passar no vestibular” são tão intensas que alguns jovens escolhem um curso menos procurado pelos candidatos, o que facilita o seu ingresso na universidade, haja vista que a relação entre candidato e vaga será menor (LEVENFUS, 1997). No entanto, isso pode acabar gerando um outro tipo de ansiedade, como explicado no depoimento de Vítor:

Mas isso também me causa uma certa pressão. Por quê? É mais fácil... se eu reprovado, o que acontece, e daí? Pô, o curso era mais fácil, como é que tu não conseguiu, tu tá [...] tu ficou o ano inteiro estudando, como é que tu não conseguiu? Tem a pressão interna...

Como mencionado, o discurso da qualificação amplamente veiculado na sociedade neoliberal prega o contínuo aprimoramento do sujeito e de suas competências e qualificações, dando a impressão de que ele nunca está pronto para se inserir no mercado de trabalho, o que também tem como consequência a necessidade do aumento da escolaridade.

Eu quero estudar bastante [...] fazer a faculdade [...] tentar fazer outros cursos, mesmo depois. Eu penso, assim, em fazer [...] técnico, assim, eu queria fazer de informática, eu já fiz cursinho, mas eu queria me aperfeiçoar mais [...] É isso, trabalhar e estudar [...] Pensei fazer um outro curso. O outro curso que eu quero assim, não sei ainda [...] mas não pretendo parar nesse. (Lua).

Ajuda muito [...] estudar fora... conhecer outros povos [...] saí fora assim do país, [...] na questão do trabalho, na questão da educação, quero ser uma pessoa mais culta [...] adquirir muito mais... (Pedro).

A preocupação com o sustento por parte de alguns depoentes emergiu durante a entrevista, sendo o trabalho remunerado concomitante à faculdade uma maneira de concretizar o sonho do ensino superior.

Na universidade, vou ter que conciliar também serviço com trabalho... que pra te sustentar aqui em Florianópolis [...] quem é pobre, que estuda aqui, conseguiu passar, provavelmente... trabalha. (Pedro).

Acho que viver aqui [...] se manter aqui, pagando aluguel... comida, tudo... é difícil... quando se mora sozinha, é difícil, complicado, ter que trabalhar e morar, complicado... (Kissyla).

Primeiro eu só penso na minha, na universidade... [...] trabalhar ano que vem, estágio, alguma coisa assim pra mim, pra mim se manter, mas, primeira coisa pra mim é os estudos. (Diego).

As condições de vida enfrentadas pelos sujeitos também acabam por influenciar as suas escolhas bem como a elaboração de seus projetos (MAHEIRIE, 1994; SARTRE, 2000). Isso é visualizado no discurso de Pedro: “*a única escolha que eu tinha, fazer uma universidade e... pública assim, pagar... é quase uma coisa nem pensada na minha vida, que eu não ia ter condições [...] tem que... batalhar pra passar aqui, pra não precisar pagar*”.

As experiências da vida pregressa dos sujeitos bem como dos mais próximos que convivem com eles podem fornecer subsídios quando da elaboração de alguns projetos, caracterizando o que Soares (1997) denominou como projetos familiares, os quais são “transmitidos” dos pais para os filhos.

Eu saí de uma cidade de 12 mil habitantes pra vir pruma cidade de 400 [mil], tinha coisa que eu nunca tinha [...] visto na minha vida. [...] Lá eu não ia ter oportunidade de ter isso nunca... me formei não tinha o que fazer mais. [...] acabou [...] cheguei no fim [...] da linha lá [...] se eu quisesse mais alguma coisa, tinha que fazer o que eu fiz, vir pra uma cidade maior, estudar, fazer um cursinho, tentar vestibular. (Pedro).

Meu avô já era de idade [...] não tinha o que me passar, a única coisa boa mesmo... que ele deixou pra mim foi a minha educação, que ele sempre me falou que queria que eu me formasse, queria que eu estudasse [...] porque minha mãe, tava na sétima série, engravidou do meu irmão, então, parou, e, logo em seguida [...] teve que ficar com meu irmão em casa pra cuidar que não tinha com quem deixasse [...] porque meu avô queria que eu estudasse, não queria que eu namorasse, que tinha medo que eu engravidasse. (Regina).

Quando entrei na escola técnica era um... eu tinha sonho assim de ser engenheiro [...] enquanto eu fui fazendo o curso eu já fui, daí largando a idéia de fazer Engenharia, ou de fazer Arquitetura [...] Daí eu fui vendo.. sempre tive uma queda por Inglês assim... quem sabe não é? Não é uma... alguma coisa que possa dar certo, já que eu tenho afinidade, já que, eu sempre fui bem nessa área... [...] mas o que eu queria deixar claro é que [...] foi crescente... a minha vontade de entrar na parte de humanas. [...] foi mudando e... tudo me indicou a esse caminho, tudo foi me levando a isso... de Engenharia pra Arquitetura, pra Direito pra, então, chegar em Línguas. (Vítor).

Por outro lado, essas mesmas vivências, individuais e familiares, podem servir para o sujeito dar-se conta dos projetos que não quer concretizar. Tais projetos familiares podem ser tanto de imitação – quando os filhos desejam ser como os pais ou repetirem alguns aspectos da trajetória destes últimos – como também de diferenciação, quando os filhos pretendem ser diferentes dos pais, alterando a história familiar e não cometendo os mesmos erros (SOARES, 1997). Abaixo, observa-se o projeto de diferenciação de Regina:

De galho em galho a minha mãe pulava, daí, como eu via aquela situação da minha mãe, eu sempre falei pra mim, eu não queria ficar como a minha mãe [...] ficava um mês no emprego, já saía e ia pro outro. [...] aí uma vez eu até peguei a carteira de trabalho dela, olhei, tinha muita... [...] assinatura assim de empresas totalmente diferente uma da outra, emprego de faxineira, copeira, cozinheira, saladeira, tudo... nada assim fixo, [...] então eu falei assim, não, eu não quero isso pra mim, eu quero uma coisa fixa. (Regina).

Pela natureza de o ato de projetar ocorrer perante incertezas e oportunidades, os sujeitos podem elaborar alguns projetos profissionais e buscar a concretização deles, dependendo do momento em que vivem e, também, em função das possibilidades de suas ocorrências: *“Quem sabe, de repente, pode ser uma coisa que eu pense, eu gosto, adoro cinema, adoro filme. [...] mas isso é o mais remoto possível, assim, primeiro Línguas, depois o Direito e isso daí, quem sabe... se rolar alguma coisa... eu achar legal...”* (Vítor).

O projeto configura-se, dessa forma, como um elemento capaz de dar direção às escolhas do sujeito funcionando como um “motor” para toda a existência. Também fica clara a dificuldade de se separar o projeto de vida do projeto profissional, uma vez que o sujeito deve ser compreendido de forma integral, em todos os seus aspectos. Aqui, o projeto de acessar o ensino superior representa também ter acesso a uma situação econômica mais tranqüila, diferentemente do estudo de Bonfim (2003), em que apenas um dos entrevistados mencionou tal idéia.

5.2.3 O Cursinho Pré-Vestibular Popular – Inclusão para a Vida

“A visão dos alunos” em relação ao Cursinho denotou algumas peculiaridades como também pontos mais gerais. Um ponto unânime nas respostas foi o fato de os alunos considerarem como muito bom tanto o ensino preparatório para a universidade quanto o Cursinho em si, os professores, a coordenação, o espaço físico e a relação com os colegas.

Percebeu-se que o processo de seleção é bastante criterioso, verificando cada um dos aspectos necessários para a efetivação da matrícula. Parece que tal sistema de seleção e ingresso está funcionando de forma satisfatória: *“Eu recebi todos os... critérios pra fazer a... a inscrição do cursinho... A isenção ano passado [...] mandaram pra mim [...] uma carta [...] se eu queria participar [...] me ofereceram uma oportunidade”* (Diego).

Um dos pontos mencionados e que merece ser destacado é o público-alvo do Cursinho, uma vez que o alunado se identifica entre si pelo fato de compartilharem trajetórias de vida bastante similares no que tange às restritas condições financeiras. Tal idéia emergiu nas respostas de alguns dos estudantes.

Trabalhar com pessoas carentes eu acho que é muito mais fácil que estudar com pessoas que podem pagar, assim as pessoas são bem mais humildes [...] quem vem tem vontade de passar, estuda, não fica de brincadeira, é levado muito a sério, [...] tem muitas que trabalham o dia inteiro e vêm pra estudar mesmo. [...] Companheirismo das pessoas assim, todo mundo se ajuda... (Pedro).

Eu vejo a situação do pessoal da sala que estuda comigo, pessoal trabalha o dia inteiro, o dia inteiro, o dia inteiro, daí ainda vem pra à noite estudar. (Vítor).

O desenvolvimento dos estudantes com relação à maneira como aproveitam o Cursinho foi mais um aspecto referenciado:

Eu fui em todas as aulas que eu pude, nunca faltei [...] faltei nem um dia assim. Tentei aproveitar o máximo, fui com dor de cabeça, fui doente, não importa, eu fui (Sofia).

É muito raro tu ver uma falta minha, na realidade eu tive uma, porque eu tive que trabalhar de madrugada, [...] esse tempo todo sem estudar, se eu perder um dia, o professor, pô, fala alguma coisa importante naquela aula. (Regina)

Eu comecei a interagir com as pessoas, né, não sei se é porque eu agora, agora eu entrei entre os meus... iguais, entende? Eu noto que tem pessoas que não tão ali por futilidade, e eu não tenho que agir assim, isso fez eu mudar o meu pensamento bastante. (Vítor).

Outros estabeleceram uma relação bastante amistosa entre si, no sentido da colaboração, da cooperação e da solidariedade, o que também foi observado no estudo de Bonfim (2003). Os trechos de entrevistas abaixo expressam tal situação:

É como a minha família aqui... eu criei um amor por algumas pessoas da sala, um carinho... [...] a nossa turma a gente criou uma coisa de, ah, porque que tu não veio ontem? Senti tua falta! [...] tem todo esse negócio assim de... irmandade mesmo. (Vítor).

Pô, você tem [...] uma relação de amizades ali. [...] não tenho intimidade de conversar com a sala inteira [...] mas pelo menos as pessoas que sentam ali ao teu redor, você cria [...] uma amizade... porque é um ano... [...] então

sempre um ajudando o outro [...] várias vezes, tanto pra estudo, tanto pra conselho. (Diego).

Observa-se, quanto à divulgação do Cursinho, certa falta de informação junto à comunidade. São desconhecidos seus objetivos, seu público-alvo e, principalmente, os critérios e procedimentos de seu processo de seleção.

Pra começar, eu não sabia que tinha, eu tinha uma vaga idéia que existia, que todo mundo falava que tinha, mas eu nem sabia direito o que que era, como é que era, eu nem sabia. (Sofia).

Minha prima deu um telefone pra mim, pra falar com a [coordenadora do cursinho], só que eu não sabia desses negócios de cursinho grátis, aí eu liguei... [...] pedi pra falar com ela, aí ela disse que não era assim, que era por uma carta que recebia [...] uma semana depois a cartinha chegou lá em casa. (Lua).

Isso aí foi... meu irmão conseguiu. Ele se formou aqui, ele tinha conhecimento e tal, daí ele me inscreveu... [...] Que senão também não teria conhecimento do cursinho. (Pedro).

Com relação aos cursos escolhidos pelo alunado, percebeu-se a baixa relação entre candidatos e o número de vagas oferecidas, isto é, os estudantes optam por cursos mais fáceis de passar, em que não ocorre uma procura tão intensa. De acordo com Pedro, “*tem pouca gente que escolheu curso concorrido [...] o pessoal escolheu, não sei por quê, cursos mais baixos [...] mais fáceis de passar*”.

Levenfus (1997, p. 18) aponta um motivo bastante óbvio para a procura por cursos “menos concorridos”, pois escolhendo um curso “mais fácil de passar” “garantem uma vaga na Universidade”. Deve-se atentar, no entanto, para o fato de que a escolha profissional pelo curso “mais fácil” poderá comprometer a sua realização profissional e humana, uma vez que ingressar na universidade representa, num futuro não distante, exercer a profissão escolhida no momento do vestibular.

Além disso, o Cursinho apresenta uma heterogeneidade de histórias de vidas e trajetórias pessoais, o que também foi observado em Santos (2005). Toda e qualquer escolha profissional de seu alunado será considerada a ideal no momento, como aponta o trecho seguinte: “*qualquer curso que você fosse fazer ali dentro, pra eles, ah, é isso que você quer, então é isso que você vai fazer [...] não tem aquele negócio, ah, tu vai fazer tal curso [...] Não tem discriminação de curso*” (Sofia).

Uma das entrevistadas comentou sobre a primeira palestra em que participou como aluna do Cursinho, mencionando a importância dela para o desenvolvimento da sua auto-

estima, um dos objetivos do pré-vestibular: *“pela motivação que deram num, na primeira reunião que teve lá embaixo, no auditório, foi muito importante aquilo ali pra mim, eu saí dali, assim [...] isso é uma coisa que realmente acontece e, é uma coisa que eu não esperava”* (Regina).

A atuação dos professores foi apresentada como mais um aspecto positivo. Bonfim (2003) verificou nas respostas de seus entrevistados uma queixa com relação à falta de compromisso por parte de alguns professores e sua conseqüente substituição, o que não foi encontrado nos dados da presente pesquisa. Aqui, o compromisso dos professores com o Cursinho foi um elemento elogiado.

Os professores também são... ótimos [...] Tipo, na maneira de ensinar, eles ensinam superbem. [...] brincam, mas não fogem da matéria [...] pelo menos tu descontrai, assim, [...] tu tem mais vontade de aprender, mais vontade de vim pro cursinho... (Lua).

Bons, excelentes professores, professores daqui, tem professores que trabalham... em pré-vestibulares famosos da cidade. [...] eles são muito instrutivos, acho que muitos professores se identificaram bastante com o cursinho, assim, por ser público, ser gratuito, por se tá lidando com pessoas mais... carentes. (Pedro).

É uma experiência totalmente nova, assim, eu criei muita amizade. [...] os professores eles são muito atenciosos, a carga que eles tã dando de conhecimento, eles tã preocupados com o que tu queres, então, é o que eu sinto assim... é realmente uma questão de... preocupação mesmo contigo, com, com a pessoa que tá ali sentada, do professor ao aluno. (Vitor).

Dessa forma, parece haver algum tipo de semelhança entre o alunado do Cursinho e os seus professores, mostrando uma diferenciação no atendimento e na relação entre professor e aluno, tipicamente presente nas estruturas pré-vestibulares comerciais.

Diferentemente da maioria dos pré-vestibulares populares na atualidade, a localização do Cursinho é um ponto de destaque, uma vez que tem sua sede dentro da própria Universidade. No trabalho de Bonfim (2003), muitos entrevistados mostravam desconforto e preocupação com relação ao pré-vestibular onde estudavam, pois ele não possuía uma sede própria. Aqui, o fato de ser localizado na UFSC é mais um ponto positivo, o que contribui até mesmo com a questão da escolha profissional, aproximando os alunos do contexto universitário. Nas palavras dos entrevistados,

É, mais conhecimento [...] conheci mais os cursos, o que que é aqui dentro [...] conhecer mais assim, ter mais vontade de estudar. (Lua).

É um estímulo a mais que a gente tem pra estudar [...] dentro da universidade, tudo aqui é muito gigante, muito grande, tu vê aquilo tudo, tu se acha lá dentro já assim... [...] Putz, isso aí me ajuda... um monte... tu tá dentro da sala de aula que amanhã tu pode tá estudando, fazendo teu curso [...] tu se espelha nos outros que passam... tu olha... lê a bolsinha escrito [...] Nutrição. (Pedro).

Querendo ou não, a gente tá tendo aula aqui dentro, isso é um diferencial... tu vê tudo que tá acontecendo dentro da UFSC, né, tu conhece os, os centros, conhece isso, conhece aquilo... daí eu comecei a me centrar. (Vítor).

O Cursinho oferece como aspecto diferencial dos demais cursos populares uma preparação para o vestibular sem a cobrança de mensalidades e “livre” de preocupações com relação ao material de estudo, lutas políticas por mais espaço e recursos financeiros, haja vista que o projeto possui esses recursos. Em outros pré-vestibulares populares, esse aspecto se torna um ponto negativo: mesmo que procure “romper com o ensino propedêutico, que privilegia a memorização, o modelo esperado ainda é o tradicional e a dificuldade em lidar com uma nova proposta é grande” (BONFIM, 2003, p. 95).

A condição de freqüentar esse cursinho por parte dos estudantes representa não só o seu aprendizado em nível de conhecimento para realizar as provas do exame, mas, principalmente, uma possibilidade de concretizar o “sonho” da aprovação no vestibular. Todos os participantes foram unânimes em suas percepções acerca do ensino, dos professores e dos demais profissionais envolvidos com o programa.

O primeiro mês [...] por ser popular, eu fico pensando assim: ah, será que vai ser bom? Será que... os professores são bons? Será que eles vão dar bastante atenção? Daí quando começou, tudo certinho, super organizado o cursinho... eu gostei mesmo, foi uma vitória pra mim. (Diego).

Um dos melhores que tem, é comparado com um dos melhores [...] tem gente que não tem oportunidade de pagar, não tem como pagar, isso aqui é uma porta que foi aberta, que tem que aproveitar o máximo, né, é um cursinho barato, bom [...] gratuito [...] com professores excelentes [...] a matéria que é passada aqui é passada em qualquer outro cursinho. (Pedro).

É o melhor cursinho [...] é o melhor que eu já tive [...] em apoio ao [...] vestibulando, em auxílio, tudo [...] querendo ou não, a gente tem aquela carga... [...] o peso de tá tendo que estudar e passar [...] e quando o professor tá junto de ti é totalmente diferente [...] quando tu tem profissionais [...] o pessoal do, lá da administração, lá da PREG, meu Deus do céu, como são... atenciosos contigo. (Vítor).

Afinal, o cursinho passa a ser considerado parte importante da vida de seu alunado, contribuindo para o seu crescimento em diversos aspectos, principalmente por ser mais que

uma oportunidade de preparação para a prova eliminatória, incentivando a acreditar que um futuro melhor é possível.

Logo, a **importância de terem sido “escolhidos”** para fazer parte desse ambiente propedêutico significou mais que uma chance de “passar no vestibular”, como confirmam os seguintes depoimentos:

É, pra me dar certeza de que eu ia conseguir, que tinha muita coisa que eu sabia [...] pensei assim, se tem muita coisa que eu sei nas matérias, então quer dizer, posso conseguir passar no meu curso, então, comecei a ter mais certeza do que eu quero, não é à toa que eu tô conseguindo ter facilidade pra aprender... (Sofia).

Foi importante pra crescimento... [...] pessoal e, sem dúvida, pro meu aproveitamento acadêmico, pro vestibular, não tenho dúvidas disso, meu Deus! [...] Física era uma coisa que não entrava na cabeça, mas o professor tava sempre ali, dando risada e ajudando e eu consegui aprender... é uma coisa que te deixa feliz, eles conseguiram fazer que tu aprendas aquilo, te deixa feliz, sabe. (Vitor).

Importância? Pra mim é tudo. [...] prepara assim pra vida [...] não é, tipo, só pra o vestibular... [...] isso ninguém tira de você [...] teu conhecimento, teu estudo [...] vai da pessoa também ter a vontade [...] pro conhecimento, de conhecer, de querer [...] o cursinho sempre é oportunidade... (Diego).

Além de configurar-se como uma oportunidade de acessar a universidade pública, o referido pré-vestibular adquire significados bastante singulares, dependendo da trajetória de cada um dos participantes, podendo significar, por exemplo, “*sentir-se melhor*”, ser como “*uma ponte*” ou “*alicerce*”, um empurrão, o “*auxílio de um irmão*”, ou mesmo estar na metade do caminho até o que se deseja:

O cursinho contribuiu com a convivência, o cursinho contribuiu... assim... pra eu me sentir melhor mesmo, sabe? Porque, pra começar, eu ser escolhida, eu nunca achei que eu fosse, fosse ser escolhida em qualquer processo de seleção (risos), então, já começou, já começa por isso. (Sofia).

Uma ponte... é uma ponte pra esse objetivo... tem que percorrer ela, ver se tu consegue passar nela [...] mais fácil [...] com cursinho.. te adianta muita coisa. [...] É uma coisa positiva na vida assim, só vem a somar [...] o cursinho... daqui é um passo pra universidade, vamos colocar assim [...] de lá, eu tava muito distante da universidade. Foi um, é um alicerce que a gente tem [...] começo muito legal... pro meu futuro profissional. (Pedro).

O cursinho foi muito importante que foi uma, como vamos dizer, uma segunda família, vamos dizer assim, porque eu tive o auxílio de uma mãe e um pai fora de casa [...] e tive auxílio de um irmão, porque o... que foi o cursinho é um auxílio de um irmão. (Regina).

Também com o ingresso no Cursinho, muitos estudantes puderam perceber a necessidade de se realizar uma escolha profissional mais próxima da ideal, observando ser possível tal escolha. Ademais, frequentar o pré-vestibular pode significar a retomada de um antigo projeto, o qual fora “deixado de lado” em virtude das condições sociais, políticas e econômicas. Julga-se ser por essa razão que os participantes não responderam, de forma clara, quais eram os seus projetos profissionais anteriores à entrada nesse pré-vestibular.

Eu ia fazer Turismo... mesmo que eu não gostasse, mas eu ia fazer Turismo porque eu tinha conseguido vaga e pronto! Então, depois que comecei a entrar no cursinho eu comecei a pensar, não, mas se seu tô no cursinho, então, eu posso tentar a faculdade, uma outra faculdade que eu goste. [...] Ah, pra mim foi... eu fiquei muito feliz. [...] porque tinha conseguido bolsa de Turismo, então achei que eu ia ter que fazer pelo ProUni e ia ter que deixar a Pedagogia de lado! (Sofia).

Considerando a ansiedade provocada pela necessidade de passar e/ou de tirar boas notas, Levenfus (1997) pontua que esta, geralmente, está ligada à auto-estima do sujeito, principalmente quando há um histórico de outra reprovação. Pode ser que o Cursinho auxilie quanto a esse aspecto, como sugerem os depoimentos abaixo:

Antes de entrar no cursinho eu tava numa... nóia assim, achando que eu não ia conseguir nada... que eu tinha sido... reprovado num [...] num concurso [...] daí eu comecei a me centrar, a me acalmar... (Vítor).

Porque eu tava bem desanimada, é como se fosse um empurrão, uma mão, né, uma mão um braço, uma perna [...] me deu, assim, mão, braço, perna, cotovelo, pra mim, pô, volta pra realidade, volta pra estudar, volta. [...] lembra que tu tens uma meta a cumprir, não vai só estudar por estudar, acabar não passando, que tu tem que ir atrás daquilo [...] Aí depois que eu vi a oportunidade do cursinho, poxa, que legal, agora vou poder cumprir meu sonho [...] me realizar, fazer meu, faculdade. (Regina).

Os participantes, embora em alguns momentos se mostrassem informados sobre as crises dos sistemas educacionais e do trabalho, em outros, atribuíam apenas a si próprios a responsabilidade pela não-aprovação no concurso vestibular:

Todo o cursinho se torna um passo da universidade, só depende de ti, né? De tu ter um bom cursinho, que como esse aqui é bom, depende de ti e do bom cursinho, o teu empenho (Pedro).

É privilegiado [...] porque pelo número de vagas e também tem que saber aproveitar essa vaga [...] não é só, tipo, ganhar a vaga e... e ir pra aula e ficar, não fazer bagunça [...] porque [...] se você tá aqui [...] já que é um

cursinho de graça, você não tá ali por obrigação, você tá ali porque você tem um objetivo [...] passar no vestibular, obter uma formação. (Diego).

Percebeu-se o quanto o Cursinho se tornou essencial para a vida dos estudantes, significando uma grande chance de atingir o sonho da aprovação no vestibular, mas não apenas isso. Como se pôde verificar, o ingresso já significou uma relevante mudança na vida de seu alunado, que passou a incluir-se na pequena parcela de brasileiros que se preparam para atravessar os portões da universidade pública, isto é, os vestibulandos.

Como “**contribuições para a vida e o futuro dos estudantes**”, identificou-se uma interferência muito mais ligada à vida pessoal e do momento presente dos sujeitos do que uma repercussão direta em seus projetos profissionais, como era pressuposto. É possível que essas mudanças venham a desencadear também várias transformações com relação ao projeto de vida e profissional desses estudantes, posteriormente. No entanto, o que ficou evidente foi o caráter imediato da mudança, ao modificar valores e visões de mundo dos participantes, conforme apresentado nos seguintes trechos das entrevistas:

Foi amadurecimento [...] quando eu vejo ele, eu vejo mais no aspecto psicológico meu do que no...profissional em si, entende? Porque eu vejo que eu tenho muita coisa pra aprender ali dentro que eu nunca vou usar, então [...] infelizmente, é assim. Então, quer dizer, eu vejo mais no meu bem-estar que aumentou, que eu me senti melhor. (Sofia).

O que de principal mudou? A visão assim que eu tinha [...] talvez [...] agora eu esteja até mais preparado pra um tombo, de novo [...] até eu entrar aqui... eu era uma pessoa bem diferente assim, como eu tava te falando, os objetivos eram diferentes [...] eu não consigo te dar dados assim sólidos, precisos do que aconteceu. [...] Mas... posso dizer assim, há um ano atrás, eu era uma pessoa totalmente diferente do que eu sou hoje. (Vitor).

Sempre pensava assim, ah, vou ter a minha profissão, vou ter o meu salário e deu, vou ter a minha vida [...] nunca pensava [...] em ajudar outros [...] porque ali [...] no cursinho [...] os professores, no caso, [...] além do trabalho deles, eles tem a família deles [...] tem dias que eles não tão bem, tem dias que tão doentes [...] mesmo assim eles sempre te dando apoio, entendeu? [...] a vida [...] não é só o dinheiro no caso... tá certo, você precisa do teu dinheiro [...] sem dinheiro, você não é nada, mas também é muito além disso [...] então, o carinho, o apoio, o... uma atenção maior [...] um reconhecimento maior do que uma simples profissão, pra mim... foi, depois [...] que eu entrei no cursinho, pelo menos é isso que eu vejo... (Diego).

Ainda com relação à questão profissional, duas das entrevistadas evidenciaram que o Cursinho não contribuiu efetivamente quanto à escolha de uma graduação, mas serviu para que tivessem mais certeza do curso escolhido para o vestibular.

Com respeito ao curso [...] vamos dizer que ele não atuou [...] na escolha do curso, porque a escolha do curso quando eu entrei eu já tinha mais ou menos uma idéia, então, pra mim, não mudou isso, sabe... Eu só assim, eu só tive mais certeza... (Sofia).

Eu passei a conhecer mais a universidade, né, e os cursos também. [...] tipo, tu conhece mais, né, tem mais noção, até pra ti fazer um curso, escolher um curso. (Lua).

Alguns dos entrevistados mencionaram o caráter incentivador do Cursinho como ensino pré-vestibular preocupado com a preparação dos seus alunos, bem como com a sua auto-estima.

Conhecimento, assim [...] coisas que nunca tinha visto na minha vida que tive a oportunidade de ver aqui. [...] que cai na prova [...] macetes... cursinho ajuda muito, te bota muito à frente de outras pessoas na concorrência do vestibular [...] te ensina muita coisa. (Pedro).

Pra mim foi muito importante o cursinho [...] deu uma grande reanimada [...] na minha vida [...] na minha rotina também [...] que mudou totalmente, que eu ia direto pra casa, tomava banho, via muita televisão que eu era viciada em novela, agora televisão pra mim, humpf! Nem olho... quando meu marido liga, só olho rapidinho quando é jornal. (Regina).

Eu acho que ajudou bastante porque... como na vida tem algumas coisas que tu não consegue aprender sozinho, tu precisa de alguém pra... como é que eu vou dizer... ah, tem uns professores lá, é tipo um incentivo. (Kissyla).

Bonfim (2003) também verificou em sua dissertação o quanto é fundamental a figura do professor na trajetória de seus alunos, estimulando-os a acreditar novamente no seu potencial.

Novamente, o fato de as aulas do pré-vestibular serem realizadas nas dependências da Universidade adquire importância crucial, uma vez que é capaz de aproximar o que é pretendido daquilo que se pode realizar, tornando o projeto profissional de acesso ao ensino superior muito mais próximo de ser atingido. Nas palavras de Pedro: “*tu se sentir mais perto da universidade, [...] vendo que a coisa não tá tão longe como tu pensava, assim, tá chegando cada vez mais perto, assim... te aproxima [...] do meio universitário [...] antes era muito mais distante isso*” (Pedro).

No presente estudo, os alunos também mencionaram como contribuição do Cursinho o crescimento pessoal e “o fortalecimento dos relacionamentos interpessoais, da solidariedade, entre outros aspectos” (BONFIM, 2003, p. 114). Esse aspecto configurou-se como mais um

dos resultados não esperados da pesquisa, considerando que o desenvolvimento da cidadania e da consciência política não é uma preocupação expressa do Cursinho.

Como é que eu posso te dizer... uma coisa cresceu bastante, a humanização. [...] eu pensava só em mim... só em mim, só em mim, eu vou fazer isso, porque... eu vou me dá bem, ou porque eu quero [...] vai fazer bem pra mim [...] daí eu entrei, comecei a estudar e tinha gente que pensava, vinha pra mim e dizia: bah, tu entendeu a matéria, me ensina? Ou, faz comigo? [...] daí eu comecei a lidar com essas pessoas [...] dizia: pô, mas eu posso ajudar uma outra pessoa também, né, com o meu conhecimento, com o mínimo que eu tenho. [...] Mas tá ajudando, tá fazendo, e eu gostava [...] eu comecei a gostar de fazer isso, eu senti que eu me humanizei mais [...] deixei de ser... achar que era auto-suficiente nas coisas. (Vítor).

Também como constatado por Bonfim (2003), percebeu-se um sentimento de solidariedade desenvolvido a partir da inserção no ambiente pré-vestibular, ressaltando uma maior preocupação com o próximo, e menos consigo mesmo, apropriando-se do desejo de ajudar os outros, diferentemente do que ocorre nos pré-vestibulares comerciais, em que a competição e a rivalidade são difundidas e incentivadas (SOARES, 2002).

Como, onde é que tu vai interagir com as pessoas no teu dia-a-dia quando ele é apertado [...] né, como era o meu? [...] Mas tu consegue sempre interagir... foi isso que eu vim aprender aqui... [...] tu acha que a pessoa é uma anta, daí tu vai conversar com ela [...] daí tu entende que não, que na verdade ela é... assim, mais, um gênio... (Vítor).

Portanto, o que mais chama a atenção na descrição e análise desta categoria é que o Cursinho contribuiu de forma bastante positiva na vida dos estudantes matriculados; no entanto, essa repercussão se deu muito mais no sentido pessoal, e muito menos do que se esperava no aspecto do projeto profissional. Uma possibilidade para interpretar esse resultado justifica-se pelo fato de estes estudantes possuírem projetos, sejam profissionais ou de vida, muito mais imediatos, de curto prazo (SOARES, 1997) em função de suas condições de vida presentes. Como falado anteriormente, uma vez sendo transformados os vários aspectos da identidade dos sujeitos, o seu projeto também poderá ser transformado posteriormente.

6 SÍNTESE FINAL

Acreditamos ser este o papel fundamental da prática científica: estar freqüentemente contestando o estabelecido, a ponto de sobrepor a dúvida e a pergunta à certeza e à afirmação. (CASTRO, 2005).

Nesta pesquisa foram apresentadas, em caráter descritivo, as repercussões do ingresso no Cursinho Pré-Vestibular Popular da UFSC, em 2005, no projeto profissional do seu alunado. Além disso, procurou-se responder aos demais objetivos da pesquisa, quais sejam, identificar a noção de futuro profissional, verificar quais eram os projetos profissionais dos sujeitos anteriormente ao seu ingresso no referido cursinho e como estes se atualizaram após a inserção nesse espaço, e, finalmente, identificar a relação estabelecida entre o Cursinho e o projeto profissional dos estudantes.

De acordo com os depoimentos e reflexões apresentados no capítulo anterior, foi possível compreender algumas das relações entre o ensino superior e o mundo do trabalho. Atualmente, a opção pelo ensino superior acaba se tornando inquestionável, numa tentativa de ascender no tecido social, econômico e político em que vivem os sujeitos, deixando de ocupar os espaços marginais de suas comunidades. É por isso que o projeto profissional de ingresso no ensino superior torna-se necessário para “*ser alguém*” no contexto atual da sociedade brasileira, uma vez que é pela via do trabalho, através da profissionalização, que poderá ocorrer mais facilmente essa inserção, e, dessa forma, os sujeitos passarem a acessar outros espaços da sociedade que, em momentos anteriores, permaneciam inacessíveis.

As crises tanto do sistema educacional brasileiro como a do mundo do trabalho contribuem para que, cada vez mais, a população nacional procure os bancos de estudos superiores, conforme as exigências do dito “mercado de trabalho”, aumentando as suas chances de inclusão. O que se verifica, porém, é o aumento progressivo do desemprego e também da precarização das condições de trabalho da maioria da população nacional (ANTUNES, 2005), mesmo a mão-de-obra sendo mais “qualificada”.

Outra evidência da crise educacional no Brasil que foi identificada pelos participantes desta pesquisa refere-se aos custos do alunado com a sua educação, revelando que esta ainda é para poucos, mesmo com algumas medidas tomadas pelo governo brasileiro, como, por exemplo, a do Programa Universidade para Todos (ProUni).

Ao longo do caminho a ser trilhado pelos que aspiram à educação universitária, encontra-se o processo seletivo para os futuros graduandos das instituições de ensino superior, sendo este, hoje em dia, um dos concursos mais temidos pelos egressos do ensino médio. Os

exames vestibulares ainda são a forma de seleção predominante no Brasil, sobretudo nas universidades federais, onde a oferta de vagas situa-se muito aquém de atender à demanda. É a partir dessa vinculação entre o exame vestibular e a universidade que emergem os cursos propedêuticos para o ensino superior, os cursos pré-vestibulares.

Os cursos pré-vestibulares podem ser tanto de iniciativa particular como pública, ou até mesmo universitária, como é o caso do curso referido nesta dissertação. O que se pôde observar é que atualmente os vestibulandos sentem-se mais bem preparados para o concurso após a realização de um desses cursinhos. Para os vestibulandos, o medo de fracassar e a dúvida com relação ao seu projeto de ingressar na universidade são preocupações iminentes, uma vez que o resultado do exame poderá ser tanto de uma aprovação como de uma não-aprovação.

Quanto ao futuro, os participantes assinalaram pensamentos positivos, no entanto expressaram claramente o quanto a incerteza é a tônica principal quando se elaboram projetos profissionais. Ao projetar uma situação no futuro estão implicados também tanto o passado como o momento presente dos sujeitos.

O projeto de vida e o projeto profissional, indissociáveis, podem funcionar na vida dos sujeitos como um direcionador para as suas escolhas. Verificou-se que podem co-existir vários projetos de vida e profissionais, no entanto alguns se sobressaem diante de outros, complementando-os muitas vezes. Também se deve considerar que as condições sociais, econômicas e políticas dos sujeitos interferem nas suas escolhas e nos seus projetos. Os projetos profissionais anteriores à entrada no Cursinho não foram mencionados pelos participantes, talvez pelo caráter mais imediato de suas elaborações, mas também pela razão de que o ingresso no Cursinho tenha possibilitado aos estudantes resgatar projetos que, anteriormente, estivessem “esquecidos” e, de alguma forma, foram atualizados e retomados.

A visão dos estudantes sobre o Cursinho é a melhor possível, sendo citados como aspectos diferenciais, entre outros pré-vestibulares, sua gratuidade e localização, pois se situa dentro da Universidade em que possivelmente estudarão caso aprovados no vestibular. O Cursinho é para os participantes do estudo mais que uma oportunidade de acesso e preparação para o ingresso na Universidade, sendo considerados vestibulandos desde o momento de entrada nele.

A inserção no Cursinho interferiu positivamente e de forma imediata na vida dos participantes, transformando alguns de seus valores e visões de mundo, tais como a solidariedade, a colaboração e o desejo de ajudar o próximo. Em princípio, essa informação não era esperada, uma vez que se pressupunha a repercussão direta em seus projetos

profissionais. No entanto, em função das condições de vida presentes desses sujeitos, fica implícito que seus projetos serão muito mais de curto prazo, isto é, mais imediatos. Ademais, o estudo de nível superior, um projeto familiar, é um valor que funciona como um passaporte para outra vida, diferente da que os sujeitos têm no momento presente. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que o ingresso na universidade, para estes sujeitos, seria um projeto temporal de longo prazo, no qual se pretende, no futuro, reescrever o passado.

Pode-se inferir que o Cursinho cumpriu com as suas metas de inclusão para a vida e também no que tange à auto-estima dos estudantes. Os participantes expressaram sentimentos de autoconfiança e auto-estima necessários para o enfrentamento de um exame como é o vestibular.

Em síntese, o projeto profissional de ingressar no ensino universitário torna-se fundamental para atingir o projeto de vida de “ser alguém”. O ingresso no ensino superior torna-se uma estratégia de superação da condição social de origem.

Algumas questões a respeito dos cursinhos pré-vestibulares e sua relação com o projeto profissional não puderam ser respondidas nesta dissertação. Como sugestão, apresentam-se quatro perguntas que poderão ser argumentadas em futuros trabalhos:

- a) Quais as contribuições dos cursinhos pré-vestibulares populares ou alternativos para a vida dos estudantes após a realização deste cursinho e do exame vestibular?
- b) Quais as noções de projeto e futuro profissional que possuem os estudantes que freqüentaram a rede particular de ensino propedêutico para a universidade?
- c) De que forma se atualizaram os projetos profissionais dos universitários egressos de cursinhos pré-vestibulares populares ou alternativos?
- d) Quais os projetos profissionais dos egressos de cursinhos pré-vestibulares populares ou alternativos que não se tornaram universitários?

Embora a presente dissertação tenha possibilitado uma série de reflexões em torno da temática pesquisada, trouxe outros questionamentos. Cabe ressaltar o papel da prática científica: “estar freqüentemente contestando o estabelecido, a ponto de sobrepor a dúvida e a pergunta à certeza e à afirmação” (CASTRO, 2005, p. 100).

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- ANTUNES, M. A. M. **A psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição**. São Paulo: Unimarco/Educ, 1999.
- ANTUNES, R. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- _____. **Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. São Paulo: Cortez/Ed. Unicamp, 1995.
- _____. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000.
- BACCHETTO, J. G. **Cursinhos pré-vestibulares alternativos no município de São Paulo (1991-2000): a luta pela igualdade no acesso ao ensino superior**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2003.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BIANCHETTI, L. **Angústia no vestibular: indicações para pais e professores**. Passo Fundo: EDIUPF, 1996.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1994.
- BOHOSLAVSKY, R. **Vocação e alienação profissional**. In: BOHOSLAVSKY, R. (Org.). **Teoria, técnica e ideologia**. São Paulo: Cortez, 1983.
- BONFIM, T. A. **O CAPE em nossas vidas: a visão de um grupo de alunos, ex-alunos e colaboradores sobre um curso pré-vestibular gratuito**. Ribeirão Preto, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Psicologia e Educação/FFCLRP/USP.
- BRASIL. **Lei 11.096, de 13 de janeiro de 2005**. Institui o programa universidade para todos - PROUNI, regula a atuação de entidades beneficentes de assistência social no ensino superior, altera a Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004, e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil/_ato2004-2006/2005/Lei/L11096.htm>. Acesso em: 10 nov. 2006.
- BRASIL. **Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968**. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L5540.htm>>. Acesso em: 22 out. 2005.

BRASIL. **Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971.** Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º E 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/1971/5692.htm>>. Acesso em: 22 out. 2005.

BRASIL. **Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2005.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 196,** de 16 de outubro de 1996. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br/conselho/resol96/RES19696.htm>>. Acesso em: 22 out. 2005.

CASTRO, C. A. de. **Cursinhos alternativos e populares:** movimentos territoriais de luta pelo acesso ao ensino público superior no Brasil. 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia (Área de Concentração: Desenvolvimento Regional Planejamento Ambiental), Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, São Paulo, 2005.

CIAMPA, A. da C. **A estória do Severino e a história da Severina.** São Paulo: Brasiliense, 2001.

_____. Identidade humana como metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno. **Interações**, v. III, n. 6, p. 87-101, jul./dez. 1998.

COPERVE. **Relatório do Vestibular 1996.** Florianópolis: UFSC, 1996.

COUTINHO, M. C. Subjetividade e trabalho. In: SOARES-LUCCHIARI, D. H. P. (Org.). **Pensando e vivendo a Orientação Profissional.** São Paulo: Summus, 1993.

_____. Trabalho e construção da identidade. **Psicologia em Estudo**, v. 4, n. 1, p. 29-43, 1999.

_____. **A participação no trabalho.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

D'AVILA, G. T.; SOARES, D. H. P. **Orientação ao vestibulando:** aliviando a ansiedade no mês anterior ao exame. Relatório Final de Atividades. PIBIC/UFSC/CNPq. Florianópolis, 2003. (não publicado).

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SÓCIO-ECONÔMICOS (DIEESE). **Anuário dos Trabalhadores** (Relatório). São Paulo: DIEESE, 2005. 6. ed. 252 p.

DUMONT, L. **O individualismo:** uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

EHRlich, I. F. **Contribuições do Projeto de Ser em Sartre para a Psicologia de Orientação Profissional.** 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

FANTINO, A. M. C. de; LEIDERMAN, A. P. de; PARACHE, M. I. L. de; ROLDÁN, G. Reflexões para uma nova abordagem em Orientação Vocacional. In: BOHOSLAVSKY, R. (Org.). **Teoria, técnica e ideologia**. São Paulo: Cortez, 1983.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA (FAPEU). Nota 10 para a auto-estima (Projeto Pré-Vestibular da UFSC). **Revista da FAPEU** – Relatório de Atividades 2003 e 2004, Florianópolis, v. 2, n. 2, ano II, 2005.

FRANCO, M. L. P. B. **Ensino médio: desafios e reflexões**. Campinas: Papyrus, 1994.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREITAS, P. **Professores de cursos pré-vestibulares e a escolha profissional de seus alunos: um estudo na cidade de Maringá/PR**. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

FREITAS, R. S. de. O oficial e o institucional: os cursinhos no sistema de ensino. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 65, n. 151, p. 552-575, dez. 1984.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades**. Tradução de Magda Lopes. 2. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 1993.

GOGUELIN, P.; KRAU, E. **Projet professionnel, projet de vie**. Paris: ESF, 1992.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1994.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. **Censo da Educação Superior 2003 – Resumo Técnico**. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/download/superior/censo/2004/resumo_tecnico_050105.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2006.

KRAWULSKI, E. **Construção da identidade profissional do psicólogo: vivendo as “metamorfozes do caminho” no exercício cotidiano da profissão**. 2004. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

KRAWULSKI, E.; PATRÍCIO, Z. M. **Por que as pessoas escolhem a psicologia como profissão?** In: LASSANCE, M. C. P. et al. (Org.). **Intervenção e compromisso social: Orientação Profissional, teoria e técnica**. São Paulo: Vetor, 2005. v. 2.

KUHNEN, A. **Lagoa da Conceição: meio ambiente e modos de vida em transformação**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

LAGO, M. C. de S. Identidade: a fragmentação do conceito. In: SILVA, A.; LAGO, M.; RAMOS, T. (Org.). **Falas de gênero: teorias, análises e leituras**. Florianópolis: Mulheres, 1998.

LEVENFUS, R. S. **Faça o vestibular com seu filho, faça o vestibular com seus pais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LIMA, H. I.; FRANÇA, F. A. de S. O acesso ao ensino superior no Brasil: resgatando a história do vestibular (1925-1961). **Educação Brasileira**, Brasília, v. 24, n. 48-49, p. 125-150, 2002.

LISBOA, M. D. Orientação profissional e mundo do trabalho: reflexões sobre uma nova proposta frente a um novo cenário. In: SOARES, D. H. P.; LEVENFUS, R. S. (Org.). **Orientação Profissional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LUNA, S. V. de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2003.

MAHEIRIE, K. **Agenor no mundo: um estudo psicossocial da identidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994.

_____. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**, v. VII, n. 13, p. 31-44, 2002.

MARQUES, M. O. da S. Escola noturna e jovens. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5-6, 1997.

MARTINS, H. H. T. de S. O processo de reestruturação produtiva e o jovem trabalhador: conhecimento e participação. **Tempo Social: Rev. Sociol. USP**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 61-87, 2001.

MARX, K. Manuscritos econômicos e filosóficos. In: FROMM, E. **O conceito marxista do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. **Programa Universidade para todos (ProUni)**. Disponível em <<http://prouni-inscricao.mec.gov.br/prouni/>>. Acesso em: 1º ago. 2006.

MELO-SILVA, L. L.; JACQUEMIN, A. **Intervenção em Orientação Vocacional/Profissional: avaliando resultados e processos**. São Paulo: Vetor, 2001.

MENEZES, A. C. **Cursos pré-vestibulares pedem fim do vestibular**. Disponível em: <<http://www.an.com.br/ancapital/2000/mai/08/1ger.htm>> Acesso em: 1º jul. 2005.

MIGUEZ, M. J. B. **Cursinho da UFSC – Inclusão para a Vida**. Programa de Apoio à Extensão Universitária voltado às Políticas Públicas – PROEXT 2004 – SESu/MEC. Florianópolis, 2004.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MINTZ, S. W. Encontrando Taso, me descobrindo. **Dados – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 45-58, 1984.

MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas (RAE)**, São Paulo: FGV/EAESP, v. 41, n. 3, p. 8-19, 2001.

Medida Provisória nº 213/2004. Institui o Programa Universidade para Todos – PROUNI.

NAVARRO, P.; DÍAZ, C. Análisis de contenido. In: DELGADO, J. M.; GUTIÉRREZ, J. **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. [s. n. t.]. p. 177-223, 1994.

OLIVEIRA, I. D. Orientação Profissional no contexto atual. In: OLIVEIRA, I. D. (Org.). **Construindo caminhos: experiências e técnicas em Orientação Profissional**. Recife: Ed. da UFPE, 2000.

PIMENTEL, R. G.; D'AVILA, G. T.; SOARES, D. H. P. Grupos de orientação ao vestibulando: relato de alguns instrumentos utilizados na OV presencial e via Internet. In: MAHL, A. C.; SOARES, D. H. P.; NETO, E. de O. (Org.). **Programa de Orientação Profissional Intensivo: outra forma de fazer Orientação Profissional**. São Paulo: Vetor, 2005.

RIBEIRO, M. A. Demandas em Orientação Profissional: um estudo exploratório em escolas públicas. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo: Vetor, v. 4, n. 1/2, p. 141-151, 2003.

ROMANELLI, O. **A história da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1994.

SAINT-EXUPÉRY, A. **O pequeno príncipe**. Tradução de Dom Marcos Barbosa. 38. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1991.

SANTOS, R. E. dos. Pré-vestibulares populares: dilemas políticos e desafios pedagógicos. **Observatório Latino-americano de Políticas Educacionais (OLPED/LPP)**. Rio de Janeiro, jun. 2005.

SARRIERA, J. C.; CÂMARA, S. G.; BERLIM, C. S. **Formação e Orientação Ocupacional: manual para jovens à procura de emprego**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SARTRE, J. P. Questão de método. In: **Os pensadores**. Tradução de Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1987. (Trabalho original publicado em 1957).

_____. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução de Paulo Perdiggão. Petrópolis: Vozes, 2000. (Trabalho original publicado em 1943).

SAWAIA, B. B. Comunidade como ética e estética da existência: uma reflexão mediada pelo conceito de identidade. **PSYKHE**, v. 8, n. 1, p. 19-25, 1999.

_____. Introdução: exclusão ou inclusão perversa? In: SAWAIA, B. B. (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SCHIESSL, C. S.; SARRIERA, J. C. Refletindo a questão do ingresso ao ensino superior: dificuldades e expectativas dos jovens de ensino médio. In: SARRIERA, J. C.; ROCHA, K. B.; PIZZINATO, A. (Orgs.). **Desafios do mundo do trabalho: orientação, inserção e mudanças**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SCHLICHTING, A. M. S.; SOARES, D. H. P.; BIANCHETTI, L. Vestibular seriado: análise de uma experiência em Santa Catarina. **Psicologia & Sociedade**, v. 16, n. 2, p. 114-126, maio/ago. 2004.

SENNET, R. **O declínio do homem público**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SESTREN, G. **Projeto profissional do trabalhador bancário**: o caso do Programa de Demissão Incentivada do Banco do Estado de Santa Catarina. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

SILVEIRA, M. Crise de talentos. **Você S/A**, São Paulo: Abril, ed. 98, ago. 2006.

SINGER, P. **Globalização e desemprego**: diagnóstico e alternativas. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, D. H. P. **A escolha profissional**: do jovem ao adulto. São Paulo: Summus, 2002.

_____. **Choix professionnel**: Projet Des Parents - Projet Des Adolescents. França: Presses Universitaires du Septentrion, 1997. 334 p.

SOARES-LUCCHIARI, D. H. P. **O que é escolha profissional**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. **Pensando e vivendo a Orientação Profissional**. São Paulo: Summus, 1993.

SOUZA, C. A. de. Reflexões sobre trabalho, identidade e projeto de vida: sua relação com o processo de orientação profissional. **Revista da ABOP**, v. 1, n. 1, p. 47-57, 1997.

STREY, M. N.; GONZALEZ, A. M.; MARTINEZ, J. L.; CARRASCO, J. M. M. A construção do projeto profissional na mulher: estudo de alguns aspectos psicossociais. **Psico**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 9-28, jan./jun. 1995.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em Educação. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

_____. **Bases teórico-metodológicas da pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**: idéias gerais para a elaboração de um projeto de pesquisa. Porto Alegre: Faculdades Integradas Ritter dos Reis, 2001.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VÉRAS, M. Exclusão Social: um problema brasileiro de 500 anos (notas preliminares). In: SAWAIA, B. B. (Org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

WHITAKER, D. C. A.; FIAMENGUE, E. C. Ensino médio: função do estado ou da empresa? **Educação & Sociedade**, ano XXII, n. 75, ago. 2001.

XIKOTA, J. L. **Planejamento de carreira**: um estudo com egressos de cursos de administração. 2004. 93 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

ZAGO, N. A entrevista e seu processo de constituição: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P. de; VILELA, R. A. T. (Org.). **Itinerários de pesquisa**: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ZANELLI, J. C.; BASTOS, A. V. B. Inserção profissional do psicólogo em organizações e no trabalho. In: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. (Org.). **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

WAGNER, A.; FALCKE, D.; MEZA, E. B. D. Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, 1997.

WANDERLEY, M. B. Refletindo sobre a noção de exclusão. In: SAWAIA, B. B. (Org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Geruza Tavares D'Avila e estou desenvolvendo dissertação de mestrado em Psicologia intitulada “Projeto Profissional de vestibulandos: um estudo de caso no Cursinho Pré-vestibular popular da Universidade Federal de Santa Catarina”, com o objetivo de verificar se existem e quais seriam as relações entre o cursinho pré-vestibular popular da UFSC e o projeto profissional de seus estudantes.

Este estudo é necessário, entre outros motivos, porque poderá contribuir para o desenvolvimento de novas formas de trabalho tanto em Orientação Profissional como, também, em espaços educacionais públicos e/ou privados, que visem à formação escolar e universitária dos sujeitos. Serão realizadas entrevistas que poderão possibilitar aos sujeitos tomar conhecimento de algumas áreas de sua vida, especialmente a área profissional. Isto não trará riscos aos envolvidos e espero que todos os participantes sintam-se, após a realização das entrevistas, mais conhecedores de sua trajetória de vida e de seu futuro profissional. Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo ou não quiser mais fazer parte do mesmo, pode entrar em contato pelos telefones 33318213 ou 33319973. Se você estiver de acordo em participar, posso garantir que você não será identificado e as informações fornecidas, isto é, o material coletado, serão confidenciais e só serão utilizadas nesta pesquisa.

Geruza Tavares D'Avila
(geruzad@yahoo.com.br)

Consentimento pós-informação

Eu, _____, fui esclarecido(a) sobre a pesquisa “Projeto Profissional de vestibulandos: um estudo de caso no Cursinho Pré-Vestibular Popular da Universidade Federal de Santa Catarina” e concordo que meus dados sejam utilizados na realização da mesma.

Florianópolis, ____ de _____ de 2005.

Assinatura: _____ Registro Geral (RG): _____

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**O ENSINO SUPERIOR COMO PROJETO PROFISSIONAL PARA “SER ALGUÉM”:
repercussões de um cursinho pré-vestibular popular na vida dos estudantes**

Área de Concentração: Práticas Sociais e Constituição do Sujeito
Pesquisadora Principal: Geruza Tavares D’Avila
Orientadora: Dulce Helena Penna Soares

Roteiro de entrevista semi-estruturada

Data:/..../2005.

Nome fictício a ser escolhido pelo entrevistado:

Idade (anos completos):

Sexo: () Feminino. () Masculino.

Recebeu taxa de isenção? () Sim, total. () Sim, parcial. () Não recebeu.

Perfil do entrevistado

- 1) Escola(s) que freqüentou no ensino fundamental e médio (se particular ou pública, se com bolsa de estudos ou não):
- 2) Realizou cursos técnicos?
- 2a) Se não concluiu, explicar o motivo.
- 3) Você já teve alguma experiência de trabalho remunerado?
- 4) Atualmente você trabalha? Comente.
- 5) Já prestou exame vestibular anteriormente?
- 6) Você já participou de um curso pré-vestibular antes do cursinho popular da UFSC? Contextualize.

Curso Popular da UFSC

- 7) Como foi para você ter sido escolhido para freqüentar o cursinho? Comente.
- 8) Qual a importância do cursinho pré-vestibular popular da UFSC para você?
- 9) O que você pensa quando escuta a expressão “futuro profissional”?

10) Você lembra quais eram seus planos profissionais (ou acadêmicos) antes de ingressar no cursinho?

11) Você acha que estes planos profissionais mudaram?

11a) Se afirmativo, quais foram as mudanças?

12) Como o cursinho contribuiu para a sua vida profissional?

13) Qual a relação que você percebe entre o cursinho pré-vestibular popular da UFSC e a sua vida profissional?

14) Comentários do entrevistado:

.....

Observações gerais do pesquisador:

.....

ANEXOS

ANEXO A – PARECER NÚMERO 369/05



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS – CEPESH
PARECER CONSUBSTANCIADO – PROJETO Nº 369/05**

I – Identificação

- **Título do Projeto:** *Projeto profissional de vestibulandos: um estudo de caso no cursinho Pré-Vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina*

- **Pesquisador Responsável:** Dulce Helena Penna Soares

- **Pesquisador Principal:** Geruza Tavares D'Ávila

- **Data Coleta dados:** 01/12/2005 a 20/12/2005.

- **Local onde a pesquisa será conduzida:** Universidade Federal de Santa Catarina

II – Objetivos:

Geral:

- Compreender as possíveis relações da frequência ao cursinho pré-vestibular popular da UFSC, por parte dos estudantes, para o seu projeto profissional.

Específicos:

- Identificar a noção de projeto profissional para estudantes que frequentaram o cursinho pré-vestibular popular da UFSC;
- verificar quais eram os projetos profissionais dos sujeitos anteriormente ao seu ingresso no referido cursinho e como estes se atualizam, após a inserção dos sujeitos neste espaço; e
- identificar qual a relação que os sujeitos estabelecem entre o cursinho pré-vestibular popular da UFSC e o seu projeto profissional.

III – Sumário do Projeto

Trata-se de projeto de dissertação de mestrado em Psicologia, da pesquisadora principal, cuja justificativa baseia-se na relevância teórica e social: pautando-se no número ainda inexpressivo de trabalhos na área de Orientação Profissional; e na construção do projeto profissional por parte dos frequentantes dos cursinhos pré-vestibulares, respectivamente. É uma análise qualitativa, com estudo de caso do tipo multicaso, com cerca de 10 sujeitos participantes, através de uma entrevista semi-estruturada com perguntas abertas e fechadas. A escolha dos sujeitos da pesquisa está ancorada em parâmetros como frequência e atrasos não justificados, e como outro possível critério o empréstimo de livros selecionados para as provas do vestibular realizado pela coordenação do cursinho, bem como a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por parte dos sujeitos pré-escolhidos.

As entrevistas serão concedidas nas salas de atendimento individual do Serviço de Atendimento Psicológico (SAPSI) da UFSC.

Para a análise das informações coletadas via entrevista será utilizada técnica de análise de conteúdo, de acordo com literatura técnica, citada no presente projeto.

IV – Comentário

O protocolo da pesquisa contém documentos necessários para a sua análise e exigidos pela legislação. Apresenta relevância social e científica, e os pesquisadores, pela análise dos currículos, encontram-se capacitados para sua execução. O TCLE está de acordo com o preconizado pela Resolução CNS 196/96. O projeto contém em anexo o roteiro de entrevista semi-estruturada a ser aplicado e contempla, no nosso entendimento, os requisitos para ser aprovado por este Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

V – Parecer CEP

aprovado

aprovado *ad-referendum*

reprovado

com pendência (detalhes pendência) *

retirado

aprovado e encaminhado ao CONEP

Informamos que o parecer dos relatores foi aprovado por unanimidade em reunião deste Comitê na data de 28 de novembro de 2005.

VI – Data da Reunião

Florianópolis, 28 de novembro de 2005.

Vera Lúcia Bosco

Coordenadora do CEPSH

Fonte: CONEP/ANVS – Resoluções 196/96 e 251/97 do CNS.

*** O processo em pendência deverá retornar em 60 dias ao Comitê. (Caso o projeto seja aprovado ou não aprovado desconsiderar este item do parecer.)**